

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Mateus Cordenonsi Bonez**

**COTIDIANO E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA - UM ESTUDO  
ETNOGRÁFICO COM TRABALHADORAS DOMÉSTICAS  
MILITANTES**

Santa Maria, RS  
2018

**Mateus Cordenonsi Bonez**

**COTIDIANO E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA - UM ESTUDO ETNOGRÁFICO  
COM TRABALHADORAS DOMÉSTICAS MILITANTES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jurema Gorski Brites  
Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Monalisa Dias de Siqueira

Santa Maria, RS  
2018

Cordenonsi Bonez, Mateus  
COTIDIANO E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA- UM ESTUDO  
ETNOGRÁFICO COM TRABALHADORAS DOMÉSTICAS MILITANTES /  
Mateus Cordenonsi Bonez.- 2018.  
160 p.; 30 cm

Orientadora: Jurema Gorski Brites  
Coorientadora: Monalisa Dias de Siqueira  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2018

1. Trabalhadoras domésticas 2. Sindicato 3. Práticas  
de resistência 4. Cotidiano I. Gorski Brites, Jurema II.  
Dias de Siqueira, Monalisa III. Título.

Mateus Cordenonsi Bonez

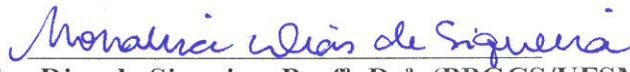
**COTIDIANO E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA- UM ESTUDO ETNOGRÁFICO  
COM TRABALHADORAS DOMÉSTICAS MILITANTES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

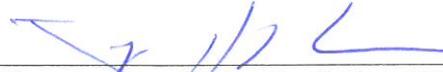
Aprovada em 31 de agosto de 2018:



**Jurema Gorski Brites, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. (PPGCS/UFSM).**  
(Presidente/Orientadora)



**Monalisa Dias de Siqueira, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. (PPGCS/UFSM).**  
(Coorientadora)



**Joaze Bernardino-Costa, Prof. Dr. (SOL/UnB).**  
(Examinador Externo)



**Cláudia Turra Magni, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. (PPGAnt/UFPEL).**  
(Examinadora Externa)

Santa Maria, RS  
2018

## DEDICATÓRIA

*À minha mãe Maria Izabel Cordenonsi Bonez por ter me incentivado nos estudos mesmo com as dificuldades diárias de criar eu e minha irmã sozinha. Você é incrivelmente forte, minha maior inspiração.*

*Às diretoras do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas-RS. Vocês são as pessoas mais criativas que conheci.*

## AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho só foi possível porque tive o auxílio e a compreensão de várias pessoas. Por isso, de uma maneira especial, agradeço:

- à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa.

- aos homens e mulheres do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Em especial, agradeço as imensas contribuições burocráticas da servidora do PPGCS Jane Santos.

- à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Sem dúvidas é o meu lugar preferido da cidade e desde a minha infância é um espaço essencial para minha sociabilidade.

- às professoras e avaliadoras pela gentileza de aceitarem compor a banca, ler e contribuir para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

- à minha orientadora Jurema Brites que desde 2013 me acompanha na vida acadêmica. Obrigado pelos conselhos e pelos debates sobre antropologia que sempre foram uma inspiração para mim.

- à minha coorientadora Monalisa Dias de Siqueira, obrigado por atenciosamente ter aceitado esta orientação no último ano do mestrado, mesmo tendo muitas coisas pra fazer. O seu trabalho foi espetacular e me ajudou muito no último ano do curso de mestrado.

- ao Prof. Dr. Francis Moraes de Almeida pela gentileza de ter me recebido em sua casa, junto com sua esposa Monalisa, para que fizéssemos as revisões da dissertação. Obrigado pelos ótimos cafés que sempre nos ajudaram nas várias horas de leitura.

- às mulheres interlocutoras e produtoras desta pesquisa, Ernestina, Leda, Cláudia e Terezinha. Muito obrigado por terem me aceitado em um meio onde pesquisadores homens pouco aparecem. Vocês foram muito legais comigo em tudo. Obrigado pelas conversas e pelos cafés, almoços, jantas etc. Conhecer Pelotas através do convívio com vocês foi uma das coisas mais incríveis da minha vida. Jamais me esquecerei da gentileza diária e da luta por melhores condições que vocês transmitem com muita força.

- à minha família que sempre botou fé na minha trajetória na universidade, mesmo eles não sendo próximos ao meio acadêmico.

- à minha mãe, Maria Izabel Cordenonsi Bonez, por toda ajuda diária. Pelo trabalho de cuidado. Pelo trabalho doméstico que durante muitos anos não foi percebido por mim como uma atividade laboral, principalmente como um trabalho feminino e como um trabalho digno,

importantíssimo e muito difícil. A sua preocupação comigo foi muito importante para que eu conseguisse alcançar algumas coisas na vida.

- à minha irmã Doutora Pauline Cordenonsi Bonez pela parceria e pelas incontáveis ajudas e ensinamentos nos meus trabalhos acadêmicos. Você é uma inspiração como pesquisadora e como pessoa.

- ao meu pai Enio Bonez, filósofo e professor, que infelizmente não está mais no plano terreno. São tantas as histórias e exemplos que me fazem seguir firme.

- ao meu cunhado e amigo Mateus Lopes de Moraes, obrigado pelo incentivo e passeios que fizemos juntos.

- ao meu irmãozinho Shiva, o não- humano mais lindo do universo. Obrigado pela parceria em inúmeras madrugadas e pelo seu olhar que me gera uma paz imensa.

- aos meus amigos de Camobi (Borderlines) e da minha banda Vespertinos. Obrigado pelas conversas sobre qualquer coisa e pelas noites ébrias mais legais da minha vida.

- ao meu amigo Rodrigo Schimitz, sua esposa Camila Mulazzani e o pequeno Martim por terem me recebido e me hospedado em Pelotas quando eu precisei.

- aos meus colegas e às minhas colegas da turma de 2016 do mestrado. Obrigado pelos momentos de lazer e pelas ótimas discussões.

- à minha colega e amiga Karen Kaercher por tantos anos de parceria nas ciências sociais e nos estudos antropológicos.

- à minha bateria, que me acompanha há muitos anos e que faz pulsar felicidade na minha alma. Especialmente, às minhas baquetas que ficam no meu quarto. Os intervalos da escrita acadêmica foram divertidos com vocês do lado.

- ao time do Grêmio treinado por Renato Portaluppi. Fui mais feliz em meio a escrita acadêmica devido aos inesquecíveis jogos da Libertadores da América de 2017.

*Vienen bajando las multitudes inquietas.  
Con su espalda rota en los festejos de primavera.*

(Vienen bajando- El Mato a um Policia Motorizado)

## RESUMO

### COTIDIANO E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA - UM ESTUDO ETNOGRÁFICO COM TRABALHADORAS DOMÉSTICAS MILITANTES

AUTOR: Mateus Cordenonsi Bonez

ORIENTADORA: Jurema Gorski Brites

COORIENTADORA: Monalisa Dias de Siqueira

O presente trabalho apresenta uma pesquisa etnográfica *multisituada* realizada com trabalhadoras domésticas militantes da cidade de Pelotas – RS, contemporaneamente. Esta investigação antropológica visa compreender o desenvolvimento de práticas de resistência no cotidiano de trabalhadoras domésticas sindicalistas, para além das atividades institucionais do sindicato. A etnografia foi realizada, principalmente, com quatro interlocutoras trabalhadoras domésticas militantes, a saber: Ernestina, Terezinha, Leda e Cláudia. O universo da pesquisa é composto por fotografias e depoimentos da produção conjunta das *fotobiografias* das quatro militantes e pelo ambiente interno do sindicato, onde, através da observação participante, acompanhei atendimentos, reuniões e confraternizações. As *fotobiografias* revelaram as histórias de vida das militantes, como também a luta das trabalhadoras domésticas durante décadas. A partir disso, com as fotografias e depoimentos que fizeram trabalhar as memórias dessas mulheres, a história do movimento sindical das trabalhadoras domésticas no Brasil foi contada, ressaltando, principalmente, as ligações e influências da Igreja Católica, do Movimento Negro e das ONGs feministas. A observação participante, com o convívio prolongado com as sindicalistas nos atendimentos e reuniões do cotidiano do sindicato, fez transparecer a existência do trabalho de cuidado ligado às burocracias, bem como a comunicação e os aprendizados relacionados aos usos de materiais gráficos, além das relações de sociabilidade dinamizadas entre a família e o sindicato. Em suma, a dissertação busca compreender o desenvolvimento das práticas de resistência a partir das histórias de vida e da história do movimento das trabalhadoras domésticas até as peculiaridades do ambiente interno de burocracias e sociabilidades do sindicato de Pelotas. Com isso, compreendeu-se que existe uma rede de sociabilidade e militância que norteia as principais práticas do sindicato, não sendo estas restringidas aos parceiros consolidados historicamente. Assim, as burocracias do sindicato, as relações de sociabilidade, o lazer e a família, juntamente com os parceiros históricos, de uma forma indissociável dinamizam as práticas de resistência cotidianas.

**Palavras-chave:** Trabalhadoras domésticas. Sindicato. Práticas de resistência. Cotidiano.

## ABSTRACT

### EVERYDAYLIFE AND RESISTANCE PRACTICES - AN ETHNOGRAPHIC STUDY WITH MILITANT DOMESTIC WORKERS

AUTHOR: MATEUS CORDENONSI BONEZ  
ADVISER: JUREMA GORSKI BRITES  
CO-ADVISER: MONALISA DIAS DE SIQUEIRA

This work presents the *multisituated* ethnographic research performed with militant domestic workers of Pelotas-RS, contemporaneously. This anthropological research aims to understand the development of resistance practices in everydaylife of trade union domestic workers, in addition to institutional activities of the trade union. Ethnography was carried out, especially, with four interlocutors, namely: Ernestina, Terezinha, Leda and Claudia. The research universe is composed of photographs and testimonies of joint production of *photobiographies* of four militants and the internal environment of trade union, where, through participant observation, I followed attendances, meetings and get-togethers. The *photobiographies* revealed the militants life stories, as also the fight of domestic workers for decades. From this, with the photographs and testimonies that made working the memories of these women, the history of the trade union domestic workers movement in Brazil was counted, highlighting, especially, the connections and influences of the Catholic Church, the Black Movement and feminists NGOs. The participant observation, with the prolonged contact with unionists in attendances and meetings of everydaylife of trade union, evidenced the existence of a care work linked to bureaucracies, as also communication and learning related to use graphic materials, as well as the dynamized sociability relations between the family and trade union. In short, the dissertation seeks to understand the development of resistance practices from life histories and of the history of domestic workers movement to the peculiarities of internal environment of bureaucracies and sociabilities of Pelotas trade union. With this, was understood that there is a network of sociability and militancy that guides the principal trade union practices, not being restricted to historically consolidated partners. Thus, the trade union bureaucracies, sociability relations, leisure and family, together with historical partners, in an inseparable way dynamize everydaylife resistance practices.

**Keywords:** Domestic workers. Trade union. Resistance practices. Everydaylife.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Folheto confeccionado pelo sindicato.....	123
Figura 2 - Cartilha da CUT.....	127
Figura 3 - Livreto do Senador Paulo Paim. ....	128
Figura 4- Redes de apoio. ....	130
Figura 5- Ações internas do sindicato.....	134
Figura 6- A didática lúdica da FENATRAD.....	135

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CFEMEA	Centro Feminista de Estudos e Assessoria
CONTRACS	Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços
EUA	Estados Unidos Da América
FENATRAD	Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JOC	Juventude Operária Católica
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
NGO	Non-Governmental organization
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 RECORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS - O PERCURSO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA</b> .....	17
1.1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO .....	17
1.2 A VIDA SOCIAL DOS OUTROS - INSPIRAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS..	21
1.3 ROTAS METODOLÓGICAS .....	28
<b>1.3.1 Antropologia e imagem - a fotobiografia e as fotografias</b> .....	30
1.4 VIAGEM À ROMARIA DA TERRA E A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE-PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES .....	36
1.5 O UNIVERSO DA PESQUISA E PRINCIPAIS INTERLOCUTORAS .....	41
<b>2 FOTOBIOGRAFIA - O SERVIÇO DOMÉSTICO BRASILEIRO E SUAS MOBILIZAÇÕES</b> .....	43
2.1 AS FOTOBIOGRAFIAS .....	43
2.2 FOTOBIOGRAFIA DE LEDA.....	44
<b>2.2.1 Arranjo visual 1: escolha e ordenação de dez fotografias</b> .....	49
<b>2.2.2 Arranjo visual 2: escolha e ordenação de três fotografias</b> .....	51
2.3 FOTOBIOGRAFIA DE CLÁUDIA.....	52
<b>2.3.1: Arranjo visual 1: A escolha e a ordenação de dez fotografias</b> .....	58
<b>2.3.2 Arranjo visual 2: a escolha e a ordenação de três fotografias</b> .....	59
2.4 FOTOBIOGRAFIA DE TEREZINHA.....	60
<b>2.4.1 Arranjo visual 1: a escolha e a ordenação de dez fotografias</b> .....	66
<b>2.4.2 Arranjo visual 2: a escolha e a ordenação de três fotografias</b> .....	67
2.5 FOTOBIOGRAFIA DE ERNESTINA .....	68
<b>2.5.1 Arranjo visual 1: a escolha e a ordenação de dez fotografias</b> .....	74
<b>2.5.2 Arranjo visual 2: a escolha e a ordenação de três fotografias</b> .....	75
2.6 SERVIÇO DOMÉSTICO E MILITÂNCIA .....	76
<b>2.6.1 Estudos do trabalho doméstico- um breve arcabouço teórico</b> .....	76
<b>2.6.2 O sindicato e as redes - indissociabilidade e autonomia</b> .....	83
<b>3 ATENDIMENTOS, APRENDIZAGEM E SOCIABILIDADE- A DINÂMICA INTERNA DO SINDICATO</b> .....	103
3.1 O SINDICATO E OS ASPECTOS GERAIS DOS ATENDIMENTOS.....	103
3.2 AS RESCISÕES DE CONTRATO E O TRABALHO DE CUIDADO .....	109
<b>3.2.1 Desinformação e a suposta supremacia da voz do patrão (ao)- o caso de Maria</b> ..	112
<b>3.2.2 Achando caminhos entre espinhos: quem cuida da cuidadora Fabiana?</b> .....	113
3.3 COLOCAÇÕES ACERCA DO CARE .....	116
3.4 A ESFERA ÍNTIMA DO SINDICATO .....	121
<b>3.4.1 Diálogos, materiais gráficos e aprendizagem</b> .....	121
<b>3.4.2 Narrativas das impressões gráficas</b> .....	126
3.5 CONFRATERNIZAÇÕES DO SINDICATO- ARRANJOS DESDE A SOCIABILIDADE E A FAMÍLIA.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	145
REFERÊNCIAS .....	149

## INTRODUÇÃO

O presente manuscrito diz respeito a um trabalho antropológico com pesquisa de campo etnográfica entre trabalhadoras domésticas<sup>1</sup> ligadas ao sindicato de Pelotas- RS, fundado em 1989. Minhas inspirações teórico-metodológicas balizaram um esforço investigativo para a compreensão do desenvolvimento de práticas cotidianas, mais especificamente, práticas cotidianas de resistência. Dentro deste quadro, pesquisei as práticas de resistência cotidianas de mulheres (ex- trabalhadoras domésticas e trabalhadoras atuais) que enfrentaram e enfrentam opressões de gênero, raça e classe no contexto laboral em que estão inseridas; mulheres que, de alguma forma, resistem a uma conjuntura desfavorável ligada às condições de invisibilidade, pobreza e subalternidade. O que se segue desenrolou-se sob a ótica de uma etnografia *multisituada* com aportes de uma *antropologia visual*. Também, em grande parte da investigação, objetivou-se a construção etnográfica através da *antropologia compartilhada*.

O tema deste estudo centra-se nas práticas de resistência e no cotidiano e a delimitação do mesmo direciona-se para fenômenos sociais que extrapolam as práticas estritamente alocadas na dinâmica do sindicato. Tenho o intuito de ressaltar práticas cotidianas de um grupo e de sua liderança frente às exigências e opressões que permeiam suas vidas em diversos âmbitos, da luta sindical às ligações com outros movimentos sociais, dos problemas materiais e burocráticos do sindicato e da própria sobrevivência das militantes aos de ordem emocional que permeiam o cotidiano de trabalho da sede pelotense. Além disso, saliento a complexidade das relações políticas e sociais do trabalho doméstico remunerado e, obviamente, da luta dessa categoria no Brasil.

O serviço doméstico está vinculado às condições desfavoráveis de classe, gênero, raça e nacionalidade. Consolidou-se no Brasil enquanto atividade extremamente estigmatizada por heranças coloniais e da escravidão. Neste sentido, sua relação com a luta política apresenta singularidades, pois não possui um local de trabalho que facilite ou impulsione a aglutinação de sujeitos afim de mobilizações de caráter reivindicatório dos direitos legais e políticos, bem como reflete um cotidiano que escancara dificuldades de ordens econômicas e sociais que reincidentemente relacionam-se às condições da mulher negra<sup>2</sup> e de baixa renda no Brasil.

---

<sup>1</sup> Apesar de algumas mulheres interlocutoras da pesquisa denominarem-se enquanto “doméstica” ou “trabalhadora”, ao longo do texto utilizei os termos “trabalhadoras domésticas”, “diretoras”, “militantes”, “sindicalistas” e “sindicalizadas”, mesmo se aposentadas, pois muitas delas se enxergam assim nas funções do sindicato. Isto se dá, também, pelo fato destas expressões estarem ligadas à postura da luta sindical e cotidiana dessas mulheres, bem como ao universo acadêmico que baliza o tema em questão.

<sup>2</sup> Pude perceber facilmente a proeminência de mulheres negras ligadas ao sindicato. Aqui, é necessário dizer, que Pelotas tem uma população negra bastante grande, bem como periferias marcadas pelo recorte racial. Também

Sendo assim, esclareço que a delimitação do tema *práticas de resistência e cotidiano* diz respeito às resistências cotidianas presentes nas relações sociais dessas mulheres, a saber: práticas cotidianas existentes na dinâmica dos atendimentos, organização de eventos e nos agenciamentos políticos que compõem a atmosfera do movimento nacional das trabalhadoras domésticas. O desenvolvimento de práticas de resistência no âmbito da vida ordinária recebe aqui uma ênfase condizente com sustentáculos ocultos de uma luta subalterna, muitas vezes velada, mas que pode ser observada nas agências de mulheres pobres, negras e segregadas historicamente pelas estruturas coloniais da sociedade brasileira.

O trabalho doméstico remunerado serviu de foco para várias pesquisas na área das ciências sociais, mas como se trata de uma temática sublinhada por complexidades e invisibilidades, algumas questões persistem e outras surgem. Preocupações voltadas para o trabalho doméstico e migrações, motivações das trabalhadoras, sindicalismo e luta política, externalização de tarefas reprodutivas, dentre outras coisas, ainda carecem de investigações (BRITES, 2013). Também, os números elevados deste universo laboral doméstico fazem com que sejam cada vez mais importantes empreendimentos direcionados para um campo tão vasto e ao mesmo tempo tão invisível. Além disso, muitas mudanças, como os direitos conquistados pela categoria a partir da *PEC das domésticas*<sup>3</sup>, estão propiciando novos horizontes para pesquisas a respeito do mundo do trabalho da mulher trabalhadora doméstica e sobre a luta dessas mulheres, com as respectivas vitórias frente a um sistema de exclusão social e trabalhista. Muitos questionamentos rondam este tema, ainda mais com as recentes mudanças. O que se percebe é uma preocupação das (os) estudiosas (os) em entender de onde surge tamanha força e fôlego para resistência e militância. Algumas perguntas norteiam as aspirações investigativas de pesquisadoras (es), como Jurema Brites, Bernardino-Costa, Luísa Dantas, dentre outros (as) que elucidam questões muito caras para o campo científico e também para o terreno militante. Como uma categoria laboral que há pouquíssimo tempo não tinha seus direitos equiparados aos demais trabalhadores perante a Constituição brasileira consegue manter-se em constante atividade reivindicatória por melhores condições para o serviço doméstico e para a mulher trabalhadora? Qual foi o percurso histórico de conquistas? Também fui incentivado por estas questões e a presente dissertação diz respeito às práticas que surgem, aparentemente, de um contexto desfavorável.

---

como será visto na composição dos capítulos subsequentes, a questão da mulher negra está diretamente ligada ao movimento sindical das trabalhadoras domésticas no Brasil.

<sup>3</sup> Emenda Constitucional 72, mais conhecida como a PEC das Domésticas (PEC 66/2012), que será apresentada e discutida no capítulo II.

O movimento sindical das trabalhadoras domésticas, de meados do século XX até os dias de hoje sofreu mudanças significativas, principalmente em relação aos parceiros de luta, indo das pastorais católicas aos movimentos feministas mais atuais representados, sobretudo, por Organizações Não Governamentais (ONGs) (BERNARDINO-COSTA, 2014). Existem estudos significativos sobre trabalho doméstico remunerado, não remunerado e sobre militância e sindicatos, textos que traduzem muito bem a realidade da luta das trabalhadoras domésticas nos âmbitos políticos, sociais e jurídicos. Sendo assim, foi principalmente a partir das pesquisas do sociólogo brasileiro Joaze Bernardino-Costa e também da minha orientadora Jurema G. Brites que me mobilizei para estudar o tema do trabalho doméstico remunerado, pois a partir deles pude conhecer a realidade brasileira de luta política da categoria.

Conforme as características do tema, então, o problema norteador da pesquisa se dá da seguinte forma: *De que modo práticas de resistência se desenvolvem no cotidiano de trabalhadoras domésticas ligadas ao sindicato da categoria na cidade de Pelotas-RS, contemporaneamente?* Desta maneira, almejo, enquanto objetivo geral, compreender o desenvolvimento de práticas de resistência no cotidiano de trabalhadoras domésticas sindicalizadas, para além das atividades institucionais do sindicato. Os objetivos específicos são: 1. Interpretar e compreender as histórias de vida contidas em uma produção *fotobiográfica* feita em conjunto com as interlocutoras. 2. Construir uma narrativa polifônica no texto etnográfico, através de uma antropologia compartilhada e de uma escrita que ressalte o processo de pesquisa. 3. Conectar as produções textuais êmicas à literatura sobre o tema. 4. Compreender como ocorrem os atendimentos e as organizações de eventos no cotidiano do sindicato. 5. Compreender como ocorre a aprendizagem e a organização do grupo frente às exigências e atributos do sindicato. 6. Apresentar, através de imagens, a estética e a política presentes no cotidiano do sindicato, bem como dos eventos presenciados por mim.

Orientado pelo problema de pesquisa e objetivos, construí três capítulos que compõem esta dissertação. Busquei conectar as histórias de vida evocadas pela antropologia compartilhada das *fotobiografias*, a literatura sobre trabalho doméstico e história do movimento sindical das trabalhadoras domésticas no Brasil, bem como o ambiente interno de ações do sindicato de Pelotas. Ao seguir este caminho teórico-metodológico, a partir da construção de uma narrativa com palavras e imagens visei compreender o desenvolvimento das práticas de resistência que fazem parte do cotidiano das interlocutoras da pesquisa.

No capítulo I, intitulado *Recortes Teórico-Metodológicos – O Percurso da Pesquisa Etnográfica* apresento minha trajetória acadêmica e as motivações que me levaram aos estudos sobre trabalhadoras domésticas e cotidiano. Além disso, reflito sobre os aspectos teórico-

metodológicos que me inspiraram para a edificação desta pesquisa, evidenciando estudos ancorados na antropologia da prática. Também, discorro sobre a etnografia *multisituada*, que foi realizada em consonância com a antropologia compartilhada e com a antropologia visual no trabalho de campo. Em seguida, trago uma primeira descrição etnográfica da viagem que fiz com um grupo de Pelotas, no qual estavam presentes trabalhadoras domésticas, até a Romaria da Terra para refletir acerca da minha inserção em campo. Apresento, por fim, o universo de pesquisa e as interlocutoras.

Já no capítulo II, chamado *Fotobiografia- histórias de vida, serviço doméstico brasileiro e suas mobilizações*, a *fotobiografia* é apresentada enquanto uma construção compartilhada com autoria fluida entre pesquisador e interlocutoras. Com as imagens escolhidas, os depoimentos e a estética da *fotobiografia*, as interlocutoras narram importantes caminhos de suas vidas que são conectados à história dos sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil. A literatura sobre o movimento nacional do serviço doméstico e as *fotobiografias* nos contam que a resistência é alicerçada por parceiros de luta (Igreja Católica, Movimento Negro, Movimento Feminista, dentre outros), historicamente consolidados, ao mesmo tempo em que não se apresentam de forma separada para o desenvolvimento de práticas na vida ordinária dessas mulheres.

No capítulo III, denominado *Atendimentos, Aprendizagem e Sociabilidade- A Dinâmica Cotidiana Do Sindicato* discuto o cotidiano do sindicato que inclui burocracias, aprendizados, sociabilidades e trabalho de cuidado. Apresento os atendimentos diários onde acontecem rescisões de salários, bem como diversas abordagens que ajudam muitas mulheres da região a se situarem em um local mais adequado para o alcance de direitos trabalhistas, sociais e políticos essenciais para o campo do serviço doméstico. Discorro também sobre o uso dos materiais gráficos que aparecem como centrais para a comunicação e aprendizagem entre as diretoras sindicais e entre elas e trabalhadoras atendidas. Por fim, enfatizo as confraternizações e a relação entre sociabilidade, família e militância.

Em suma, a presente etnografia compreendeu que as práticas de resistência se desenvolvem em uma dinâmica onde histórias de vida, história do sindicalismo das trabalhadoras domésticas, militância, sociabilidades, trabalho de cuidado, aprendizagem, lazer e família são indissociáveis. O campo das práticas do cotidiano destas mulheres militantes, mesmo que invisibilizado dialoga diretamente com as dinâmicas institucionais e políticas mais amplas.

## **1 RECORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS - O PERCURSO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA**

Este capítulo apresenta a construção do objeto de pesquisa, a minha inserção em campo, bem como os alicerces metodológicos e éticos. Também, mostro algumas de minhas inspirações biográficas e bibliográficas que contribuíram para incursão etnográfica realizada entre maio de 2017 e maio de 2018. No decorrer deste capítulo procuro situar percepções e acepções que nortearam o estudo entre trabalhadoras domésticas sindicalistas mostrando o caminho teórico-metodológico que se adequou ao universo empírico e simbólico desta investigação. Descrevo, por fim, minha experiência etnográfica na viagem à Romaria da Terra junto a um grupo de domésticas militantes e outros (as) moradores de Pelotas.

### **1.1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO**

Muitos fatores encaminharam-me até uma pesquisa etnográfica entre mulheres trabalhadoras domésticas e sindicalistas, sendo eles pessoais e acadêmicos. Desde o começo da minha graduação em ciências sociais me interessei por pesquisas antropológicas e sociológicas sobre o mundo urbano, que contém desdobramentos diversos que vão do trabalho ao lazer e de questões macrosociológicas às microsociológicas. Dentro desta grande área, fui motivado, no que concerne as questões pessoais, a estudar o universo aparentemente “simples” e “escondido” do cotidiano, pois minha sensibilidade acabou por incitar aspectos emotivos que emergem da minha ótica frente ao que sempre me pareceu mecânico e excruciante (a vida ordinária) em alguns lugares, sobretudo no meu Bairro. O bar<sup>4</sup> que recebe sempre os mesmos homens, a construção civil que apresenta a cada esquina as mesmas hierarquias, os entregadores de jornal que todos os dias no mesmo horário da manhã chegavam até minha rua, dentre outras configurações, sempre me instigaram fortemente a olhar de uma forma mais atenta para a vida cotidiana no âmbito urbano. Estas observações acabaram por me levar a fazer uma pesquisa de conclusão de curso sobre o dia a dia de homens em um bar de caráter popular, mas também a pensar o universo do trabalho doméstico de modo geral, pois desde que nasci convivo com duas mulheres (minha mãe e minha irmã) e este fato escancara desigualdades de gênero contidas na

---

<sup>4</sup> Meu trabalho de conclusão de curso, em ciências sociais bacharelado no ano de 2015, foi sobre sociabilidade masculina em um bar de caráter popular na cidade de Santa Maria- RS. Ver resumo publicado no Grupo de trabalho (GT) 126 da Reunión de Antropologia del Mercosul (RAM 2015, Montevideu) no endereço <http://xiram.com.uy/actas-del-congreso/grupos-de-trabajo/ver-todos-resumenes>.

superfície de um cotidiano íntimo onde as tarefas domésticas (quase nunca divididas igualmente entre homens e mulheres) dizem muito sobre realidades mais amplas.

No que diz respeito às minhas vivências acadêmicas, ressalto a importância de trabalhos feitos sob a orientação da antropóloga Jurema G. Brites, pois foi onde tive contato com pesquisas antropológicas e sociológicas sobre o mundo do trabalho e sobre gênero. Dentro deste quadro, conheci trabalhos científicos sobre serviço doméstico, subalternidades, trabalho emocional, trajetórias políticas de militantes, dentre outros temas, objetos e sujeitos de pesquisa. Desde o momento em que decidi pesquisar o universo das trabalhadoras domésticas, o que foi ao encontro de minhas aspirações de estudar o cotidiano e as agências mais “escondidas” da vida social, pois o trabalho doméstico reflete numerosas formas de investigação acerca da vida cotidiana. Sendo assim, me interessei em tentar compreender relações laborais e políticas. Neste contexto, destaco dois artigos da área de ciências sociais que me inspiraram significativamente e que sintetizam o que de certa forma propulsionou meu projeto de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM, a saber: *Trabalho doméstico- questões, leituras e políticas* da minha orientadora Jurema Brites e *Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil* do sociólogo Joaze Bernardino-Costa.

O primeiro artigo diz respeito a um estado da arte da área de investigação do trabalho doméstico no Brasil, onde pude, através de leituras e inúmeras conversas e orientações, conhecer as condições do labor doméstico historicamente e contemporaneamente. Além disso, antes da consolidação do texto de Brites, participei, juntamente com uma colega de iniciação científica, de um levantamento referente aos trabalhos (artigos, dissertações, teses, etc.) situados nas plataformas *online* de armazenamento e divulgação de trabalhos acadêmicos no Brasil e na América Latina (respectivamente, utilizamos como meio de pesquisa os sites Scielo e Redalyc). Fizemos esse levantamento como parte dos ofícios da orientação e para contribuir em uma parte do trabalho da nossa orientadora.

O segundo refere-se aos estudos de Bernardino-Costa sobre a luta da categoria das trabalhadoras domésticas no Brasil. Neste caso, me deparei com categorias e conceitos instigantes para minhas perspectivas antropológicas, como *coloneidade do poder* e *interseccionalidade emancipadora*, pontos cruciais para uma adequada interpretação da luta das domésticas no âmbito associativo e sindical. A partir da leitura de seus textos sobre sindicatos e trabalhadoras domésticas é que propulsei a edificação do meu projeto de pesquisa e do meu objeto, no condizente aos esforços teóricos do tema no Brasil. Este

importante autor acabou por me instigar a estudar essas mulheres, mas de outra maneira, com uma ótica antropológica que priorizasse ações cotidianas.

Sendo assim, realizei uma etnografia na cidade de Pelotas, porque lá existe um sindicato das trabalhadoras domésticas, não “patronal”<sup>5</sup> e muito atuante na luta nacional que visitei em 2013 pela primeira vez para acompanhar minha orientadora em uma entrevista com a líder sindical. Este acontecimento me ajudou muito na escolha do universo empírico três anos depois quando ingressei no mestrado em ciências sociais da UFSM. Visando inserir-me em campo e delimitar o universo de pesquisa passei a interagir via Facebook com a liderança sindical Ernestina<sup>6</sup>, mulher de 61 anos que milita em prol dos direitos das trabalhadoras domésticas, sindicalmente, desde 1989, ano da fundação do sindicato dos trabalhadores domésticos de Pelotas-RS. As nossas conversas foram muito produtivas e fui muito bem recebido por ela. Primeiramente, no contexto de conversas pela internet e depois presencialmente, quando participei no final de 2016 de um evento de final de ano do sindicato, juntamente com uma pesquisadora de iniciação científica e com a minha orientadora. Sob a minha ótica, no período mencionado, eu não estava fazendo um trabalho etnográfico ideal para minhas aspirações, pois não estava em contato prolongado com as interlocutoras da pesquisa, percepção esta que mudou durante o processo reflexivo sobre o fazer etnográfico que foi se desenvolvendo em consonância com as variadas formas de interações que tive com as mulheres do sindicato. Obviamente, leituras metodológicas foram significativas para certas mudanças de perspectiva.

Deste modo, direcionei meu problema de pesquisa para uma proposta de compreensão de práticas cotidianas de resistência de mulheres (trabalhadoras domésticas) do sindicato de Pelotas-RS. Este processo aconteceu, também, devido às leituras de antropólogos (as) da antropologia da prática que fiz em cadeiras do curso de mestrado, principalmente na teoria II que apresentava uma reflexão epistemológica e metodológica acerca dos trabalhos feitos pós anos 1950. Desse modo, ocorreram discussões referentes às dicotomias indivíduo/sociedade, agência/estrutura e natureza/cultura, incitadas por autores (as) como, Sherry Ortner, Michel De Certeau, Tim Ingold, entre outros (as).

Também, e não menos importante, foi a reflexão sobre a experiência de pesquisa e sobre relação sujeito/objeto, levando em conta que minha presença interferiu na dinâmica do campo,

---

<sup>5</sup> Expressão de caráter êmico condizente com os sindicatos sustentados por patrões ou por sujeitos, que embora trabalhem em prol da luta do serviço doméstico, acabam por tomar o lugar do *empoderamento* das trabalhadoras.

<sup>6</sup> Interlocutora importantíssima para a construção deste trabalho, como também para minha experiência de pesquisa etnográfica ter ocorrido. Ao longo do texto refiro-me a Ernestina como “liderança”, mesmo as outras mulheres sendo também lideranças, pois é denominada assim pelas companheiras do sindicato.

fazendo com que eu tivesse noção da minha atuação enquanto pesquisador homem, branco e de um estrato social distinto das interlocutoras.

Conversando com Ernestina pela internet<sup>7</sup>, pude perceber a existência de redes e eventos importantes da militância das trabalhadoras domésticas, não só em Pelotas como no restante da atuação brasileira. Também, refleti acerca do próprio uso do Facebook por parte dela, que dentro das atividades militantes da categoria, acontece de uma forma aparentemente desorganizada. Foram essas primeiras conversas que me fizeram mudar a forma de encarar a etnografia para o presente trabalho, pois a compreensão do desenvolvimento de práticas de resistência no cotidiano das trabalhadoras domésticas em questão não poderia ser atingida por preocupações engessadas na procura de recorrências simplesmente oriundas das atividades do sindicato (os atendimentos, por exemplo) ou do convívio diário na sede sindical. Dessa maneira, surgiram, juntamente com minha interação com a liderança, eventos em que eu poderia ir, como o congresso das trabalhadoras domésticas e uma romaria. Acabei participando somente da Romaria da Terra.

O deslocamento da minha cidade natal, Santa Maria, até Pelotas para morar durante quatro meses, aproximadamente, também se mostrou muito importante para minha inserção em campo e para as reflexões sobre o fazer etnográfico. Eu nunca havia morado sozinho antes e os afazeres domésticos na minha casa só foram compreendidos como atividades desiguais entre gêneros um pouco antes de eu entrar na faculdade com 19 anos, ou seja, minha convivência com minha mãe e irmã durante quase vinte anos não me fizeram perceber essa desigualdade tão próxima e tão estruturada na sociedade patriarcal em que vivemos. Assim, a minha estadia em Pelotas, residindo numa pensão, fez com que eu relativizasse os afazeres domésticos. Morando com outros homens as tarefas domésticas se mostraram problemáticas. Surpreendeu-me o fato de que entre oito homens (estudantes na sua maioria) somente três, além de mim, realizavam as tarefas domésticas diariamente, sem deixar acúmulos de louça, por exemplo. Embora tivesse serviço de lavanderia na pensão, a organização e um melhor preparo para quem vai lavar as roupas era inexistente no cotidiano da casa. Em outras palavras, não houve discernimento por parte da maioria dos moradores sobre o fato de as tarefas domésticas estarem sendo feitas por outras pessoas que utilizavam horas do seu dia para o cuidado da casa onde todos habitavam.

Nesse sentido, tanto as minhas experiências biográficas e subjetivas quanto a empiria, estavam fazendo o campo modificar (me), direcionando-me para uma *antropologia da prática* com inspirações etnográficas pós-modernas. Então, a seguir, discorro brevemente acerca da

---

<sup>7</sup> Minhas conversas com Ernestina se deram de forma muito tranquila pelo fato de ela ficar conectada em horários que eu também normalmente fico, principalmente no período da madrugada.

ciência antropológica, em especial as discussões da disciplina a partir da década de 1950. Debates provenientes deste contexto propiciaram-me a elaboração e a reflexão de questões que nortearam a pesquisa.

## 1.2 A VIDA SOCIAL DOS OUTROS - INSPIRAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nas ciências sociais, questões metodológicas, historicamente, emergiram sob tentativas de consolidação de um fazer científico, de certa forma, instável. Oriundos das ciências da natureza, primeiramente, os métodos em Sociologia, por exemplo, dentro de um contexto de mudanças significativas da modernidade, balizaram as iniciativas e conquistas através de influências funcionalistas e positivistas, marcadas pela busca de leis, regras e funções constituintes do mundo social. Sendo assim, as disciplinas provenientes do século XIX procuraram o assentamento científico através de projetos baseados na observação, classificação e explicação do social (RIUTORT, 2008). Os objetos das ciências sociais e suas investigações não respondem a impulsos fixados em um distanciamento claro entre sujeito/objeto como acontece no labor científico do plano natural e físico, por isso, principalmente nas discussões do século XX, o fazer científico das ciências sociais foi intensamente refletido à luz de teorias diversas acerca do seu caráter epistemológico e metodológico. Por exemplo, Jean-Claude Passeron (1995), em sua obra *O raciocínio sociológico - O espaço não-popperiano do raciocínio natural*, procura refletir acerca do lugar das ciências sociais (principalmente a sociologia) enquanto ciência. O autor francês critica as noções de Karl Popper referentes às ciências históricas (interpretativas) e apresenta uma discussão epistemológica com o propósito de esclarecer o estatuto da sociologia na ciência moderna. Este sociólogo, criticamente, expõe as impossibilidades de adequação das ciências históricas frente à lógica popperiana, nos dizendo que a sociologia se encontra entre o raciocínio estatístico e a contextualização histórica. Para ele, a Sociologia não responde a paradigmas definidos ou a lógicas experimentais passíveis de refutação, bem como não trabalha com objetos replicáveis. A Sociologia e outras ciências sociais necessitam de contextualização histórica em detrimento de tentativas de falseamento e as características hermenêuticas das ciências sociais fazem com que, epistemologicamente, elas expressem uma heterogeneidade de conceitos.

A virada do século XIX para o século XX, condizente a um cenário moderno ocidental, fez emergir um quadro enorme de anseios e mudanças, não só referentes às ciências, mas, sobretudo nesta parte da construção humana o mundo presenciou ideais e tensões direcionadas a uma ideia de progresso. Na antropologia, muitas coisas mudaram. Foi neste contexto,

principalmente nas três primeiras décadas do século XX, que a Antropologia Cultural americana e a Antropologia Social britânica despontaram na tentativa de superar o etnocentrismo, o universalismo histórico e a não ida a campo de antropólogos evolucionistas. Nos EUA, o alemão Franz Boas ditou o “caráter nacional” da antropologia americana (STOCKING, 2004). Já no contexto europeu, antropólogos radicados na Grã-Bretanha, muitos influenciados pela teoria sociológica durkheimiana, mostraram seus trabalhos ao mundo, principalmente o polonês Bronislaw Malinowski.

O evolucionismo cultural, principalmente com Morgan, Tylor e Frazer, apresentou-se no último quarto do século XIX, como tentativa para descrever e explicar a diversidade humana. Para muitos, esses pensadores evolucionistas propulsionaram o surgimento da antropologia e fizeram esforços antes não vistos no condizente aos estudos de povos “primitivos” (também chamados de “selvagens” por viajantes anteriores aos evolucionistas). Em termos gerais, o evolucionismo cultural pressupunha a existência de uma espécie humana idêntica, que se desenvolvia, tanto em suas formas tecnológicas quanto em seus aspectos sociais e culturais, de forma desigual. Dentro desta abordagem, o “primitivo” enquadrava-se em estágios anteriores ao homem “civilizado” (branco e europeu). Aqui, os estudos têm carácter diacrônico, pois levam em consideração a história, uma história linear constituída de estágios inerentes a toda população humana (CASTRO, 2005). É em contraposição a essa vertente evolucionista e também ao difusionismo (teoria que diz ter um único ponto de surgimento e compartilhamento de inovações, tecnologias, cultura, etc) que a Antropologia Cultural americana (com Boas e seguidores/as) e a Antropologia Social britânica (primeiramente com Malinowski e Radcliffe-Brown) emergiram enquanto novas formas de estudar o homem e suas relações. Malinowski foi o primeiro a publicar (em 1922) um trabalho de cunho etnográfico denso, intitulado *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. Para este autor, cultura é uma aparelhagem instrumental que serve para o homem satisfazer suas necessidades, é um sistema de objetos e atividades que existe como um meio para um fim e é um todo que abarca outros elementos que são interdependentes (MALINOWSKI, 1978). Aqui, é necessário expor o empenho de Malinowski para uma teoria científica da cultura, bem como para os esforços metodológicos da pesquisa de campo. O autor funcionalista buscou uma visão objetiva e científica da realidade (MALINOWSKI, 1976). Nesta obra clássica, principalmente na introdução intitulada *Tema, método e objetivo desta pesquisa* o autor desenvolve uma teoria antropológica que visa estabelecer as regras que regem a vida social e descrever a constituição social de tudo que está ao alcance do etnógrafo (MALINOWSKI, 1976). Para isso, a etnografia deveria dar conta das regularidades do cotidiano

dos interlocutores da pesquisa (nativos) e levantar dados concernentes com as regras e costumes dos mesmos. O antropólogo aqui tem a pretensão de olhar com os “olhos” dos nativos e de adentrar na “alma” do nativo para perceber a realidade. Deste modo, como nos diz o antropólogo da escola britânica em sua obra clássica:

Em relação ao método adequado para observar e registrar estes aspectos imponderáveis da vida real e do comportamento típico, não resta dúvida de que a subjetividade do observador interfere de modo mais marcante do que na coleta dos dados etnográficos cristalizados. Porém, mesmo nesse particular, devemos empenharmo-nos no sentido de deixar que os fatos falem por si mesmo. (MALINOWSKI, 1976, p. 35).

O antropólogo polonês e a Antropologia Social britânica seguem uma vertente funcionalista, mais tarde modificada por Radcliffe-Brown e Evans Pritchard, por exemplo, com a primazia de questões onde a noção de estrutura é aplicada. Para Radcliffe-Brown (1973), discípulo das contribuições de Durkheim, a antropologia social é uma vertente das ciências naturais e pode ser chamada de “sociologia comparada”. Ela deve se preocupar com o estudo de associações entre organismos individuais em detrimento de um estudo da “cultura” enquanto vaga abstração. Ademais, Radcliffe-Brown enfatiza que a observação direta mostra que seres humanos ligam-se por uma complexa rede de relações que podem ser descritas enquanto uma estrutura social (RADCLIFFE-BROWN, 1973). Desta maneira, ele e Evans Pritchard se assemelham teoricamente, principalmente no condizente à persistência de estruturas sociais, bem como na percepção de que existe uma rede complexa de relações sociais. Entretanto, Evans Pritchard (1978), pensando em relações de associação não de pessoa a pessoa, como considera Radcliffe-Brown, enxerga a estrutura enquanto relação entre grupos que possuem certo grau de independência em relação aos indivíduos.

Os antropólogos supracitados carregam percepções acerca da cultura e do social que priorizam dados, análises e interpretações provenientes do equilíbrio aparentemente constituinte das sociedades estudadas. Fazem parte do que Roberto Cardoso de Oliveira (1988) chama de “paradigma da ordem”.

Após os anos 50, a teoria antropológica, seguindo críticas e contribuições de alguns autores e escolas anteriores, começou a rever concepções e acepções de seus alicerces teóricos - metodológicos. A antropologia, assim, passou a reformular questões referentes aos conceitos de cultura, estrutura, ator, historicidade, agência, escrita etnográfica, etc. A crítica aos pressupostos funcionalistas e estruturais-funcionalistas teve papel fundamental para a emergência de uma nova literatura, não mais somente engendrada através do projeto durkheimiano. Dessa maneira, nesta dissertação destaco uma literatura que dá atenção para o

conflito em detrimento do consenso e equilíbrio apresentados anteriormente na história da disciplina, buscando contribuições de autores (as) expoentes para o estudo antropológico oriundo da segunda metade do século XX.

A antropologia, entre as décadas de 50 e 70 se deparou com mudanças substanciais no que diz respeito aos enfoques incitados pelo capitalismo, que fez com que as antigas comunidades exóticas e isoladas se enquadrassem em um escopo marcado pelo capital e pelas relações de trabalho nacionais e internacionais (FELDMAN-BIANCO, 1987). É dentro deste quadro que novas problemáticas e novas questões surgiram, no condizente aos procedimentos de pesquisa e aos pressupostos teóricos, fazendo com que os processos de mudança social emergissem enquanto ponto fundamental para o estudo de sociedades contemporâneas (FELDMAN- BIANCO, 1987). Autores (as) da “teoria da ação” deram ênfase aos antes negligenciados processos de mudanças e conflitos entre as comunidades colonizadas. Estes (as) antropólogos (as) enxergavam a importância de se estudar microscopicamente os interstícios sociais e as relações interpessoais, sempre tendo em vista situações estruturadas mais amplas, como por exemplo, a estrutura global do capitalismo. A “teoria da ação” privilegia indagações direcionadas para as transformações sociais em detrimento de questionamentos sobre a manutenção da sociedade.

Antropólogos (as), muitos discípulos de Malinowski, deram atenção para os processos sociais em combinação com análises estruturais. Mesmo não rompendo totalmente com o estrutural-funcionalismo, autores como Leach, Gluckman e Firth, influenciados por Marx e Weber, tentaram conciliar estudos dos indivíduos com a estrutura, tangenciando assim os postulados estruturais de Radcliffe-Brown, por exemplo, onde a estrutura e a análise sistêmica abstraem o indivíduo totalmente. Sendo assim, Firth nos apresenta a distinção entre estrutura e organização social, onde a última seria um contexto para ação e a primeira seria o conjunto de atividades não necessariamente ligado a status demarcados, onde a manipulação e o comportamento mais espontâneo ocorrem.

A investigação, aqui, preocupa-se com os indivíduos e suas táticas e artifícios criativos, com formações sociais não estáticas como o estrutural-funcionalismo postulava. A atenção voltada para sistemas, estabilidade, equilíbrio social, morfologia social e valores sociais deu lugar para um campo onde a ação social tem grande importância, a saber: redes sociais, interações sociais, indivíduos enquanto atores sociais, variações, manipulações, conflitos, grupos de interesse, etc. (FIELDMAN-BIANCO, 1987).

Assim, para trilhar um caminho frutífero para as aspirações provocadas pelo meu objeto de pesquisa (desenvolvimento práticas de resistência de trabalhadoras domésticas

ligadas ao sindicato da categoria de Pelotas – RS), amparei-me, preferencialmente, em contribuições teórico-metodológicas de autores (as) como Michel De Certeau, Clifford Geertz, James Scott e Sharry Ortner, por exemplo. Estes (as) intelectuais sustentam a tentativa de uma antropologia não baseada na dicotomia indivíduo/sociedade.

A teoria das práticas de De Certeau fala de criações “anônimas”, de reinvenções e operações dos padrões exteriores. *Artes de Fazer* que ressaltam *táticas* e *estratégias* de pessoas comuns frente às coerções externas, procedimentos que deslocam perspectivas e geram resistência (Duran, 2007). Inspirado pelas ideias do autor, concebo as atividades das mulheres de Pelotas e suas relações cotidianas como capazes de resistência, reinvenções e “artes de fazer”, pois as ações das trabalhadoras, nas relações subalternas ou não, interferem nas decisões e rumos da vida ordinária relacional no que concerne à dinâmica de decisões e negociações. O cotidiano oprime, entretanto, existem *maneiras de fazer* dos consumidores que precisam ser elucidadas conforme uma teoria das práticas (CERTEAU, 1998).

O referido autor, ao longo de sua principal obra (*A Invenção do Cotidiano - 1. Artes de Fazer*), propõe uma análise de maneiras de fazer microbianas, de transgressões frente a um sistema tecnocrático e urbano decadente, por parte de consumidores que em suas vidas ordinárias resistem silenciosamente e que são capazes de modificarem a si mesmos, sem que as pressões externas sejam completamente determinantes (SALAMON, 2016). É através deste campo analítico que pretendo compreender as práticas das trabalhadoras domésticas de Pelotas, aproximando-me da vida cotidiana e de suas capacidades inventivas. Podemos, assim, interpretar as transgressões e as práticas de resistência com o propósito de enxergar as suas formas de desenvolvimento.

James Scott é outro autor, que segundo Ortner (2007) se enquadra enquanto figura importante do espaço da teoria da prática. Este autor, principalmente através de sua obra *Los dominados y el arte de la resistencia*, foca nas relações de poder que subjazem a esfera pública de dominação e hegemonia, procurando analisar os procedimentos que não se enquadram em discursos oficiais, mas nas práticas cotidianas de resistência dos grupos dominados oriundos de classes populares. Nessa obra, onde o autor estudou camponeses na Malásia, a política não diz respeito somente ao discurso dominante e hegemônico, mas reside na comparação entre práticas e discursos de dominantes e dominados. Como nos diz Maria Luisa Tarrés (2000), em resenha sobre o supracitado livro, a resistência se dá nas formas encobertas dos discursos e da ação. Ainda, segundo Tarrés:

Uno de los aciertos del libro de Scott es haber articulado la voz de la dominación y la resistencia en el ámbito de la cultura, el cual ha sido muchas veces ignorado o subestimado por el análisis sociológico. Su aporte podría alterar y/o complementar el análisis de las distintas dimensiones que asume el poder y la acción de los oprimidos en sociedades en las que la dominación tiende a excluírlos del debate y la confrontación pública. También es un llamado para que el análisis integre ese comportamiento político invisible que en determinadas coyunturas sólo puede ser ubicado en el ámbito de la cultura popular, en lo que Scott llama la *infrapolítica*. (TARRÈS, 2000, p.860).

Scott, portanto preocupa-se com a *infrapolítica*, onde as ações políticas dos dominados não se assumem no discurso público, dinâmica esta intrinsecamente ligada às relações de subordinação das classes populares. Desse modo, é de suma importância atentar para as diferenças existentes entre as práticas de resistência advindas das atividades do sindicato e da federação nacional frente ao Estado e aos procedimentos patronais e as práticas cotidianas de resistência das trabalhadoras domésticas diante dos meandros da vida ordinária. A resistência encoberta e oculta, assim, não se fixa em intenções de alcance material somente, mas também na busca de significados no terreno cultural (TARRÈS, 2000). Para ficar mais claro, segundo Scott:

El discurso oculto, por definición, representa un lenguaje -gestos, habla, actos- que normalmente el ejercicio del poder excluye del discurso público de los subordinados. La práctica de la dominación, entonces, crea el discurso oculto. Si la dominación es particularmente severa, lo más probable es que produzca un discurso oculto de una riqueza equivalente. El discurso oculto de los grupos subordinados, a su vez, reacciona frente al discurso público creando una subcultura y oponiendo su propia versión de la dominación social a la de la élite dominante. Ambos son espacios de poder y de intereses. (SCOTT, 2000, p. 53)

A teoria da prática enfatiza as relações existentes entre as condições sistêmicas e estruturais com a agência humana. Cotidiano conforme De Certeau (1998) refere-se às ressignificações que usuários de padrões culturais e sociais fazem, construindo assim, um “homem” ordinário marcado pelas práticas e suas agências, sem afastar-se totalmente das predisposições estruturais e sistêmicas. Desse modo, como nos diz Marília Claret Geraes Duran:

Na perspectiva da racionalidade técnica, o melhor modo possível de se organizar pessoas e coisas é atribuir-lhes um lugar, um papel e produtos a consumir. Certeau, ao contrário, nos mostra que “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação. Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que Certeau chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. Ele acredita nas possibilidades de a multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas. (DURAN, 2007, p. 119).

Além das imprescindíveis contribuições do historiador francês supracitado, também é possível uma adequação teórica assentada no conceito de agência proveniente das reflexões de Sherry Ortner. De acordo com a autora, agência se relaciona com as motivações e intenções de indivíduos em situações reais, portanto, dizendo respeito às relações dinâmicas que a teoria da prática pressupõe, práticas de pessoas reais em relação às estruturas da sociedade, da cultura e da história. Com isso, Ortner reflete sobre a intencionalidade da agência e sobre as diferenças entre práticas de rotina e práticas mais intencionais e conscientes (embora não necessariamente “conscientes”, como ela aponta). Neste ponto, me afasto de Ortner, visto que as práticas de rotina, conforme De Certeau, não refletem menos ou mais consciência. Porém, Ortner deu grande suporte para a pesquisa quando diz que a agência se dá nos sujeitos diferencialmente empoderados; os “projetos”, assim, tendo mais importância do que disposições psicológicas, etc. “Projetos” carregam consigo motivações e intencionalidades onde forças históricas e culturais, bem como relações de poder interferem diretamente (ORTNER, 2007). Estou longe de conciliar adequadamente as contribuições de Ortner com as de Michel De Certeau, mas posso afirmar que a noção de “projeto” para o meu trabalho, assim como a autora coloca, estando diretamente ligada à subordinação e dominação de uns aos outros (relações de poder), bem como o conceito de agência enquanto prática dinamizada pelas relações estruturais, culturais e históricas de pessoas em situações reais, são significativamente importantes para as minhas definições de pesquisa.

As resistências e a militância das trabalhadoras domésticas se dão em um campo público e estão cada vez mais salientes devido às mudanças na legislação trabalhista (PEC das domésticas, por exemplo). No entanto, também ocorrem relações de subordinação, opressões, dentre outras coisas, na vida cotidiana que, em geral, são ocultadas; e essa atmosfera de resistência nos proporciona uma realidade onde disputas materiais e culturais, negociações e articulações políticas transcorrem com força, sejam nas interações da vida íntima de trabalho remunerado ou não, nos afazeres que se encontram entre a casa e a rua e nas suas próprias casas. Outro aspecto relevante é comparar o discurso público das trabalhadoras com os discursos ocultos, tendo-se a noção de que não são somente falasmas também gestos e atos na dinâmica das relações de poder (SCOTT, 2000).

Estas abordagens teóricas fazem, juntamente com os eixos metodológicos colocados a seguir, evidenciar as noções de cotidiano, prática, autonomia e aprendizagem, dentre outras categorias, que serão trabalhadas nesta etnografia.

### 1.3 ROTAS METODOLÓGICAS

Após a construção do meu objeto de pesquisa passei a refletir sobre os desafios metodológicos e suas implicações. Busquei, neste empreendimento etnográfico, uma interpretação antropológica do cotidiano e fixei intenções que envolveram a viabilidade de um estudo qualitativo prolongado. Para isso, a etnografia, com sua gama de técnicas de coleta de dados, foi o fio condutor da pesquisa. A etnografia nos permite uma interação prolongada na vida social e no espaço cotidiano dos (as) interlocutores (as) a partir da observação participante (ROCHA; ECKERT, 2008). Reitero a utilização, enquanto técnica, da observação participante, onde foi possível acompanhar o dia a dia das mulheres no sindicato e em alguns eventos relacionados a ele. Realizei um estudo etnográfico mesclando técnicas de conversações informais, fotografias e a *fotobiografia*. Almejei, assim, a escrita de uma etnografia que desse conta de entendimentos êmicos e que visasse o discernimento de como e através do que os “outros” percebem o mundo (GEERTZ, 1997). Para isso, me ancoriei, principalmente, na noção de etnografia *multi-situada* de George Marcus (2001) e nas contribuições da hermenêutica.

Pretende-se, com isso, dar importância às redes, traços e linhas que não se restringem a delimitações espaciais ou de grupo (MARCUS, 2001). A narrativa etnográfica, assim, acontece com a tentativa do pesquisador em conectar locais e fatos, seguindo *linhas* que conformam situações onde acontecem sobreposições e relações entre fenômenos diferentes (MARCUS, 2001).

Ouvi, diversas vezes, as trabalhadoras domésticas do sindicato dizendo que utilizavam o encontro no ônibus para trocar informações, reclamar, desabafar e articular certas atitudes frente às exigências de relações entre patrão (a) e trabalhadoras. Este caso específico relaciona-se com questões mais amplas sobre a categoria laboral das trabalhar domésticas. O não lugar para uma aglutinação de pessoas com fins reivindicatórios é uma realidade para esta categoria (BERNARDINO-COSTA, 2007).

Acrescento que meu trabalho, enquanto narrativa etnográfica, diz respeito aos diálogos e às negociações com as interlocutoras, porém tendo consciência de que a minha autoria não se diluirá no texto, como argumentam alguns antropólogos pós-modernos. Sustento-me principalmente nas acepções teórico-metodológicas da antropologia interpretativa de Clifford Geertz, onde se almeja a descrição densa, pretensão voltada para o entendimento das estruturas de significado que subjazem aos universos simbólicos dos “nativos” (GEERTZ, 2008).

Também no que se refere ao interpretativismo, é de suma importância dizer que a análise semiótica da cultura permite que através da observação de símbolos seja possível interpretar uma cultura. Para o autor, cultura são as teias de significado e sua análise e, para esclarecer isto, utilizo-me das palavras do antropólogo brasileiro Relivaldo Pinho:

Quando Geertz interpreta a briga de galos balinesa, o que ele nos apresenta não é como um fato que pode explicar a sociedade de Bali, ou como uma função que reforça determinado aspecto social (o status) ele a toma como um exemplo da cultura daquela sociedade. Um exemplo interpretado como participante da experiência cotidiana que se relaciona com outros aspectos dessa mesma experiência. (PINHO, 2016, p. 257).

Desta maneira, ao acompanhar trabalhadoras domésticas militantes no dia a dia, aspirei interpretações que não condizem com ambientes restritos ou com significados de um processo totalizante, mas sim interpretações que possam ser ligadas a outras dimensões do mesmo grupo, que podem ser percebidas e relacionadas. Geertz me incita a interpretações sobre formas de percepções, sejam elas sobre as burocracias do sindicato ou a cidade de Pelotas, sobre redes de sociabilidade ou as táticas de resistência cotidiana. Então, conforme essas concepções, a presente pesquisa se direcionou para a interpretação do sistema simbólico que orienta as ações, os valores e as representações entre as trabalhadoras domésticas do sindicato de Pelotas- RS nas situações ocultas do cotidiano (GEERTZ, 2008).

A descrição, aqui, é de um grupo e suas práticas cotidianas. Mas ao mesmo tempo estarei falando das tarefas de outros sindicatos, das associações de trabalhadoras domésticas no Brasil e no mundo, estarei dialogando com as questões da mulher negra em âmbito mundial, com as questões do trabalho feminino, etc. Não é um trabalho isolado, mas sim intrinsecamente ligado a aspectos mais gerais da vida social, uma etnografia “bem feita” segundo a antropóloga Claudia Fonseca (1999). A etnografia *multisituada* de George Marcus (2001) pressupõe que aspectos microsociológicos e histórias de vida possuem capacidades analíticas e interpretativas que se ligam ao contexto global, neste caso, referentes à luta das mulheres no mundo do trabalho. As conversas com essas mulheres desvelam características da luta da mulher negra, pobre e “não letrada” do Brasil ao mesmo tempo em que esclarecem a luta política sindical (não só das trabalhadoras domésticas). Assim como a contribuição de Cláudia Fonseca, citada acima, o estudo de trajetórias individuais não pode ocorrer sem conexões com contextos de atuação e condições sociais específicas. Acredito que, através da observação participante, é possível acessar a esquemas mais amplos de objetivação, onde divisões calcadas na relação indivíduo- sociedade não se manifestarão. A antropologia da

prática permite que as redes imediatas e o ambiente mais macroscópico apareçam consonantemente.

Sendo assim, a etnografia *multisituada*, com a observação participante, dotada de capacidade interpretativa sobre universos simbólicos das mulheres em suas práticas (no sindicato e nos eventos), com os estudos *fotobiográficos*, a meu ver, possibilitam a compreensão do desenvolvimento de práticas de resistência no cotidiano das mulheres no sindicato de Pelotas.

### **1.3.1 Antropologia e imagem - a *fotobiografia* e as fotografias**

A antropologia, historicamente, andou de mãos dadas com recursos visuais, não se restringindo aos modos textuais escritos. Malinowski, por exemplo, utilizou muitas fotografias nos seus mais conhecidos manuscritos. O livro *Vida Sexual dos Selvagens*, por exemplo, conta com noventa e duas fotos e *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* com setenta e cinco (SAIMAN, 1995). No entanto, não se existia na época uma discussão acerca da imagética na antropologia e na etnografia. Autores com Malinowisk, Evans-Pitchard e Lévi-Strauss utilizaram imagens, mas sem a pretensão narrativa desprendida da comunicação escrita. Não se preocuparam, estes e outros (as) intelectuais, em construir uma *antropologia visual*.

Já com o “mítico” empreendimento antropológico e imagético da obra *Balinese Character*, de Margaret Mead e Gregory Bateson, lançada em 1942, a imagem assenta-se de forma diferente dentro do fazer antropológico. É uma obra paradigmática, pois procuraram, dando ênfase às imagens sem penalizar o texto escrito, traduzir ideias e conceitos do *Ethos* balinês. É paradigmática, também, pelo grande número de fotografias feitas em Bali. Foram milhares que posteriormente, após extensa seleção, se fixaram em 759 no texto final (SAIMAN, 1995).

Ainda que exista um longo período de discussões e clássicas obras utilizando-se de visualidades, esta relação entre o fazer antropológico e o visual é vista muitas vezes com desconfiança. Recursos visuais, desta forma, são concebidos como auxiliares da escrita e colocados no recinto da reconstituição objetiva da realidade (PIAULT, 2001). Mesmo com aguçados olhares voltados para a comunicação das sociedades e para aspectos culturais comunicativos, que não são estreitos, a antropologia se mostra rígida no que diz respeito à supremacia do verbal nas funções descritivas e narrativas (SAMAIN, 1995). Dentro desta discussão um grande número de intelectuais se debruçou em reflexões acerca das imagens na antropologia e no fazer etnográfico.

Partindo desta perspectiva, vou expor os sustentáculos que guiaram meus esforços direcionados ao uso de imagens junto ao meu trabalho de campo. O percurso etnográfico desta pesquisa, assim como em muitas outras, foi surpreendente. Eu, primeiramente, me deparei com uma restrição, edificada pela minha não ida a campo. Estava ansioso para o “começo” da observação participante e isso fez com que eu olhasse, com demasiada aflição, para terrenos limitados do campo como, por exemplo, para a sede sindical das trabalhadoras domésticas, apenas. Deste modo, com o meu deslocamento para Pelotas e com uma interação mais fluida, como eu já afirmei na seção 1.1, novos espaços simbólicos foram emergindo, juntamente com as minhas propostas oriundas dos meus exercícios de aperfeiçoamento do projeto de pesquisa.

O objetivo da pesquisa é uma compreensão do desenvolvimento de práticas de resistência refletidas pelas trabalhadoras sindicalistas no cotidiano do sindicato, mas metodologicamente, principalmente nas peculiaridades referentes ao que eu almejava apreender, os objetivos específicos mudaram em consonância com a observação participante na cidade de Pelotas, bem como com a disciplina de antropologia e imagem que cursei na Universidade Federal de Santa Maria (UFPEL). Fiz praticamente todos os exercícios desta disciplina, como nos era sugerido, atento ao objeto e com as interlocutoras. Foi uma experiência muito boa, pois novos exercícios e novas percepções teóricas entraram na minha proposta de investigação antropológica. Sendo assim, realizei três tarefas que me abriram portas antes não pensadas no que condiz ao meu trabalho de campo, naquele momento, em andamento. Foram elas: a composição de um diário gráfico sobre minhas experiências de pesquisa, a apresentação de um exercício de *fotobiografia* realizado com Ernestina e a composição de uma narrativa fotográfica. Como já pretendia trabalhar com imagens, aliei os debates teóricos e as leituras substanciais dos seminários, adequando minhas intenções e possibilidades de narrativas imagéticas.

A relação sujeito/objeto transformou-se com dinâmicas de interações propulsionadas pelos exercícios da disciplina de antropologia e imagem que acompanharam a observação participante desde os meus primeiros contatos com as sindicalistas de Pelotas. Concomitantemente ao cotidiano que acompanhei nos atendimentos do sindicato e nos eventos já mencionados, manifestaram-se, através do uso da fotografia e da *fotobiografia*, novas formas de produção e coleta de dados etnográficos. As fotografias, desde minhas primeiras conversas com as interlocutoras, tiveram papel aproximativo, pois constantemente eu fazia fotos delas e era procurado, via redes sociais, para que ocorresse um retorno. A *fotobiografia* ascendeu a um posto central nesta pesquisa e me possibilitou um acesso a visualidades e conversações não atingidas pela observação cotidiana; fez emergir a ideia, antes pensada por mim através da

produção de um vídeo etnográfico, do compartilhamento na elaboração de narrativas sobre práticas de resistência.

Em primeiro lugar, faz-se necessário dizer que as fotografias deste manuscrito compõem narrativas não estabilizadas em anseios ilustrativos, mas sim orientadas para que façam parte de uma descrição densa, sem que sejam apenas anexos para o texto verbal (GODOLPHIM, 1995). A fotografia familiariza, precisa de observação atenta e implica empatia e intersubjetividade (NOVAES, 2014). Além disso, como na etnografia, a fotografia representa incompletude:

Em termos de apresentação de resultados de pesquisa a fotografia pode trazer à Antropologia um novo horizonte, mais sensível, a partir do qual será inclusive possível a elaboração de um discurso mais próximo de nossos universos de pesquisa. Ao fotografar o pesquisador isola alguns fragmentos do universo que investiga. Este recorte espacial evidencia alguns aspectos que são realçados pela foto. Como antropólogos sabemos que o rendimento de nossas pesquisas é maior quando nos debruçamos sobre universos de escala mais reduzida. Nossas abordagens micro são mais interessantes, via de regra, que nossas abordagens macro. É também assim que a fotografia deveria trabalhar junto a etnografia. Ninguém fotografa a realidade ou a sociedade. Tal como a etnografia, a fotografia dá a sensação de incompletude, nem uma nem outra abarcam tudo, são sempre fragmentárias, recortam um campo sobre o qual se aprofundam, num mergulho que é, ao mesmo tempo, sensível e inteligível. Isso só pode significar um ganho para nós. É o silêncio eloquente das imagens que podemos levar para nossa disciplina, com tudo que, ao seu modo, as fotografias tem a dizer. (NOVAES, 2014, p. 64).

As fotografias desta dissertação almejam alcançar uma estética que faça realçar o que é visto nos eventos do sindicato, sejam reuniões de cunho mais formal ou confraternizações. As fotografias das diretoras, postadas no Facebook, por exemplo, normalmente refletem cores e objetos (bandeiras e banners, etc.) que adornam o sindicato. Assim, as fotografias feitas por mim vão, em especial no capítulo III, tentar exprimir uma narrativa e uma estética próxima ao cotidiano das mulheres sindicalistas, salientando as visualidades comuns ao dia a dia de trabalho no sindicato e em outras dinâmicas militantes<sup>8</sup>.

No condizente a *fotobiografia*<sup>9</sup>, saliento a capacidade de conectar pesquisador (a) e interlocutores (as) na edificação de uma narrativa. As fotografias, mais precisamente o diálogo entre elas, aqui trabalham com a memória de vida da informante. São fotos de família, fotos de baús e de álbuns que se mesclaram aos relatos orais das informantes. Assim sendo, recursos

---

<sup>8</sup> As ilustrações que compõem este trabalho não seguirão as indicações da MDT (Manual de Dissertações e Teses) da UFSM em sua totalidade. As fotografias feitas por mim, bem como as fotos das *fotobiografias* (Capítulo II) não serão colocadas na lista de figuras. Também, não apresentarão legendas. Isto se dá pelo fato de a proposta de apresentação das imagens, aqui, procurar conectar imagens ao texto escrito de uma forma fluída que não necessita das normas convencionais. Por outro lado, as ilustrações do capítulo III (materiais gráficos do sindicato) serão conectadas por legendas e pela lista de figuras, conforme a MDT.

<sup>9</sup> O capítulo II tratará de expor as *fotobiografias* feitas nesta pesquisa.

visuais e verbais apontam para a memória e história de vida das pessoas (BRUNO, 2012). Esta parte da investigação é oriunda de um exercício metodológico feito inicialmente por mim e por Ernestina e, posteriormente, com as demais interlocutoras, onde a escolha das fotos, bem como a montagem das mesmas se deu através do diálogo incitado pelo acervo apresentado por ela.

Com base nesta proposta, Leda, Terezinha, Ernestina e Cláudia escolheram de início vinte imagens para depois finalizar o exercício com a seleção de dez fotos e, em seguida, uma sequência de três. A escolha e a ordenação de todas as fotos condizem com intentos da interlocutora em questão, não são feitos pelo pesquisador numa divisão sujeito/objeto. Obviamente, não me apresento isento, porém o diálogo que contorna a escolha das fotos do acervo pessoal, sob minha ótica se aproxima de uma *antropologia compartilhada*, onde se tem o propósito de colapsar a divisão sujeito/objeto, onde o produto final, sendo um filme, um texto escrito ou uma sequência de imagens diz respeito a um encontro com os interlocutores. Uma produção de conhecimento de forma relacional.

Da mesma forma que Jean Rouch preocupava-se com a realidade fílmica, dentro de sua *antropologia compartilhada*, visto a realidade da narrativa edificada pelas sindicalistas através de suas fotografias de família e de seus relatos gravados, não um reflexo de determinada “realidade” (GONÇALVES, 2008).

Desse modo, a *fotobiografia* das quatro militantes se deu ao longo da pesquisa. Diz respeito a um cotidiano de experiências autogestionárias e a processos de produção imagética oriundos do pesquisador e das interlocutoras (FERRAZ, 2009). Como em alguns filmes consagrados de Jean Rouch (Moi, un Noir e Jaguar, por exemplo), o compartilhamento da montagem, na presente pesquisa, aconteceu. Transporte, portanto, percepções significativas do filme etnográfico e do tipo de etnografia proposta por Rouch nos anos 1950 para as *fotobiografias* específicas desta pesquisa. Almeja-se a constância de interações entre sujeitos/sujeitos em detrimento da separação sujeito/objeto. Ademais, as escolhas das fotos, as montagens e o manusear de artefatos visuais pessoais, por parte da interação entre sujeito e objeto, não demonstraram obstáculos, mas sim estímulos, como nos diz Ferraz (2009) no âmbito do vídeo e do papel da câmera.

Tanto a esfera das histórias de vida quanto a discussão mais ampla sobre trabalho doméstico, bem como a reflexão sobre militância e a cidade de Pelotas formaram-se, textualmente, a partir da *fotobiografia* das quatro trabalhadoras sindicalistas. Leda, Cláudia, Terezinha, Ernestina e eu construímos as *fotobiografias* e este esforço conjunto, processo e resultado, se apresenta enquanto uma proposta de *antropologia compartilhada*.

A metodologia da *fotobiografia*, diz respeito aos trabalhos da intelectual brasileira da área da Comunicação Social e Multimeios Fabiana Bruno (2009) e procura priorizar, sem menosprezar o verbal, as imagens e suas potências em relação à memória.

Seguindo alguns passos que esta pesquisadora fez em sua tese de doutoramento, construí uma metodologia que consistiu na colaboração das quatro mulheres sindicalistas do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas-RS. Para ficar mais claro, seguem as palavras de Fabiana Bruno no começo de sua tese de doutoramento:

Este estudo foi se organizando numa vertente de cunho antropológico, comunicacional, visual e estético em busca das “representações imagéticas” escolhidas por cinco idosos- homens e mulheres com cerca de 80 anos- como formas de “evocarem” e de “sintetizarem”, ora sua própria “história de vida”, ora o complexo “ritual de passagem” que viveram. A pesquisa procurou examinar- no duplo registro do verbal e do visual- como essas pessoas escolhem e organizam, isto é, como “formam” (a imagem enquanto forma) e “montam” (a problemática da montagem) as fotografias por elas escolhidas, com vistas à evocação e transmissão de sua própria existência. (BRUNO 2009, p. 1).

Ressaltam-se aqui as peculiaridades da “forma” e da “montagem” para a concepção de uma *fotobiografia*. Os (as) interlocutores (as) da pesquisa da autora escolheram primeiramente cerca de 20 imagens, depois 10 e por fim, 3. Os *arranjos visuais*, colocados em pranchas fotográficas, neste contexto, demonstram as etapas de escolhas e ordenações (montagem) dos (as) interlocutores (as).

A *fotobiografia* evocada por esta investigadora discute e trabalha a imagem enquanto acontecimento e não como objeto apenas. Bruno (2009) procurou, em sua pesquisa com um grupo de idosos, descobrir com eles a memória que guardam e traçam sobre a própria existência; este procedimento deu-se a partir das fotografias de família (visualidade) e dos depoimentos dos (as) interlocutores/as (verbal). Este contexto investigativo dá especial tratamento à montagem dos conjuntos fotográficos, sendo esta parte imprescindível para o conceito de *fotobiografia* enquanto *imagem-memória*. Assim, a *fotobiografia* diz respeito a um conjunto de fotografias escolhido e montado pelos (as) interlocutores (as) e refere-se a instâncias *verbo-visuais* e figurativas (BRUNO, 2012). A memória, neste processo com as diretoras de Pelotas, vai ao encontro do que nos diz Halbwachs (1990), quando afirma que é uma construção feita no presente e que está ligada aos grupos e instituições sociais dos indivíduos.

As fotografias possibilitam, diferente do verbal, evidenciar os fragmentos da memória em constante mudança. Nas ordenações e combinações, nas associações e reformulações a montagem *fotobiográfica* se apresenta como passo essencial para a dinâmica das histórias de vida. Segundo a autora, então:

Poderíamos fortalecer nossa definição conceitual a partir de outro ponto de vista, levantando a questão: o que viria a ser montar uma fotobiografia? Como defini-la ou, melhor dizendo, como poderíamos tentar nos aproximar de sua dimensão única e de sua carga existencial? Ela é, primeiro, esse esforço intenso de ordem arqueológica, essa tentativa de descobrir-, camada após camada, imagem após imagem- dentro, para cima, embaixo, nos arredores, nos entrecruzamentos de *figuras* de ordens múltiplas- traços e vestígios de emoções, de sensibilidades, de sentimentos; sempre, fragmentos da vida de uma pessoa. (BRUNO, 2012, p. 97).

Assim, em seus trabalhos referentes às *fotobiografias*, Bruno (2009) exhibe uma riqueza visual e experimental que, metodologicamente, estética e teoricamente abre diversas portas para investigações antropológicas. Uma gama de formatos visuais e verbais que erigem narrativas contundentes sobre a história de vidas de pessoas idosas. Desta maneira, depoimentos espontâneos dos participantes tem papel central para a construção textual, em imagens ou em palavras. Também, o esforço artesanal da pesquisadora para propostas de formas que prezam pela intersecção entre imagens escolhidas e imagens “descartadas” e entre imagens e texto escrito (depoimento), nos apresenta vários caminhos interessantes para a construção de narrativas êmicas e polifônicas.

No presente trabalho com as mulheres sindicalistas não foi possível percorrer os mesmos passos que Bruno (2009), porém busco através da construção conjunta de *fotobiografias*, um acesso para se aproximar do que incita o problema de pesquisa já apresentado. As *fotobiografias* que Bruno expõe convidam o leitor para a interação e para o descobrimento das histórias. Além disso, através dos arranjos das fotos, das escolhas referentes às fontes e cores, enaltece o processo e o trabalho sobre a memória, que a dinâmica da montagem impulsiona.

Desta forma, com a *fotobiografia*, intenciona-se uma construção conjunta, não somente baseada na produção do pesquisador. De tal modo, constrói-se e focaliza-se um diálogo entre a *antropologia compartilhada* e a escrita sociológica e antropológica sobre o serviço doméstico através do exercício *fotobiográfico* que será apresentado no capítulo a seguir.

O que se desenrolou, então, foi o mais adequado, sob minha ótica e em consonância com os apontamentos das trabalhadoras, para contar as histórias de vida ao mesmo tempo em que se faz emergir o contexto mais amplo, histórico e atual, do serviço doméstico e de sua luta no Brasil.

Utilizei um tipo de intersecção entre imagens e texto, em concordância com as interlocutoras, que ressalta a fotografia escolhida e o depoimento concernente com a mesma. Também, ao final de cada narrativa *fotobiográfica* específica, apresento uma prancha com o arranjo visual que condiz com as primeiras 10 fotos escolhidas; logo após isso apresento outra prancha com as 3 fotos escolhidas ao mesmo tempo em que deixo transparecer as fotos

descartadas. Este tipo de disposição nos permite perceber, através da ordenação escolhida pelas mulheres, as fotografias deixadas de lado no processo de escolha, que constroem, também, outra narrativa da mesma pessoa (BRUNO, 2009). Por fim, é necessário ressaltar que os arranjos visuais (pranchas que reúnem as dez e as três fotografias escolhidas em sequência) e os cadernos *fotobiográficos* (sequência de duas fotos por página com depoimentos das interlocutoras) contam com uma estética seguida por Bruno (2009). O fundo preto e a escrita em branco tendo destaque. A escrita dos depoimentos está postada, também, de uma forma não linear, para que a memória e seus aspectos meandrosos sejam representados.

Todas as escolhas das fotografias e os depoimentos das quatro interlocutoras foram realizados no sindicato. Além disso, utilizei um gravador para captar os relatos das fotos que iam sendo escolhidas. Ressalta-se mais uma vez que os relatos verbais, bem como todas as fotos e suas respectivas sequências resultaram-se de decisões das quatro mulheres, em meio ao nosso diálogo. Desse modo, as páginas do próximo capítulo visam transmitir resultados e processos dos exercícios *fotobiográficos*, enfatizando as histórias de vida através da confiança dada às imagens e suas relações. Como veremos, seguindo a tentativa de uma antropologia compartilhada, será possível compreender dimensões do trabalho remunerado, do trabalho feminino e da luta das trabalhadoras domésticas no Brasil através da propulsão gerada pelas *imagens-memórias* das sindicalistas Leda, Cláudia, Terezinha e Ernestina.

#### 1.4 VIAGEM À ROMARIA DA TERRA E A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE-PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Nos dias 27 e 28 de fevereiro de 2017 acompanhei algumas mulheres do sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas em uma viagem até Pontão-RS, pequeno município do norte do estado. Este evento proporcionou a minha primeira viagem para fins etnográficos da pesquisa de mestrado<sup>10</sup>.

Cheguei a Pelotas-RS por volta do meio dia e fui direto para casa do meu amigo de infância Rodrigo, que mora na cidade desde 2014. Eu estava nervoso, pois pela primeira vez participaria de um evento com as interlocutoras, sem a presença a presença de demais colegas ou professores. Eu conhecia, através de conversas ainda iniciais, Ernestina, mas não conhecia

---

<sup>10</sup> Em 2013 fui com minha orientadora para conhecer o sindicato e acompanhá-la em um projeto específico sobre trajetórias de militância. Em 2016 compareci, também acompanhado por ela e por uma colega, em um almoço de final de ano, mas que não se concretizou como uma incursão etnográfica. Foram momentos cruciais para minha pesquisa, mas os considero como exploratórios.

muito bem as outras três diretoras do sindicato (Terezinha, Leda e Cláudia). Até o momento, meu único contato havia ocorrido no almoço de final de ano, onde também fiz parte de um “amigo secreto”, inclusive tendo tirado o filho de Cláudia para presentear. Enfim, meu nervosismo justificava-se pelo medo de me comunicar de uma forma inadequada com estas mulheres e demais passageiros do ônibus, que eram desconhecidos e, de alguma forma, “estragar” meu “primeiro contato”. Ernestina me apresentou como pesquisador/antropólogo e a partir desse momento minha presença passou a ser encarada como um antropólogo de Santa Maria que está conosco.

Acabei indo bem cedo para embarcar e esperei junto com Ernestina vários passageiros chegarem ao local, o que já propiciou uma aproximação entre nós. Em ocasiões, como, por exemplo, no almoço de final de ano ou nas conversas via Facebook, Ernestina já havia se mostrado preocupada com minha situação de moradia em Pelotas, com meus gastos e com minha segurança na cidade, sempre me dando dicas de lugares ou horários com menos riscos para mim. Mas, foi nesta viagem que tivemos uma interação onde preocupações individuais se diluíram em diálogos mais gerais sobre a condição do trabalho doméstico remunerado no Brasil.

A excursão foi organizada pelo sindicato, saindo no dia 27 à noite de Pelotas e chegando no dia seguinte a Pontão. Foram nove horas de viagem até o norte do estado. O ônibus foi praticamente lotado com quase quarenta pessoas, sendo elas mulheres do sindicato e seus familiares, membros da Igreja Católica, mais especificamente, Freis de um mosteiro Franciscano capuchinho do bairro Fragata de Pelotas e indivíduos da comunidade do mesmo bairro. Além de mim, havia mais uma pesquisadora que cursava antropologia na Universidade Federal de Pelotas, chamada Maysa<sup>11</sup>.

Na ida de Pelotas a Pontão, sentei-me ao lado de um senhor amigo de longa data de Ernestina. Metalúrgico aposentado que atuava no movimento sindical e participava de eventos e ações da paróquia do bairro Fragata. Durante aproximadamente uma hora contou-me histórias da romaria e da luta sindical, reclamando bastante de mudanças políticas atuais, fato corriqueiro para a coletividade operária contemporaneamente. Foi uma conversa muito boa,

---

<sup>11</sup> Foi muito interessante ter conhecido esta acadêmica da UFPEL, porque ela estava fazendo sua pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, na área da antropologia jurídica, junto às trabalhadoras do sindicato de Pelotas. Sua presença na viagem e na romaria foi muito importante para minha inserção no campo. Trocamos muitas experiências bibliográficas e de pesquisa e ela contribuiu para minha aproximação com as sindicalistas. Além disso, pelo fato de eu, na época (fevereiro de 2017) estar prestes a me matricular em uma disciplina de Antropologia e Imagem no Programa de Pós- Graduação em Antropologia da UFPEL, Maysa tornou-se uma colega que, para além das questões recíprocas de pesquisa, me apresentou a cidade, a universidade, pessoas próximas ao sindicato, etc.

pois tive conhecimento, mesmo que superficialmente, da história da Romaria da Terra. Assim, identifiquei, no diálogo com este homem, ressonâncias de um aspecto relevante para a militância das domésticas no Brasil, a saber: a ligação histórica de lideranças do movimento associativo e sindical das trabalhadoras domésticas com algumas vertentes da Igreja Católica. A história de vida e de formação política de Ernestina, como será exposto nas linhas subsequentes, assemelha-se muito com a da expoente figura de Laudelina de Campos Melo, fundadora do primeiro sindicato das trabalhadoras domésticas do Brasil.

Chegamos às seis da manhã em Pontão. Fiquei junto ao grupo do sindicato, composto pelas sindicalistas Ernestina, Cláudia, Terezinha e Leda, pelo companheiro desta última e colaborador/apoiador de vários eventos do sindicato, Nelson, com Maysa e duas pessoas muito próximas de Ernestina, Wine, que é sua filha mais nova e Mirian que é sua afilhada, jovens mulheres negras e universitárias que participam de inúmeras atuações no sindicato. Ficamos três horas esperando o começo da romaria. Com um público já muito grande, iniciou-se, às nove da manhã, a peregrinação até o local da missa. A caminhada durou duas horas e meia, com paradas, intervenções e encenações religiosas que remetiam ao processo de formação da fazenda Anonni (primeira ocupação do MST), local que abriga mais de 400 famílias. Chamou-me a atenção a dinâmica da celebração, pois não contava uma história bíblica aos moldes ortodoxos. A narrativa se mesclava com a história de confrontos, lutas, resistências, etc. A bravura de Sepé Tiarajú, por exemplo, era constantemente acentuada em meio aos cânticos católicos tradicionais da romaria, que neste ano estava na sua quadragésima edição. Ernestina, desde as interações no ônibus, cantava parte de uma música de Tião e Bié, símbolo entre os (as) religiosos (as) e simpatizantes do evento:

Romaria da Terra, faz o povo reunir numa luta sem guerra, nós lutaremos por ti. A terra é de todos, feita por nosso Senhor. Ele fez e deu ao homem, e também nos ensinou, que é nela que vivemos, e a ela abençoou. É tão linda a Natureza, é obra do Criador. Deus deu a inspiração, o homem fez a plantação, e foi assim que começou (...)

Eu já havia ido a romarias, minha família é católica e especialmente minha avó paterna sempre me contou sobre histórias provenientes de experiências religiosas deste tipo. Não sou religioso, mas confesso que me identifiquei bastante com o caráter menos calcado em divindades ou em doutrinas bíblicas que pude perceber no evento. Além deste fato, a romaria em questão contava com milhares de jovens da pastoral da juventude, agricultores familiares, membros do MST e da CUT, padres, freis e freiras de diferentes segmentos da Igreja Católica,

dentre outras milhares de pessoas que compartilhavam ideais em comum, ou seja, ideais de resistência política congruentemente ligados à fé cristã (católica).

Deste modo, se fez muito importante dar ênfase, dentro da dinâmica de construção de meu objeto de pesquisa junto ao ofício etnográfico, às redes que acompanham e sustentam a luta das trabalhadoras domésticas do sindicato de Pelotas. A literatura, como nos estudos de Bernardino-Costa (2007), mostra essa ligação nos primeiros movimentos das trabalhadoras domésticas, algo que pude presenciar com o grupo diretoras sindicais do sul do Estado do Rio Grande do Sul. Ademais, este evento fez emergir para minha pesquisa outros aspectos que possibilitam a consolidação de redes, tendo em vista que não se restringe aos movimentos sociais e à Igreja. Participando da romaria com essas mulheres, consegui perceber articulações nas quais a família é um dos alicerces principais. Isso ocorre em praticamente todos os episódios que dizem respeito às atividades do sindicato, como em confraternizações, atos públicos ou viagens.

Para Leda, Cláudia e Mirian, como também para mim, esta foi a primeira Romaria da Terra. Compartilhamos a dor e o cansaço de uma caminhada de quase três horas em um sol de 32 graus. Ao final da peregrinação, almoçamos em um bosque próximo ao salão da fazenda, onde ocorreu a missa final. Eu estava pronto para comprar um almoço, porém minhas interlocutoras não deixaram e insistiram para compartilhar seus lanches comigo, já que haviam levado muita comida, como carne assada, salada de maionese, pastéis, bolachas, pães, farofa, etc. Fiquei muito grato com o compartilhamento do almoço e acho que foi uma boa forma de conversarmos calmamente entre todo o grupo. Neste momento, além da articulação familiar para colaborações diversas, percebi que a Romaria para Ernestina não era uma viagem somente religiosa ou para fins militantes. A sociabilidade dos eventos é recorrentemente salientada no que diz respeito as consolidações de redes. Ela formou-se e tomou consciência de sua condição de trabalhadora doméstica através de atmosferas como a da Romaria da Terra. Como ela mesma disse: “Aqui é meu chão, olha só a quantidade de gente. Vim aqui quando meu filho tinha quatro anos de idade. Não é uma missa como as outras, aqui se fala de terra, reforma agrária, do povo mesmo” (Trecho do diário de campo).

Ressalto que este momento da minha pesquisa foi extremamente relevante para a minha inserção em campo, pois por horas compartilhei experiências e reciprocamente interações se deram de uma forma menos rígida, onde me senti componente de uma sociabilidade dentro de um processo incipiente de pesquisa empírica.

Foi a partir desse evento que senti que as interlocutoras perceberam que eu estava disposto a vivenciar outros momentos ligados ao sindicato e às suas vidas. Como agora me “conheciam”

e eu conhecia elas e algumas propostas de suas lutas, os dois lados se tornaram menos inflexíveis para conversações. Geertz, em sua obra *A interpretação das culturas*, descreve uma situação onde ocorreu uma mudança em seu trabalho de campo. Ele e sua esposa estavam em um contexto ilegal de brigas de galo em Bali e ao perceberem a chegada da polícia, fugiram, acompanhando os “nativos”. Este evento fez com que ele fosse visto não mais como um “invisível” na aldeia. Mesmo que seu ato tenha sido impulsionado por medo e covardia, houve uma aceitação por parte dos balineses, que passaram inclusive a caçoar dele nas conversações (neste país, isso significa aceitação). Sendo assim, Geertz apresenta-nos, com a descrição de sua fuga e das relações posteriores a isto, uma reviravolta na sua relação com o povo local (GEERTZ, 2008).

Dadas as devidas diferenciações entre os contextos culturais e de pesquisa, faço esta alusão à situação vivida por Geertz, porque foi a partir da Romaria da Terra, da viagem até Pontão e do compartilhamento de experiências concernentes com a luta política das mulheres de Pelotas, que comecei a ser visto não somente como “alguém que iria escrever textos sobre a história do sindicato”, mas como um “companheiro” (termo que seguidamente aparece nas conversas no Whatsapp e no dia a dia de trabalho no sindicato). Companheiro de luta, que no caso fez diluir minha condição de pesquisador em meio a essas mulheres. Quero dizer, com isto, que fui aceito como um “co-aldeão” (GEERTZ, 2008). Não que me tornei “nativo”, obviamente. Meu comportamento mudou e o delas também, a partir do compartilhamento de experiências na viagem e na peregrinação. A Romaria da Terra me aproximou empiricamente de percepções, lugares e sociabilidades relevantes para a organização política e para as práticas de resistência das mulheres supracitadas.



Foi um evento que fez emergir redes que se mantêm historicamente na luta das domésticas. Estas redes demonstram a peculiaridade dos sindicatos de trabalhadoras domésticas no Brasil, e também dizem respeito às práticas de resistência cotidianas, pois Ernestina mantêm essas ligações no seu dia a dia e em suas viagens, assim como outras participantes do sindicato, não refletindo somente aspectos extraordinários de ações voltadas para a referida luta sindical. A igreja se encontra no cotidiano de Ernestina, bem como as ações da CUT e as ações de pesquisadores (as) e ONGs feministas, de membros de sindicatos e outros movimentos sociais.



Desde a década de 1940, a partir das primeiras associações, tendo Laudelina de Campos Melo como grande expoente da luta das trabalhadoras domésticas no Brasil, até hoje, a militância do serviço doméstico se faz com redes e com ligações significativas para possíveis modificações no âmbito dos direitos e da dignidade.

### 1.5 O UNIVERSO DA PESQUISA E PRINCIPAIS INTERLOCUTORAS

A etnografia foi construída, nesta dissertação, em diferentes espaços, situações e encontros, a saber: na observação dos atendimentos, do espaço físico do sindicato, do uso dos materiais gráficos, nas conversas informais com as sindicalistas, nos diálogos da construção conjunta das *fotobiografias*, nos eventos organizados pelas trabalhadoras domésticas, nas conversas pelo aplicativo Whatsapp, na romaria, em caminhadas pelo centro da cidade, bem uma festa de formatura da filha da liderança sindical Ernestina. Deste modo, saliento que uma

etnografia *multisituada* não se fixa na operacionalização investigativa dada em “vários locais”. Não é a dimensão espacial que distingue este modo de pesquisa etnográfica.

Neste contexto, quatro mulheres organizam e dinamizam os propósitos do sindicato. Ernestina é a liderança sindical, mulher negra de sessenta anos que está na luta pela causa das domésticas há trinta anos. Leda, sessenta e dois anos, mulher branca, é a diretora mais presente nos atendimentos. Terezinha, sessenta e quatro anos, há vinte e oito anos na luta, é aposentada e participa ativamente de eventos e de burocracias internas. Cláudia, doméstica mensalista há dezoito anos, trinta e oito anos de idade, que é peça central para a renovação da base desta organização e atualmente é a presidenta do sindicato.

No cotidiano do sindicato, mais especificamente nos seus expedientes, a observação participante ocorreu junto aos atendimentos burocráticos feitos com trabalhadoras domésticas não sindicalizadas, nas reuniões de diretoria, entre as diretoras e familiares e nas comunicações através a partir dos usos de materiais gráficos que compõem o ambiente.

Para além das paredes do sindicato, espaço primordial para a compreensão do desenvolvimento de práticas de resistência, a presente etnografia busca mostrar a atmosfera dos eventos organizados por estas militantes. São quatro eventos (com exceção da romaria já apresentada) que serão descritos detalhadamente no capítulo III, todos ligados às redes de ações políticas que compõem a vida das interlocutoras, a saber: um chá de aniversário do sindicato, um jantar dançante e um almoço beneficente e a festa de formatura da filha de Ernestina.

Outros (as) interlocutores (as) estiveram presentes na construção desta etnografia: o Nelson, a Wine e a Mirian. O primeiro é um homem negro, trabalhador da construção civil, que está presente em muitos eventos do sindicato e é companheiro da Terezinha. Wine é filha da liderança Ernestina e acompanha as atividades da mãe desde criança. Participa da organização e confecção de materiais gráficos imprescindíveis para a divulgação interna e externa do sindicato. Mirian é afilhada de Ernestina e é militante do movimento negro, peça chave para reuniões e atos de cunho político, bem como para a sociabilidade do grupo de sindicalistas e seus familiares.

O universo da pesquisa descrito acima tornou possível reflexões que trago ao longo do texto no que diz respeito ao trabalho do sindicato e de suas diretoras, suas histórias de vida e suas redes de sociabilidade e militância.

## 2 FOTOBIOGRAFIA - O SERVIÇO DOMÉSTICO BRASILEIRO E SUAS MOBILIZAÇÕES

As linhas subsequentes visam, através de exercícios *fotobiográficos* realizados por mim e pelas interlocutoras da pesquisa, evidenciar, no escopo de uma proposta de antropologia compartilhada, as peculiaridades das histórias de vida de Leda, Cláudia, Terezinha e Ernestina. Com isso, seguindo o modelo verbo-visual da metodologia *fotobiográfica*, o trabalho doméstico remunerado e suas implicações militantes serão problematizadas em consonância com uma literatura sobre o tema no Brasil. Neste sentido, este capítulo, dentro da minha proposta de investigação antropológica, é um ensaio co-autoral entre pesquisador e interlocutoras.

### 2.1 AS *FOTOBIOGRAFIAS*<sup>12</sup>.

No capítulo I apresentei os alicerces do exercício *fotobiográfico* detalhadamente. Agora, sucintamente, elucidarei os passos que foram seguidos para a construção desta parte da pesquisa. Sob a ótica de uma antropologia compartilhada, buscou-se um trabalho co-autoral meu (pesquisador) e das quatro sindicalistas interlocutoras desta etnografia. Para isso, me encontrei com as quatro mulheres para que elas, através de um diálogo aberto, escolhessem dez fotos. Com o uso de um gravador eu captei os relatos verbais enquanto elas escolhiam as fotos e a sequência que, segundo elas, contaria de uma forma mais adequada a história de vida que queriam. Todas as sequências, bem como todo relato verbal partiram de decisões das quatro mulheres e formaram *fotobiografias* que nos contam histórias de vidas específicas ao mesmo tempo em que levantam questões referentes às práticas de resistência que dizem respeito à história do serviço doméstico e do movimento sindical da categoria.

A seguir, então, as *fotobiografias* serão apresentadas. E, mais adiante, as histórias de vida evocadas deste processo conduzem a uma discussão bibliográfica sobre serviço doméstico e militância no Brasil. Desta maneira, as *fotobiografias* acabaram por suscitar temas que e balizaram a revisão literária nesta parte da presente dissertação. Neste caso, temas elencados

---

<sup>12</sup> Este espaço da presente dissertação não vai guiar-se completamente pelas normas da MDT (Manual de Dissertações e Teses) da UFSM. As páginas com fundo preto, esteticamente adequadas ao exercício *fotobiográfico*, não estão paginadas e as imagens contidas nelas não se enquadram na lista de ilustrações deste trabalho. As páginas dos cadernos *fotobiográficos* (com fundo em preto) tentam esteticamente e metodologicamente seguir um caminho onde as normas de paginação, legendas e listas não contribuem para a proposta visual desta parte específica do trabalho.

sob minha ótica interpretativa, que foram incitados pelo processo da antropologia compartilhada.

## 2.2 FOTOBIOGRAFIA DE LEDA



Leda Suares Medeiros tem sessenta e quatro anos de idade, é natural de Pelotas e desde sua adolescência trabalha no serviço doméstico. Neste tempo laboral, também trabalhou no campo e em uma fábrica. Sua aposentadoria ainda não aconteceu, fazendo com que ela ainda trabalhe como diarista, esporadicamente, em meio a sua atividade sindicalista. No sindicato das trabalhadoras domésticas de Pelotas está desde o ano de 2015, tendo intensa participação como diretora; para além de suas significantes participações em congressos da categoria, principalmente da FENATRAD, mantém uma atuação essencial para a dinâmica interna de atendimentos no sindicato, bem como organiza eventos militantes e de lazer oriundos do grupo de diretoras sindicais.

Esta mulher, então, dentro da presente pesquisa etnográfica, foi a última a realizar comigo o exercício de composição de uma *fotobiografia*. Como já foi dito, assim como as outras três *fotobiografias*, o início desta narrativa originou-se de um encontro na sede sindical das trabalhadoras domésticas de Pelotas. Leda trouxe fotos de seu acervo pessoal, provenientes de álbuns pessoais, mas também destinou dois espaços da sequência da *fotobiografia* para registros do Facebook.



Essa minha tia aqui,

irmã da mãe...

ela trabalhava no clube dos  
ingleses

aqui na XV.

O cara era inglês, veio

da Inglaterra... Ela era  
empregada

doméstica dele, então eu ia lá com  
ela.



Essa aqui eu tinha catorze anos... Eu trabalhava num japonês que tinha lavoura de tomate. Eu trabalhava dentro da casa deles, fazia comida pra eles. Era explorada. A gente pegava as sete horas da manhã e soltava sete horas da noite. Trabalhava de sol a sol.

Então, quando eu saí de lá já com dezesseis anos eu saí sem receber nada.



Aqui é onde eu morava,  
morava

lá no “Sinotii”, era pra fora.

Reservatório “Sinotii”.  
Nono distrito de Pelotas.

A gente morava  
assim...

na beira da estrada. A gente  
tinha nossos “casebrezinhos”  
lá.



Sou eu em casa.

Tinha dezesseis anos,  
lá no “Sinotii”.

Na época o pai  
trabalhava na  
prefeitura capinando,  
tapando buraco.



Aqui dois sobrinhos.

Eu e meu marido. Recém tinha ido pra casa dele.  
Depois...

a gente trabalhou em granja em Serafina Correâ.

Naquela época eu trabalhei em restaurante  
também. Ganhava bem, era bom, tchê!



Essa aqui é a mãe.

Esses são os três irmãos meus.

Eu com dezessete anos.

No "Sinote". Já no Areal, a mãe foi visitar nós lá.



Na casa da  
Doutora, no  
Areal.

Trabalhei  
seis anos  
nessa casa.

Criei ele.

Tenho  
paixão por  
ele.



Aqui ele também. Bah, esse dias  
encontrei ele no Cassino.

Um baita homem.

Nessa casa de

família era babá,  
passava

lavava e



No congresso no Rio de Janeiro. Bah, foi bom!

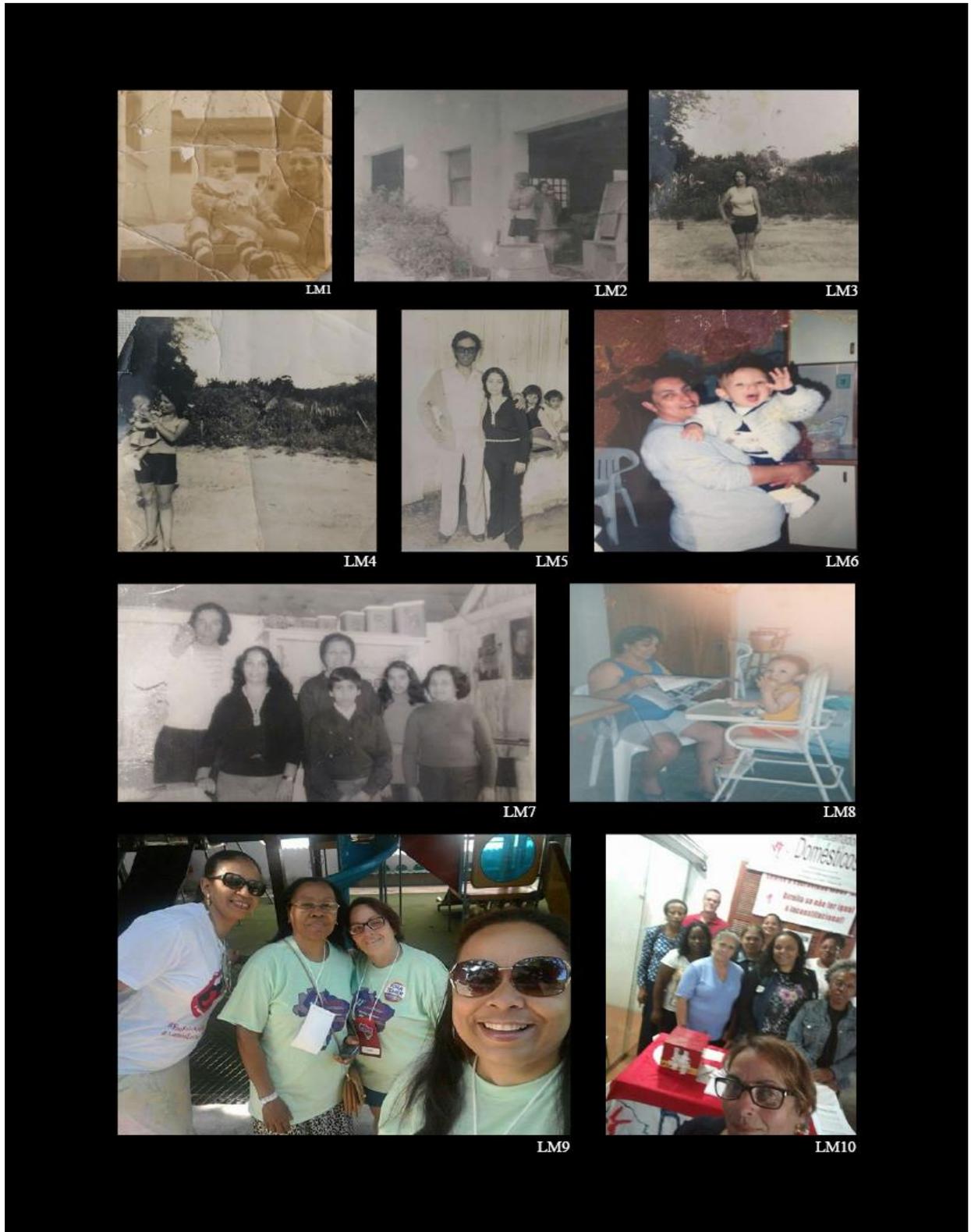
Aqui as eleições.



Cláudia é a nova presidenta

Aí as novas diretoras.

2.2.1 Arranjo visual 1: escolha e ordenação de dez fotografias



### 2.2.2 Arranjo visual 2: escolha e ordenação de três fotografias



### 2.3 FOTOBIOGRAFIA DE CLÁUDIA



Cláudia Luiza Oliveira da Rosa é natural de Pelotas, casada e têm quatro filhos. Atua como trabalhadora doméstica desde a adolescência e no ano de 2016 conectou-se ao sindicato. Participa bastante das reuniões e das organizações da militância. Foi eleita, em abril de 2018, a nova presidenta do sindicato. É a diretora mais nova e com quarenta e três anos também faz parte de um grupo de trabalhadoras do Laranjal, bairro (praia) de Pelotas<sup>13</sup>.

Esta mulher foi a penúltima a construir comigo a sua *fotobiografia*. Como as demais, levou as fotos até a sede sindical e utilizou algumas oriundas do Facebook, além das retiradas de álbuns e do acervo físico pessoal.

<sup>13</sup> Este grupo reúne trabalhadoras domésticas que estão empregadas em casas do Bairro Laranjal em Pelotas. Segundo Cláudia, é um grupo que se reúne mais em encontros fora de uma dinâmica militante ou sindical. Encontram-se algumas vezes no ano para confraternizações, por exemplo. Faz-se necessário ressaltar que essas mulheres do Laranjal se conheceram em grande parte nos itinerários realizados por ônibus que as levam de seus bairros ou do centro até o Laranjal. Estes encontros configuram-se como práticas de sociabilidade corriqueiras entre trabalhadoras domésticas, segundo falas de algumas diretoras.



Essa aqui é uma foto que... a gente foi criada num orfanato.

Nunca fomos maltratadas nem nada...

o único problema é que agente tinha que passar pela mãe e não podia chamar de mãe.



Aqui nessa época a mãe trabalhava lá.

Quando ela saiu ela nos levou.



Pra nós, nós era feliz.. a gente podia não aparentar, mas todo mundo era feliz... os primos tavam sempre junto, o que não se vê mais né??



Eu tinha dezesseis anos... aqui minha professora e minha patroa, que ainda é hoje. Só que engravidei, com essa idade eu não sabia o que era o primeiro namorado.

A mãe fez eu casar na marra. Eu gosto dessa foto por causa delas, porque eu não tava feliz, não gostava dele, ele me ameaçava.



Isso aqui é meu casamento, foi esse dia que eu casei. Com meus patrões.

Quando eu completei a maioridade eu acabei com o casamento.

Eu amo a minha família, sabe.



Tenho paixão pela minha família. A gente vai fazer vinte anos de casado.

Mas é uma das fotos que eu mais amo, porque eu sempre quis casar assim.

É uma foto que...

Eu gosto de ver ela.



Tem aqui uma pessoa centenária que a gente ama bastante ela. Que é a mãe da mãe. Hoje ela tá numa casa de idosos, por que as filhas dela são idosas... há dois anos atrás ela morava sozinha.

Eu , se eu não trabalhasse, ficaria com ela.

Meus filhos não vão cuidar, a juventude hoje ...



Aqui foi nossa primeira viagem pro Rio de Janeiro... quer dizer, a minha primeira viagem. Pro congresso da FENATRAD com o sindicato.

Eu nunca tinha saído da cidade de Pelotinhas.



Aqui as gurias do laranjal, associação de mulheres que trabalham lá, né. Que a gente se encontra no ônibus também. Muito legal...

Eu consigo levar vinte mulheres no café, mas não consigo trazer pro sindicato.



Tu tava junto né.

Minha primeira Romaria da Terra. Gostei bastante, mas tava muito calor, lembra né? Essa foto foi tu que tirou eu acho. Mas foi muito legal, esse ano vamos de novo.

2.3.1: Arranjo visual 1: A escolha e a ordenação de dez fotografias



### 2.3.2 Arranjo visual 2: a escolha e a ordenação de três fotografias



## 2.4 FOTOBIOGRAFIA DE TEREZINHA



Terezinha Medianeira Mendes Ulguim tem sessenta e dois anos, é natural de São Lourenço do Sul, município próximo a Pelotas. Tem origem quilombola de uma comunidade de São Lourenço e está há dez anos no sindicato. Há dois anos está aposentada do serviço doméstico remunerado, destinando seu tempo às atividades militantes e organizacionais do sindicato de Pelotas. Foi a segunda a construir comigo sua *fotobiografia*. Assim como as outras mulheres, levou as fotos até a sede sindical e todas elas foram extraídas de álbuns e do acervo físico pessoal.



Por que o nome Terezinha Medianeira  
Menz Ulguim?

Por causa que eu sou de sete mês.

Aí com cinco anos me vestiram de Santa  
Terezinha



Aqui é o casamento em 1979.

Como o casamento durou pouco, tive que assumir minhas  
filhas sozinha.

Foi sempre ausente.



Minha crisma, aquele ali atrás morreu numa acidente de carro. Muito novo o Frei. Era muito legal, participativo.



Aqui as crianças. Pastoral dos jovens e dos pequenos. Daí os grandes levavam os pequenos. As mães não levavam, quem levava era os grandes. Sempre foi um aconchego a Igreja Católica, com os Freis capuchinhos.



É do livro “Descobrimos que tem raça negra no Rio Grande”

É as histórias dos quilombos. Eu participei.



Isso aqui é importante. Grupo Axé Dudo. O grupo foi feito, acho... na Escola Silvia Mello. Axé Dudo... tão tudo casada essas gurias. O grupo era na comunidade Semente Futuro. As professoras iam, faziam umas tranças nas meninas...



Na vila onde alaga.  
Antiga Farroupilha.  
Morei 19 anos lá.  
Atrás da rodoviária.  
Quando dava  
enchente a gente ia  
pra Igreja. Eles  
colocaram no meio  
da vila a Igreja, pra  
quando o povo  
precisar sair, botava  
nem que seja os

móveis

dentro

da

Igreja.



Isso aqui, não lembro que idade. Foi um encontro que a gente teve lá... e eles me acharam no meio da multidão. Daí os Frei me deram essa foto. Acho que preparação pra eleição do Lula, os Freis me carregavam pra tudo que é lado.



Meus  
catequizandos...

Eu era ministra da  
pastoral, dos Freis  
Capuchinhos.

Essa é minha filha.  
A mais velha.

Tão tudo aí, a minha  
negradinha



Eu trabalhando na Fábrica. Confraternização de amigo secreto. Os encarregados e meus colegas.  
Eu sou de São Lourenço, mas eu sou da zona colonial. Trabalhei até os 19 anos com meu pai,  
meus irmãos. Eu trabalhava também na Safra,

### 2.4.1 Arranjo visual 1: a escolha e a ordenação de dez fotografias



TU1



TU2



TU3



TU4



TU5



TU6



TU7



TU8



TU9



TU10

### 2.4.2 Arranjo visual 2: a escolha e a ordenação de três fotografias



TU1



TU2



TU3



TU4



TU5



TU6



TU7



TU8



TU9



TU10

## 2.5 FOTOBIOGRAFIA DE ERNESTINA



Ernestina, sessenta anos, é a liderança<sup>14</sup> do sindicato e há muitos anos está inserida na luta política pelos direitos das trabalhadoras domésticas. Tem origem de um local onde existiu o “Quilombo do Algodão”, em Pelotas-RS. Inúmeras vezes participou de eventos, por diferentes estados do Brasil, como congressos da categoria, entre outras atividades. É trabalhadora doméstica aposentada e desde o ano de 1987 está vinculada ao sindicato das trabalhadoras domésticas de Pelotas-RS<sup>15</sup>. Assim sendo, foi a primeira das quatro sindicalistas desta pesquisa a construir a fotobiografia comigo. Todas as escolhas são provenientes de um acervo físico de álbuns de família.

---

<sup>14</sup> Como já foi dito no capítulo I, será mantida a palavra “liderança” para Ernestina. Todas as quatro são lideranças, porém, seguindo o que compreendi no círculo de sociabilidade do sindicato, Ernestina é chamada assim constantemente.

<sup>15</sup> O sindicato foi fundado em 1989, porém antes já existia uma associação das trabalhadoras domésticas de Pelotas.



Isso é na minha casa ,  
aniversário do meu mais novo,

nem sei o que é isso em cima do bolo.



Aqui eu me formei

na minha negritude,

onde eu tive consciência

da minha condição



Atividades com crianças no Bairro... Acho que é na frente de casa...

A companheira ali de mamãe Noel



Isso é política,

rede

de mulheres afrolatinas e caribenhas



Com o Paim, ele era deputado Federal na época, ali tu vê

Negritude, Fé e Política



E onde eu tive mais votos foi na vila

Conceição em Porto Alegre

Né...Então, mostraram bastante consciência lá



Na vila Jardim Europa, aqui no Bairro Areal...

fazendo campanha, minha campanha solidária, meus panfletinhos na bolsa e eu de em porta me apresentando como trabalhadora doméstica, mas que sabia que

porta  
na

política

o

que

muda

é

o

voto...



Isso é na minha campanha pra vereadora...

Esse pessoal deu suporte pra  
minha campanha, esse casal aí fez os cartazes na época



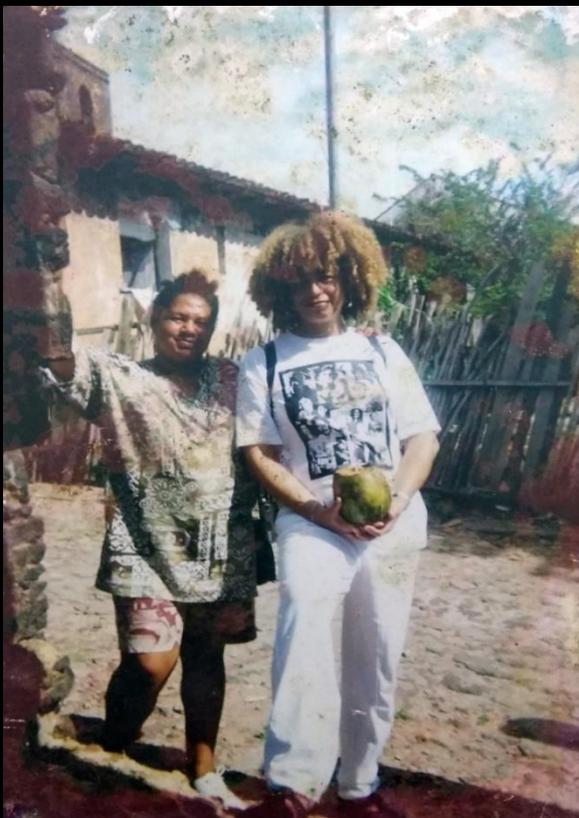
Isso é 84,  
toda vem da igreja,

primeira

Romaria da Terra,  
minha consciência de

nossa base

negritude, de mulher negra



Tu pode colocar daí...

“caminhada com Ângela Davis”

(...) Retalhos

da  
nossa história...

### 2.5.1 Arranjo visual 1: a escolha e a ordenação de dez fotografias



EP1



EP2



EP3



EP4



EP5



EP6



EP7



EP8



EP9



EP10

### 2.5.2 Arranjo visual 2: a escolha e a ordenação de três fotografias



EP1



EP2



EP3



EP4



EP5



EP6



EP7



EP8



EP9



EP10

## 2.6 SERVIÇO DOMÉSTICO E MILITÂNCIA

Esta parte do capítulo visa conectar as narrativas *fotobiográficas*, apresentadas acima, a alguns aportes teóricos sobre o trabalho doméstico e sobre a dinâmica militante historicamente construída dos sindicatos das trabalhadoras domésticas brasileiras. Sendo assim, interpretações oriundas das *fotobiografias* guiarão diálogos entre os (as) autores (as) escolhidos. Primeiramente, uma discussão mais ampla sobre o tema aparecerá em consonância com as narrativas *fotobiográficas*. Depois, o sindicalismo com suas circunstâncias e alicerces, será problematizado seguindo a produçãoêmica e compartilhada das *fotobiografias*<sup>16</sup>. Neste sentido proponho apontar alguns temas suscitados pelas *fotobiografias* que nortearam o debate bibliográfico, a saber: trabalho doméstico feito desde tenra idade, trabalho doméstico como experiência das mulheres da família, pobreza, afeto em relação a quem cuida, presença dos (as) padrões (as) na vida cotidiana, relações familiares das domésticas, herança colonial e da escravidão, Igreja e formação de base, movimento negro, parcerias e papel de movimentos feministas e as recentes conquistas políticas e legais no Brasil.

### 2.6.1 Estudos do trabalho doméstico- um breve arcabouço teórico

No bojo das discussões sobre trabalho doméstico começo por destacar a discussão sobre a divisão sexual do trabalho, construção social presente na maioria das sociedades. A divisão sexual do trabalho designou historicamente atividades prestigiadas socialmente para os homens, enquanto as mulheres ficaram com ofícios domésticos e de baixa respeitabilidade (HIRATA; KERGOA, 2007). O economista Devetter (2013), por exemplo, querendo saber o que impulsiona a externalização das tarefas domésticas na França, contribuiu para o entendimento das lógicas que sustentam a divisão entre casais no contexto familiar de camadas médias e altas. Para o referido autor, mesmo entre casais mais igualitários, o trabalho dito “sujo” acaba sendo delegado às mulheres. Dentro dessa lógica, é com a soma de desigualdades étnicas e de

---

<sup>16</sup> No corpo do texto aparecerão códigos que estão nas fotos das pranchas *fotobiográficas* das quatro mulheres. Cada código é referente a uma foto e é composto por letras do nome da interlocutora e pelo número da posição na prancha de dez escolhas (TU7 refere-se a sétima fotografia de Terezinha Ulguim, por exemplo). Isto pretende facilitar determinada referência *fotobiográfica* ao que se está relacionando com algum ponto da discussão bibliográfica. Além disso, alguns debates no texto farão referência de forma mais geral, sem especificar a foto via o seu código.

nacionalidade que se consolidam preconceitos e relações incômodas de subalternidade no tocante ao trabalho doméstico, dentre outras coisas. Ainda, segundo Hirata e Kergoat.

As condições de vida de mulheres e homens não são produtos de um destino biológico, mas, sim, fruto de construções sociais que têm como base material o trabalho e se exprimem através de uma divisão social do trabalho entre os sexos. Essa divisão sexual do trabalho reflete o fato que a maioria dos homens exerce suas atividades no mercado de trabalho capitalista (o chamado “trabalho produtivo”) e as mulheres dividem seu tempo “naturalmente” entre a produção de mercadorias fora de casa e a realização das tarefas domésticas relativas aos cuidados da família (o dito “trabalho reprodutivo”). O trabalho reprodutivo tem um grande significado para o bem-estar do ser humano. Porém, como não tem caráter mercantil, é ignorado pelas ciências econômicas e desvalorizado pela sociedade, que dele depende para se reproduzir. Assim, a divisão sexual do trabalho está no cerne da argumentação do pensamento feminista sobre as diferenças entre o papel feminino e o masculino. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 137).

Os estudos sobre o trabalho doméstico surgiram incitados pelo movimento feminista dos anos 70. A categoria trabalho começou a ser revista, principalmente no condizente ao que seria produtivo e improdutivo no capitalismo (DANTAS, 2017). Autoras expoentes para essa discussão, como Heleiethi Saffioti, dentro de uma visão marxista apontada para a condição da mulher no capitalismo, nos diz que o trabalho doméstico remunerado não se enquadra no cenário capitalista gerador de mais-valia (SAFFIOTI, 1978). Isto se daria devido ao caráter pessoal de remuneração de trabalhadoras domésticas, provinda de uma renda pessoal do empregador (a). Assim, o trabalho doméstico seria um trabalho integrado e subordinado ao capital, porém não totalmente capitalista (MELLO, 2005). Esta visão, por outro lado, foi criticada por autoras que disseram que o trabalho doméstico foi usado em benefício do capital e obviamente não valorizado dentro das lógicas emancipatórias da mulher frente ao contexto industrial (DANTAS, 2017). Também, segundo Joana Pedro Mello (2005) e outras autoras feministas, as discussões marxistas dos anos 1970 e 1980 acabaram por fazer com que o debate sobre o trabalho doméstico não avançasse. Este argumento se ancora nas críticas aos usos dos conceitos marxistas referentes ao trabalho assalariado do mundo industrial para o universo do trabalho doméstico remunerado. A superação da opressão das mulheres no tocante a quase inexistente divisão de tarefas realizadas dentro do lar, neste caso, não é beneficiada. Como exprimi Bruschini:

A primeira geração de estudos sobre trabalho feminino, no Brasil, focalizou exclusivamente a ótica da produção, sem levar em conta o fato de que o lugar que a mulher ocupa na sociedade também está determinado por seu papel na família. O debate teórico e as pesquisas sobre o trabalho feminino tomaram um novo rumo quando passaram a focalizar a articulação entre o espaço produtivo e a família, ou espaço reprodutivo. Pois, para as mulheres, a vivência do trabalho implica sempre a

combinação dessas duas esferas, seja pela articulação, seja pela superposição, tanto no meio urbano quanto no rural. (BRUSCHINI, 2007, p. 542).

Obviamente, os estudos de autoras pioneiras, como a referida socióloga Saffioti, são grandes marcos no desenvolvimento das discussões sobre trabalho e gênero, trabalho doméstico, dentre outros debates. Porém, como afirmam diversas intelectuais feministas, a luta por melhores condições femininas no capitalismo não avançou seguindo o viés marxista que afastava o trabalho doméstico dos tentáculos da produção capitalista.

A esfera reprodutiva que acompanha e constrói o trabalho doméstico, assim como a divisão sexual do trabalho são pilares a serem entendidos em diferentes sociedades. Contudo, a reflexão deve ser feita chamando a atenção para as peculiaridades do labor em âmbito doméstico, no que diz respeito às esferas econômicas e sociais.

Segundo Valverde, Egg e Mendes (2012):

O trabalho doméstico é raramente reconhecido e valorizado por quem dele se beneficia e sua importância e necessidade só são percebidas quando não é realizado ou quando é realizado de forma insatisfatória. Estas concepções contribuem para que esta atividade não seja percebida como uma profissão como todas as outras, sendo marcado pela precarização e desvalorização. Apesar de ser uma atividade laboral essencial não apenas para o funcionamento dos lares, como também para as economias, o trabalho doméstico é pouco regulamentado, sendo uma das ocupações que apresenta os maiores déficits de trabalho decente. A constatação de que ainda existe no trabalho doméstico violação dos direitos humanos e dos direitos fundamentais do trabalho, como: o trabalho forçado; o trabalho infantil; a discriminação marcada pelo pertencimento étnico-racial, geracional e de gênero; as violências física e sexual, ou ainda, a precarização das condições e da relação de trabalho, requer da comunidade internacional a adoção de medidas para transformar essa realidade. Atualmente, observa-se que a demanda pelo trabalho doméstico remunerado tem crescido no mundo. Mudanças na estrutura familiar e na organização do trabalho como consequência do processo da globalização, contribuem para isso. A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e a, conseqüente, insuficiência ou ausência de políticas públicas, programas e ações que promovam a conciliação entre o trabalho e a vida familiar, a crise do modelo tradicional dos cuidados são aspectos marcantes destas mudanças. Contribuem ainda para este quadro o envelhecimento da população e a intensificação da jornada de trabalho nos anos mais recentes (p. 10)

Seguindo estes argumentos, bem como toda uma discussão que procurou desvelar realidades perniciosas para que o trabalho doméstico fosse regulamentado e decentemente fixado como atividade essencial para as sociedades, percebemos que, como colocado na citação acima, mudanças contemporâneas também têm impulsionado novos rumos para o trabalho doméstico remunerado. A família, as relações de cuidado, como também as constantes ausências do Estado nessas relações, tem se mantido como problemas para a categoria laboral. Assim sendo, conforme alguns autores (as) existem peculiaridades condizentes com definições acerca do trabalho doméstico. Para Fraga (2010), emprego doméstico diz respeito a um ofício

realizado fora do ambiente doméstico privado e trabalho doméstico condiz com qualquer atividade realizada no terreno particular familiar. Esta última corresponde ao que uma dona de casa faz no seu dia a dia de trabalho, por exemplo. Na obra *Muchacha, cachifa, criada, empleada, empregadilha, sirvienta y... más nada* (1993), organizada por Elsa Chaney e Mary Garcia Castro, todos os autores (as) denominaram a atividade remunerada do trabalho doméstico enquanto *serviço doméstico* (CHANEY; CASTRO apud FRAGA, 2010). Dentro dessas diferenças de definições<sup>17</sup> é de suma importância reiterar que tanto o serviço doméstico quanto o trabalho doméstico se enquadram na acepção *trabalho reprodutivo*, que corresponde às tarefas de âmbito doméstico que não geram a produção dentro da lógica capitalista (atividades de cuidado como cuidar dos animais, dos enfermos, das crianças, dos idosos, etc.).

Atualmente, o serviço doméstico é a segunda maior categoria de trabalho feminino no Brasil, o que é algo novo, pois há pouco tempo estava em primeiro lugar. Atividades como as do setor de serviço e do comércio têm mais reconhecimento social, não sendo, portanto, necessariamente uma maior remuneração o que propulsionou essa mudança entre essas atividades laborais femininas (BRITES, 2013). Este tipo de trabalho, no Brasil, foi e continua marcado por ser quase que exclusivamente operacionalizado por mulheres oriundas de estratos sociais baixos, onde desigualdades econômicas, sociais e étnicas se fazem presentes (BRITES, 2007; OLIVEIRA, 2007). Ambientes familiares de classe alta e média historicamente contam com trabalhadoras de origens pobres que fazem diversos afazeres domésticos, desde a limpeza da composição material dos lares até aos serviços orientados para o cuidado de crianças, idosos (as) e enfermos (BRITES, 2007). Desta maneira, a divisão sexual do trabalho e o trabalho reprodutivo se apresentam como alguns pilares das características do trabalho doméstico, remunerado ou não, em diferentes países do globo.

Os números relevantes do universo laboral doméstico brasileiro fazem com que seja cada vez mais importante existirem empreendimentos direcionados para um campo tão vasto e ao mesmo tempo tão invisível. Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas):

Quanto mais alta a renda das mulheres, menor a proporção das que afirmaram realizar afazeres domésticos – entre aquelas com renda de até um salário mínimo, 94% dedicavam-se aos afazeres domésticos, contra 79,5% entre as mulheres com renda superior a oito salários mínimos. Em situação inversa estão os homens. A parcela dos que declararam realizar trabalho doméstico é maior entre os de mais alta renda: 57% dos que recebiam de 5 a 8 salários mínimos diziam realizar esses afazeres, proporção que cai a 49% entre os que tinham renda mais baixa. Apesar de, proporcionalmente, o rendimento das mulheres negras ter sido o que mais

<sup>17</sup> No decorrer do presente texto, utilizarei tanto serviço doméstico quanto trabalho doméstico remunerado para designar o universo laboral que é o ponto central da pesquisa. Fiz esta escolha, pois as duas expressões são utilizadas pelas sindicalistas de Pelotas.

se valorizou entre 1995 e 2015 (80%), e o dos homens brancos ter sido o que menos cresceu (11%), a escala de remuneração manteve-se inalterada em toda a série histórica: homens brancos têm os melhores rendimentos, seguidos de mulheres brancas, homens negros e mulheres negras. A diferença da taxa de desocupação entre sexos também merece registro: em 2015, a feminina era de 11,6%, enquanto a dos homens atingiu 7,8%. No caso das mulheres negras, ela chegou a 13,3% (e 8,5% para homens negros). (IPEA, 2015, p. 1).

Os números do trabalho doméstico brasileiro traduzem e salientam a realidade das diferentes desigualdades que, infelizmente, ainda se mantém. Como podemos claramente ver na citação acima, renda e raça são fatores centrais para diferenças entre afazeres domésticos. No Brasil, estima-se um número de 7,2 milhões de trabalhadores domésticos, 93% sendo mulheres, o que totaliza 6,7 milhões de trabalhadoras domésticas remuneradas no país. Deste total, 4,1 milhões (62%) são negras. Além destes levantamentos, conforme estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 117 países, o número de trabalhadores domésticos no mundo é de pelo menos 53 milhões de pessoas (IPEA, 2011). Como o trabalho doméstico, remunerado ou não, é uma atividade laboral muitas vezes feita sob precariedades e com falta de registros, os números estimados, tanto em âmbito nacional quanto internacional podem ter variações consideráveis. Mesmo assim, estas estatísticas mostram a força de atuação desta categoria de trabalho em praticamente todo o globo.

Outro ponto importante é a diferenciação existente entre trabalhadora mensalista e as chamadas diaristas<sup>18</sup>. Nesta dissertação, as interlocutoras se enquadram como mensalistas, assim como a maioria das mulheres que buscam atendimentos no sindicato de Pelotas, porém ressalta-se a grande presença de cuidadoras que foram até o sindicato para terem auxílio burocrático e jurídico. Para tanto, me ancoro novamente em Fraga (2009) para salientar algumas acepções do campo do trabalho doméstico remunerado:

A empregada doméstica é definida em lei, como será plenamente discutido no capítulo um, como aquela que presta um serviço de natureza contínua e sem finalidade lucrativa à pessoa ou à família no espaço residencial delas. Isso significa que a empregada doméstica realiza um trabalho de “natureza contínua”, e é com base nisso que se busca legalmente a distinção com relação à diarista. Já a diarista não está determinada em lei, mas é definida por grande parte da jurisprudência como aquela que trabalha apenas algumas vezes por semana em uma mesma casa, recebendo seu pagamento no dia em que presta o serviço. Nesta pesquisa, especificamente, além de levar em consideração essa diferenciação jurídica, nós estamos concebendo a empregada doméstica como aquela que realiza profissionalmente tarefas reprodutivas remuneradas em apenas uma residência e a diarista como aquela que realiza profissionalmente tarefas reprodutivas remuneradas em mais de uma residência. (p. 8).

---

<sup>18</sup> O universo laboral do serviço doméstico contém denominações variadas como diaristas, mensalistas, lavadeiras, passeadeiras, etc.

O universo das diaristas contém especificidades que somente através de pesquisas de cunho qualitativo podem ser desveladas, pois estão contidas no cotidiano. Uma vida rotineira que, na informalidade, pode acentuar interações desfavoráveis ou não para a trabalhadora. Brites (2000), atentando para circunstâncias onde as trabalhadoras mensalistas valorizavam situações de informalidade e clientelismo, se contrapôs a percepções e análises que denunciavam um sistema de dominação perverso. No caso das diaristas, é de suma importância buscar um entendimento que saliente as motivações nas relações com patrões, para além de contratos ou preocupações salariais. Brites (2003), em sua pesquisa etnográfica ocorrida no Espírito Santo, relata singularidades do cotidiano das trabalhadoras domésticas:

Poderíamos ter sublinhado a imitação de códigos culturais dos patrões por parte das empregadas, como um processo de reprodução da cultura dominante. Porém, comparando as práticas cotidianas de organização do espaço doméstico na casa de patroas e na casa de empregadas (os circuitos de ajuda mútua, as relações de gênero, e até a decoração das casas), ficava evidente que as influências da cultura dos grupos populares não deviam ser subestimadas. Parecia existir uma margem grande de operação com códigos culturais próprios dos grupos populares; não de forma autônoma, mas também não totalmente subjugada aos padrões dominantes. (BRITES, 2003, p. 68).

Ademais, os afetos devem ser levados em conta nas relações de subalternidade, principalmente entre empregadores (as) e trabalhadoras. Brites (2000) dá atenção às relações de afeto, de negociações e conflitos que ocorrem no dia a dia de trabalhadoras domésticas, meios que reesignificam relações de intimidade entre patrões e trabalhadoras domésticas. Monticelli (2013), em sua dissertação de mestrado, fala de estratégias emocionais que influenciam diretamente nas escolhas e processos seletivos das diaristas de Curitiba-PR em relação a abusos e relações de poder no cotidiano de trabalho. As escolhas de Leda e Cláudia contribuem para estas reflexões sobre relações de afeto. Na foto (**CR5**) Cláudia menciona a importância do patrão para sua história de vida, nos dizendo que foi ele quem inclusive a incentivou para que ocorresse sua aproximação com a luta sindical da categoria. Leda, nas fotos (**LM6**) e (**LM8**), demonstra seu apego com uma criança que ela cuidou e ajudou a criar em uma passagem de sua vida no serviço doméstico.

Estes números, bem como as circunstâncias e acepções que envolvem o campo do serviço doméstico, nos dizem muito sobre a realidade brasileira e sobre a desigualdade gritante que interfere nas questões do trabalho quando gênero, raça e classe demonstram disparidades em ofícios pouco reconhecidos economicamente pelo Estado e pela sociedade brasileira.

No Brasil, conforme as contribuições sociológicas de Joaze Bernardino- Costa:

As atuais trabalhadoras domésticas no Brasil foram precedidas pelas escravas domésticas. Devido a este vínculo, observa-se ainda no dia-a-dia das trabalhadoras domésticas a sobrevivência de hierarquias forjadas no período colonial. A exploração econômica, o insulto racial, a violência sexual, a humilhação têm sido uma constante na trajetória destas trabalhadoras desde tenra idade. Por outro lado, o reconhecimento e a regulamentação da profissão tem sido lentos e insuficientes, em decorrência da relação entre trabalhadora doméstica e patroa ocorrer no âmbito privado. (BERNARDINO-COSTA, 2007, p. 70).

O serviço doméstico, no contexto brasileiro, é uma herança colonial que pertence a um padrão de hierarquias relacionado com a ideia de raça proveniente de um modelo de modernidade eurocêntrico. Deste modo, “Raça e trabalho articularam-se de maneira que se apresentaram como naturalmente associados, o que, até o momento, tem sido excepcionalmente bem sucedido” (BERNARDINO-COSTA, 2007, p.71).

Este pesquisador brasileiro baseia-se na teoria da descolonização pretendendo criticar e desconstruir os estudos pós-coloniais, pois assim como outros autores, norteia-se perante a ideia de que seria equivocado seguir um paradigma “pós-colonial”, já que para ele e para a corrente de descolonização ainda existem fatores que não seguiram uma lógica linear na história, a ponto de não persistirem até os dias de hoje. Desse modo, o autor utiliza contribuições do sociólogo peruano Aníbal Quijano, que apresentou o termo “coloneidade do poder” para pensar o projeto inacabado da descolonização. Assim, um projeto de descolonização envolveria uma mudança em termos de raça, etnia, gênero, trabalho, conhecimento, sexo, religião-espiritualidade e linguagem tanto em escala planetária quanto em escala nacional (BERNARDINO-COSTA, 2007). Segundo Quijano (2014) a modernidade, ainda não acabada, com o capitalismo criou um sistema de controle de trabalho onde ideais de raça se tornaram centrais. Neste sentido, o conceito de raça, por parte dos dominadores, legitimou e fez fixar percepções danosas para parte da população das Américas (QUIJANO, 2014).

As nomeadas teorias da descolonização contribuem muito para o estudo das relações raciais no Brasil e especificamente para entender e reconhecer o cotidiano, bem como a luta das trabalhadoras domésticas, por meio das suas organizações políticas, como uma luta decolonial (BERNARDINO-COSTA, 2007). Acredito que um olhar alicerçado por noções decoloniais pode servir adequadamente para uma pesquisa antropológica sobre práticas de resistência de mulheres que, diariamente, são atingidas por coerções de cunho segregacionista. Isto se faz necessário, também, pelo fato de que discursos diariamente ouvidos no sindicato de Pelotas mencionam a escravidão como fator primordial das condições desfavoráveis do campo do serviço doméstico. É indispensável compreender o serviço doméstico brasileiro, assim como o de outros países, como herança colonial e da escravidão. Desse modo, a divisão sexual do

trabalho, as condições reprodutivas do trabalho feminino no lar, bem como a luta das domésticas frente às influências do colonialismo geram relações sociais específicas na militância e sociabilidade cotidiana. Neste contexto, as questões da classe trabalhadora e a condição da mulher negra tomam uma proporção maior dentro do debate acerca do serviço doméstico.

### 2.6.2 O sindicato e as redes - indissociabilidade e autonomia

Tratando-se das peculiaridades do labor doméstico, na vida íntima velada aos olhos do Estado e de muitos indivíduos, sem um “chão” que aglutina as pessoas para práticas de resistência e militância, as noções de *decolonidade* e de *interseccionalidade emancipadora* são importantíssimas para esta etnografia. Segundo Bernardino-Costa (2014), as razões das desigualdades sociais do trabalho doméstico podem ser desveladas através da *coloneidade do poder* e da interseccionalidade de gênero, raça e classe. A *coloneidade do poder* produziu ao longo da história padrões de poder baseados na raça e, conseqüentemente, identidades raciais foram associadas aos modos hierárquicos e de papéis sociais. (BERNARDINO-COSTA, 2014). Esse conceito, oriundo das administrações coloniais e que transportou-se até o presente é de caráter fixo e mais estático, podendo ser complementado pelo de *interseccionalidade*. Este último, originado nas décadas de 1970 e 1980 pelo feminismo negro norte americano relativizou a categoria “mulher” e mais recentemente a pensadora feminista Kimberlé Crenshaw formulou o conceito de *interseccionalidade* de uma forma mais elaborada, onde raça, etnia, classe e gênero se entrecruzam formando uma força de discriminação e de empoderamento (BERNARDINO-COSTA, 2014). Interseccionalidade, segundo a intelectual feminista Crenshaw (2014) consiste em sobreposições de dinâmicas de subordinação. Dinâmicas que ocasionam mais de um tipo de opressão (como raça, classe e gênero) e que acabam por forçar fixações de posições sociais para determinadas mulheres.

É através desses conceitos reveladores de opressões que o sociólogo brasileiro nos diz que ocorreu a formação de lutas e resistências. Para ele, a *coloneidade do poder* e a *interseccionalidade* propulsionaram a luta das trabalhadoras domésticas, fazendo emergir um processo decolonial atento a derrubar os padrões de raça e disposições sociais oriundas do colonialismo. Este movimento, segundo o autor, exemplifica-se pela dinâmica dos sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil, assim como pelas antigas associações. Ademais, e não menos importante, a *interseccionalidade*, nesta lógica, também se modifica e, através do seu caráter revelador de segregação social para as mulheres, surge como possibilidade de luta. As

trabalhadoras domésticas que participam de um sindicato estão utilizando-se de uma *interseccionalidade emancipadora*, pois estão sendo afetadas pelas condições de raça, classe e gênero para fins de resistência e militância frente às opressões (BERNARDINO-COSTA, 2014).

A luta das domésticas sofreu mudanças significativas, principalmente em relação aos parceiros, indo das pastorais católicas aos movimentos feministas mais atuais, sobretudo através de ONGs (BERNARDINO-COSTA, 2014). É dentro destas redes que o sindicato de Pelotas emergiu e consolidou-se. Como podemos claramente perceber nas *fotobiografias*, as histórias de vida de Ernestina e Terezinha, principalmente, nos mostram que o movimento sindical de Pelotas seguiu e segue uma linha onde se consolidaram os alicerces da luta decolonial e interseccional. Ernestina, diversas vezes, enfaticamente falou sobre a tomada de consciência em relação à realidade da mulher negra ter surgido a partir da Igreja Católica. Ações em comunidades realizadas pela congregação dos *Capuchinhos*, neste caso, foram formas de acesso em que Ernestina e Terezinha se incluíram e onde conheceram pautas políticas que davam voz para a periferia, para a população negra, para as mulheres e para os trabalhadores (as).

Estas duas mulheres negras trabalharam com os membros da Igreja, como professoras da catequese, como ajudantes nos processos de prevenção contra as mazelas da pobreza em crianças, como ajudantes gerais de sedes, etc. Também, fora todo o processo laboral particular de cada comunidade, Ernestina e Terezinha, a partir desse ambiente religioso e político dos anos 1980, formaram-se para uma atuação militante. Foi a Igreja que “abriu o caminho” e que a fez ter consciência de classe e de “raça”, como disse várias vezes Ernestina. Foi o primeiro grande processo político que deu força para o que seria o sindicato das domésticas de Pelotas-RS, assim como aconteceu em outros espaços e com outras categorias laborais brasileiras. As escolhas das fotos de Terezinha e Ernestina potencialmente evocam a importância de algumas esferas históricas de luta política e resistência, onde se aglutinam, sobretudo, Igreja Católica, movimento negro, sindicalismo dos anos 1980 e movimento feminista. Atualmente, o sindicato das trabalhadoras domésticas de Pelotas recebe um essencial apoio de ONGs feministas, como a THEMIS e a ONU mulheres. Estas instituições, somadas ao trabalho sindical da CUT, são os principais alicerces financeiros, por exemplo.

Conforme nos mostra Bernardino-Costa (2007), a JOC (Juventude Operária Católica) é o embrião dos atuais sindicatos da categoria. Segundo este sociólogo, A JOC surgiu entre 1930-1940 integrada à Ação Católica Brasileira, movimento orientado para a formação de pessoas comuns na atuação da igreja.

A Ação Católica Brasileira por meio de seus setores consistia numa mobilização dos leigos respondiam ao apelo do Papa Pio XI (Encíclica Urbano Dei, 1922) para que dessem um testemunho de sua fé no meio em que viviam, uma vez que as sociedades da primeira metade dos anos XX estavam, segundo a interpretação da Igreja frente a duas opções políticas mais evidentes: ou o comunismo ateu ou o individualismo de orientação capitalista. Embora a JOC devesse ser um movimento de operários dentro da Igreja católica, ela agregava, segundo depoimentos de jocistas brasileiros, jovens de classe média e burguesa. (BERNARDINO- COSTA, 2007, p. 125).

A conduta jocista consistia em ver, julgar e agir. Três pilares que possibilitavam realizar reflexões ligadas a Deus na vida concreta (família, trabalho, cidade, exploração, etc). A JOC foi construída por homens e mulheres que a partir de suas vidas concretas faziam suas reflexões. (BERNARDINO-COSTA, 2007). Assim sendo, a JOC propiciou um caminho adequado para a participação de trabalhadoras domésticas. As igrejas eram um dos poucos lugares onde as trabalhadoras domésticas podiam se encontrar para o compartilhamento de ideias. Além disso, os ideais da JOC, voltados para o ver (a si mesmas), para o julgar (as suas condições) e o agir (futuras ações) propiciaram um terreno benéfico para os primeiros passos organizativos. Em 1960 foi realizado o primeiro encontro de “empregadas” domésticas, no Rio de Janeiro, com a presença de 20 trabalhadoras, o 1º Encontro Nacional de Jovens Empregadas Domésticas. Em 1961, ocorreu um outro encontro em Recife, com presença de trabalhadoras de quatro estados do Nordeste. Neste último, ocorreu uma passeata com a participação de aproximadamente cinquenta mulheres, em especial reivindicando e lutando pela Previdência Social (BERNARDINO-COSTA, 2007). Assim, a JOC possibilitou que ocorressem organizações em grupos, de cunho religioso que posteriormente se transformaram em associações e depois nos sindicatos.

Em tais relações, onde a militância emerge, existem sustentáculos que foram e são imprescindíveis para as formações de lideranças e na manutenção das atuações sindicais, da Igreja ao movimento feminista atual; e estas relações, indissociáveis no que diz respeito ao sindicato de Pelotas, criaram, juntamente com as especificidades históricas da cidade, o que se percebe nas práticas cotidianas dessas mulheres. Nas *photobiografias* de Terezinha e Ernestina evidencia-se o poder da Igreja Católica enquanto germe para o sindicalismo em Pelotas. Suas histórias, principalmente a de Ernestina, aproxima-se da de Laudelina de Campos Melo, a primeira grande liderança do movimento das trabalhadoras domésticas no Brasil. Ademais, como diversas vezes Terezinha falou nas nossas conversas, a Teologia da Libertação foi fundamental para que toda a mudança em sua vida acontecesse. No movimento sindical das trabalhadoras domésticas de Pelotas, como elas atestam cotidianamente, a força motriz, proveniente dos trabalhos feitos pela Igreja Católica a partir dos anos 1980, ocasionou a possibilidade de se alcançar autonomia e consciências de classe e raça.

A postura da Igreja Católica mudou, obviamente, durante os séculos, porém, se deparou com contradições da modernidade, do capitalismo e das ideias liberais. Na América Latina, com as questões coloniais como influência, católicos aproximaram-se, primeiramente, de políticas conservadoras ligadas às oligarquias rurais. As preocupações dos católicos voltadas para a América Latina, com os debates dos anos 1960, como a Reunião de Medellín (1968) e a Ação Católica denunciaram o que seria um “pecado” privilegiado da pobreza. Neste debate, surgiu a “Teoria da Libertação” de Gustavo Gutierrez. A partir de modificações e operações libertadoras a Igreja se fixou na América Latina com intuítos revolucionários; de 1968 a 1979 as pastorais se consolidam como principais fontes de crítica ao capitalismo, às condições sociais da pobreza, bem como aos processos religiosos conservadores. O marxismo potencialmente incitou mudanças e debates nas pastorais operárias e da juventude, que até os dias de hoje possuem trabalhos significativos no terreno religioso e em comunidades periféricas e carentes (GOMES DE SOUZA, 1990). A chamada Teologia da Libertação mudou na prática modos consolidados da tradição marxista no condizente a símbolos, pensamentos e condutas, fazendo com que cada país, lugar ou período edificasse uma forma de organização, extrapolando assim uma potência apenas intelectual (MADURO, 1990). O marxismo, assim, toma outros rumos, pois a religião na visão marxista se encontra minimizada.

A Teologia da Libertação não entende a religião como contribuinte à opressão ou como força somente pré-capitalista, ela enxerga nos saberes populares e nos oprimidos possibilidades de reflexão, de decisão, de crítica e de ação. Este viés católico dá atenção às capacidades de agência para além da atmosfera acadêmica e busca legitimar culturalmente a diversidade do povo. Neste sentido, se afasta da concepção histórica do marxismo, dando ênfase às peculiaridades culturais e à criatividade popular. Desta maneira, critica-se o autoritarismo religioso e também marxista, procurando assumir uma postura de aproximação de reflexões da religião católica com a vida. É desta dinâmica que surgem as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) enquanto materialização da Teologia da Libertação (MADURO, 1990).

Estruturas baseadas na organização popular geraram conflitos com setores conservadores da Igreja Católica e a pluralidade de opiniões era vista com receio por membros do Vaticano (MARIZ; GUERRA SOBRINHO, 1990). O reconhecido filósofo e teólogo Leonardo Boff, por exemplo, foi proibido, neste contexto de embates entre progressistas e conservadores, de propagar seus ideais, já que representava um grande setor na América Latina e era visto como perigoso para concepções tradicionais do Vaticano.

Em Pelotas, como as *fotobiografias* de Terezinha e de Ernestina apontam, muitas realizações de membros da Igreja Católica com ideais da Teologia da Libertação ditaram o

ritmo de ações em comunidades, como no Bairro Fragata<sup>19</sup>, onde Terezinha e Ernestina moram. Eram ações para o “empoderamento”, para as tomadas de consciência, como diz esta última sindicalista. Ocorriam mobilizações para ajudar na alimentação das crianças até confraternizações de cunho solidário. E, assim como pregava os ideais da JOC, Ernestina e Terezinha se formaram enquanto lideranças. Catequizavam e trabalhavam para as construções de igrejas, e como mostram as fotos **TU7** e **TU9** de Terezinha, para as manutenções de sedes, para as mobilizações por democracia em viagens com Freis, dentre diversas outras atividades.

Ainda, em artigo da clássica obra *Muchacha/ Cachifa/ Criada/Empleada/ empregadinha/ sirvienta y... más nada: trabajadoras domésticas em América Latina y Caribe* nota-se a grande influência da JOC e da Teologia da Libertação nas organizações em Lima no Peru. Segundo o texto, a igreja realizava atividades recreativas, cursos e reuniões não costumeiras para uma igreja até então conservadora (SCHELLEKENS; SCHOOT, 1999). Deste modo, visualiza-se que certos países da América Latina e do Caribe compartilham experiências parecidas no que é inerente a alguns processos organizativos do serviço doméstico, como a influência dos movimentos da Igreja Católica. A foto escolhida por Ernestina (**EP4**) nos diz muito sobre isso, pois demonstra a atuação militante que rompe fronteiras.

Além da intensa influência da Igreja Católica, o movimento negro também se enquadra como alicerce e como elemento propulsivo para o surgimento e manutenção de associações e sindicatos de trabalhadoras domésticas no Brasil. Laudelina De Campos Mello, neste contexto, ao mesmo tempo em que é a figura mais emblemática da história do sindicalismo das trabalhadoras domésticas no Brasil, por seu pioneirismo e pensamento progressista na luta por direitos no campo do serviço doméstico, apresenta-se aqui como uma mulher que espelha outras lideranças. Não somente influenciou, com sua história de lutas, outras lideranças, como também compartilha uma história de vida parecida com a de mulheres negras que são lideranças. Este é o caso de Ernestina, liderança sindical há muitos anos, bem como de Terezinha, sindicalista experiente do grupo. As histórias de vida se entrecruzam. São mulheres negras trabalhadoras domésticas, moradoras de periferias e de camadas sociais economicamente baixas que a partir das dinâmicas de movimentos operários da Igreja Católica abriram espaço para posteriores avanços na luta trabalhista, racial, feminista, etc. Mesmo em regiões diferentes do país e em épocas distintas, existem nessa comparação fortes semelhanças.

Laudelina De Campos Mello foi fundadora de uma das primeiras associações de trabalhadoras domésticas do Brasil em 1936 na cidade de Santos-SP. Em 1961, no dia 18 de

---

<sup>19</sup> Maior bairro da cidade de Pelotas.

maio, fundou a Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas, em Campinas- SP (OLIVEIRA, 2007). Estes foram os movimentos embrionários para que em 1988 as trabalhadoras domésticas fossem reconhecidas enquanto profissionais perante a constituição. Laudelina nasceu em 1904 em Poços de Caldas-MG e cresceu em um contexto que não se preocupava com a população negra. Esta mulher negra era neta de escravos e presenciou desde cedo a força de um projeto danoso para a cidadania e vida dos negros. (CRESPO, 2016). Segundo esta autora, que trabalhou com a biografia de Laudelina dentro do campo historiográfico:

Desenvolvia-se a chamada Primeira República, inicialmente sob o comando das espadas dos militares e posteriormente sob o cabresto da aristocracia rural brasileira e com ela a elaboração de projetos nacionais que sustentavam o Brasil como uma nação branca em seu cerne e os africanos e seus descendentes, recém-libertos, como elementos estrangeiros a essa nação. Influenciados pelos motes da *eugenia* - teoria científica que adapta o darwinismo à esfera do social - alguns destes projetos previam solucionar os problemas da sociedade brasileira eliminando as “raças inferiores”, ou seja planejavam o triunfo do embranquecimento para a regeneração de um Brasil que consideravam “atrasado” na perspectiva positivista de progresso. Assim, a cidadania, intrínseca a qualquer república de fato, não fora pensada para esses sujeitos. (CRESPO, 2016, p. 163).

O período pós- abolição também foi pernicioso para mulheres negras como Laudelina. Do mundo do trabalho à esfera privada da vida, como sexualidade e direitos reprodutivos, a situação da mulher negra se apresentava singularmente, inclusive em relação às pautas feministas, que eram fixadas em impulsos de mulheres brancas frente a uma possibilidade de conquista do espaço público e do mercado de trabalho. A política nacional de “branqueamento” ressaltava as diferenças dos (as) negros (as) no Brasil. Sem uma abertura ou incentivo para o mercado de trabalho, as atividades subalternas, que eram recusadas pelos (as) imigrantes brancos, direcionaram-se quase que exclusivamente a população negra (CRESPO, 2016). Sendo assim, Laudelina, ainda jovem, com 16/17 anos começou a trabalhar como trabalhadora doméstica remunerada. Antes, aos 12 já havia trabalhado esporadicamente, além de ter cuidado de seus irmãos e de ter desempenhado funções do trabalho reprodutivo desde os sete anos de idade (CRESPO, 2016).

Laudelina, assim, marcou-se enquanto expoente da luta das mulheres negras provenientes de um projeto que não pretendia contar com adequações jurídicas e políticas. Lutou por melhores condições de vida, salientando o contexto trabalhista, em um país marcado pela *coloneidade do poder*. Neste contexto de incisiva atuação política, incitado pelos movimentos da Igreja Católica e pela dinâmica operária do comunismo brasileiro, ela foi inclusive denominada pelo ministro do trabalho da época (1967), Jarbas Passarinho, como o

“terror das patroas” (PINTO, 2015). Sua atuação gerou novas interpretações no tocante às percepções e significações de nação, relações raciais e, obviamente, trabalho doméstico (BERNARDINO-COSTA, 2007).

O movimento negro é de suma importância, como já podemos ver, mas o interessante também é perceber as similitudes entre as lideranças. Conforme Bernardino-Costa:

Laudelina de Campos Melo, que participa da fundação do movimento das trabalhadoras domésticas em Campinas, tinha ligações fortes com a Frente Negra Brasileira, na década de 1930, com o Teatro Experimental do Negro nas décadas de 1950 e 1960 enquanto Creuza Maria de Oliveira, uma das líderes do movimento em Salvador, sempre sustentou um diálogo muito próximo com o Movimento Negro Unificado. Não somente Laudelina, em Campinas, e Creuza, em Salvador, mas toda liderança destes dois sindicatos dialogou e interagiu com o movimento negro de suas respectivas cidades. De meados dos anos 1990 até hoje, o que vemos é a consolidação das alianças entre movimentos negros, movimentos feministas e movimentos classistas. (BERNARDINO-COSTA, 2015, p. 159).

Assim como Laudelina e Creuza (presidenta da FENATRAD até 2018), Ernestina atua como uma liderança em Pelotas e no movimento nacional das trabalhadoras domésticas. Sua trajetória começa com um vínculo forte com a Igreja Católica identificada com os ideais progressistas da Teologia da Libertação, onde entrou em contato com a discussão sobre a situação da negritude e da mulher negra, entrando, também, para o Movimento Negro. Neste processo, filiou-se a um partido de esquerda. Como sua *photobiografia* atesta, bem como os dados etnográficos apresentam, ela manteve-se em diálogo com o movimento negro desde seus primeiros passos na Igreja Católica. Como a foto (EP5) nos faz perceber, na sua atuação política cotidiana “negritude, fé e política” estão presentes há muitos anos e essa tríade propulsiona suas práticas cotidianas, seja no debate político ou no mais simples atendimento do sindicato. A vida de Ernestina é uma “eterna liderança”, como me disse Leda. É permeada e composta por questões da classe trabalhadora, da mulher negra, da esquerda e do PT, ainda mais neste contexto do governo Michel Temer e das mudanças trabalhistas, onde segundo ela “querem matar a população negra” e “matar de cansaço o trabalhador e a doméstica”.

A partir dos anos 1960, o movimento ganha fôlego e passa a configurar diálogos, principalmente conectados ao movimento negro e à Igreja Católica, sobre o trabalho doméstico no Brasil. Desta década em diante, surgiram congressos muito significativos para o movimento (BERNARDINO-COSTA, 2007).

A combinação desses fatores- movimento negro, sindicalismo e Igreja Católica- permite o surgimento de um movimento nacional de trabalhadoras domésticas. Se, em 1960. O Primeiro Encontro Nacional das Jovens Trabalhadoras Domésticas, realizado

no Rio de Janeiro, ainda foi realizado sob os auspícios da JOC, o Primeiro Encontro Nacional das Trabalhadoras Domésticas, realizado em São Paulo, em 1968, foi fruto da atuação autônoma das trabalhadoras domésticas. Isto, todavia, não significa que as trabalhadoras domésticas não tenham recebido apoio da Igreja Católica. (BERNARDINO-COSTA, 2007, p. 84).

Ernestina, liderança do sindicato de Pelotas, inúmeras vezes fez questão de apontar a importância da Igreja Católica em sua vida pessoal e política. Em sua narrativa, percebe-se que foi a principal fonte de potência para suas ações futuras como sindicalista e liderança do sindicato da cidade sulista. Ao mesmo tempo, principalmente no trabalho interno do sindicato, com os atendimentos e rescisões ditando o ritmo, em várias situações Ernestina falou sobre a busca de autonomia do movimento das trabalhadoras domésticas brasileiras. Aqui, autonomia inerentemente ligada aos trabalhos cotidianos, que mesmo conectados a uma rede de ajudas financeiras e políticas, manifesta-se através da voz e dos passos das trabalhadoras domésticas no dia a dia do sindicato.

Como se pode perceber nas *fotobiografias* a Igreja Católica, o Movimento Negro e as ações sindicais específicas aparecem enquanto trajetórias indissociáveis que até hoje inspiram as presentes condutas, tanto no movimento nacional das trabalhadoras domésticas quanto no âmbito internacional. Nas fotos (**EP2**, **EP4** **EP5** e **EP10**) da prancha *fotobiográfica* de Ernestina podemos notar como tais alicerces e inspirações políticas emergem em conjunto, indicando uma dinâmica de resistência ao Estado (com suas leis) e às condições desfavoráveis e invisíveis da situação histórica da mulher negra no Brasil. Tanto Ernestina quanto Terezinha nasceram em uma área rural quilombola e trabalharam na agricultura familiar até o final da adolescência, fato que as aproxima de forma inquestionável da história da escravidão e da pós- abolição.

Das quatro interlocutoras, apenas Leda é de cor branca. Esta última, por sua vez também compartilha da experiência do trabalho no meio rural como Terezinha e Ernestina. Um trabalho pesado e que não descartava o trabalho reprodutivo em âmbito doméstico. Cláudia, a mais nova delas, não trabalhou no campo, sua história de vida na infância se deu em um orfanato onde sua mãe trabalhava como trabalhadora doméstica. Cláudia foi conduzida desde meados de sua adolescência ao serviço doméstico e trabalha com a mesma família há vinte e seis anos, situação exaltada e vista com bons olhos por ela. Seu patrão, inclusive, é uma pessoa conhecida por seus pensamentos progressistas e por seu trabalho em prol da classe trabalhadora. Foi ele que a apresentou ao sindicato.

Nas narrativas das *fotobiografias* a peculiaridade da cidade de Pelotas não pode ser negligenciada. Existe uma atmosfera comum no que diz respeito ao sistema escravocrata que marcou a sociedade brasileira e das Américas como um todo, porém faz-se necessário fixar aqui

o contexto pelotense, onde existiu uma forte presença escravocrata. Pelotas foi uma das cidades que mais recebeu escravos no Rio Grande do Sul e contou com uma forte presença das charqueadas<sup>20</sup>. Aqui, me ancoro, sobretudo, em trabalhos acadêmicos do campo da arqueologia da UFPEL.

Pelotas se apresenta como uma cidade marcada pelo alto índice de população negra. No período escravocrata, com as charqueadas precisando de mão de obra, a cidade presenciou um intenso tráfico de cativos, a grande maioria entrando pelo oceano Atlântico na Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul<sup>21</sup> através do porto de Rio Grande (MONTEIRO, 2017). O referido arqueólogo elucida questões caras para o entendimento do sistema escravista do sul do Brasil:

Anteriormente o trabalho na região meridional do Rio Grande de São Pedro não era centrado na figura do cativo africano ou crioulo, mas com o surgimento da indústria charqueadora, a mão-de-obra escravizada assume um papel central na vida econômica e social da Capitania/Província. O eixo charqueador se encontrava localizado na zona sul do atual território do Rio Grande do Sul (Pelotas, Jaguarão, Bagé, Porto Alegre). Pelotas pode ser considerada o centro da atividade charqueadora do Rio Grande de São Pedro, por ter sido um dos primeiros locais a empreender esse tipo de atividade no Brasil e pelo grande número de indústrias que se instalaram no seu território. (MONTEIRO, 2017. p. 21).

As charqueadas mudaram a região sul do Brasil através de uma grande produção e movimentação econômica escravocrata. Os negros (as) escravizados (as) foram a força motriz da edificação da cidade de Pelotas. O trabalho escravo dessa região não se restringiu somente às charqueadas, ocorreu nas casas dos senhores em outros lugares de produção agrícola, no comércio no centro, no porto, em olarias, etc. Os escravos tornaram-se com o sistema charqueador também um problema, mesmo sendo o grupo fundamental para a manutenção do mesmo. O grande número de escravos era essencial para a produção, porém era algo perigoso para a administração das charqueadas, já que poderiam gerar resistências com a proximidade dos indivíduos (MONTEIRO, 2017). Nas palavras do referido autor:

Cabe salientar que o escravo em nenhum momento foi indivíduo passivo nas relações escravistas, ele atuou nas negociações cotidianas e conquistou seus espaços tanto pela oposição direta, como indireta. Caiuá Al--Alam (2007) em seu trabalho contribui para uma nova visão de resistência escrava, com o que chama de “resistência adaptativa”. Seu argumento baseia--se no entendimento de que a relação senhor/escravo se dá dentro do sistema escravista, em termos de apropriação dos signos culturais impostos e de adaptação segundo as leituras de mundo dos cativos, suas perspectivas, suas experiências de vida. Por essa linha de pensamento a cultura seria constantemente recriada. A resistência adaptativa seria outra forma de sobreviver do escravo, que

---

<sup>20</sup> As Charqueadas foram locais destinados para a produção de charque no período monárquico brasileiro e contou com grande força de trabalho escrava.

<sup>21</sup> Como era denominada a Capitania/Província que veio a ser chamada posteriormente de Rio Grande do Sul.

objetivaria melhorar suas condições de vida dentro do próprio sistema escravista. (MONTEIRO, 2017, p. 24).

Este autor, balizando seu trabalho através da arqueologia documental e da arqueologia da paisagem dá atenção ao regime de controle social existente em espaços de produção baseada na força dos escravos. Aqui, não cabe a discussão sobre um sistema mais amplo, porém o que se busca associar é a resistência provinda dos escravos (as) que encontraram brechas nos dispositivos governamentais e materiais que controlavam, dentre outras coisas, seus corpos e suas sociabilidades com as resistências cotidianas das trabalhadoras domésticas no Brasil e no sindicato de Pelotas.

Existiu uma preocupação, por exemplo, com a proximidade das charqueadas em Pelotas. O governo estava atento, assim, para uma possível tentativa de revolta:

Charqueadores constituíram a distribuição das charqueadas e manipularam a paisagem sob diferentes intencionalidades e motivações. No entanto, isto é também verdade sobre a ação da paisagem nas relações escravistas. O fato do deslocamento da guarda nacional para fronteira e as boatarias sobre a influência estrangeira na escravaria local, suscitaram rápida reação dos vereadores, que destacaram a composição da paisagem como fator fundamental para a não ida da guarda para a fronteira. A paisagem, neste sentido, é um sujeito ativo das relações escravistas, ordenando e intervindo diretamente na vida diária das pessoas, fazendo-as agir. As funções e interações da paisagem das charqueadas nas áreas ribeirinhas aos Arroios São Gonçalo e Pelotas, foram além da idéia e das intenções de seus “construtores” no momento em que se constituiu o núcleo charqueador. A paisagem neste caso está englobando tanto os componentes materiais próprios de sua configuração (Charqueadas e todas as estruturas destes estabelecimentos;; Estradas;; Zonas de Matas;; os Arroios São Gonçalo e Pelotas, entre outros), quanto o componente dos corpos dos escravos, enquanto uma grande unidade (ou um contingente). Esta situação exemplifica o conceito de paisagem enquanto um sistema de ações (objetos e pessoas), cunhado por Milton Santos (2002). Não há como pensar a paisagem do núcleo charqueador, sem ter em mente a figura do escravo e conseqüentemente o sistema de objetos e pessoas (escravos) atuando. (MONTEIRO, 2017, p. 82).

Assim sendo, o sistema escravocrata, através de alto policiamento, controle de itinerários urbanos, controle e vigilância da paisagem, políticas de controle de construções urbanas se preocupou com a cidade a partir de uma postura de desconfiança em relação a movimentação de escravos (as). As charqueadas possuíam uma disposição que beneficiava a vigilância em áreas domésticas e de circulação dos cativos, assim como em outras construções do mesmo sistema (MONTEIRO, 2017). Na charqueada “São João”, por exemplo, o autor salienta a centralidade da Casa Grande em relação às outras edificações, bem como mostra a dinâmica que buscava a melhor visibilidade possível da Senzala e das áreas de circulação. Além disso, outros materiais serviam para o controle, como sinos e berrantes para determinados alertas dos senhores, e elementos materiais para violência física.

Desta feita, como essa pequena discussão trazida pelo arqueólogo sobre as charqueadas da cidade de Pelotas, pode-se fazer uma relação com as trabalhadoras domésticas. Pois, além do discurso de muitas militantes estar diretamente ligado à escravidão, inúmeras delas sofrem com disposições materiais impeditivas para determinadas sociabilidades. O associativismo da categoria das trabalhadoras domésticas, segundo grande parte da literatura, é prejudicado pela não proximidade das trabalhadoras entre si. Outro elemento impeditivo é a condição de moradia da maioria das mulheres. Todas as diretoras de Pelotas moram na periferia e necessitam de locomoção coletiva urbana para irem ao sindicato e ao trabalho. Ernestina, para exemplificar, demora em média quarenta minutos para chegar até o sindicato. Os relatos, bem como as narrativas *fotobiográficas*, ressaltam as atividades feitas nas comunidades periféricas, como nas fotos (**EP3** e **EP7**) de Ernestina (**TU6** e **TU7**) e nas fotos (**TU4**, **TU6**, **TU7**, **TU9**) de Terezinha. As histórias de vida destas últimas, sobretudo, são marcadas por agências cotidianas e políticas inerentemente ligadas às comunidades e às atuações de parceiros (notadamente a Igreja Católica e o movimento negro) nesse meio.

A cidade de Pelotas possui uma grande população que vive na chamada periferia, onde, como de costume em diversas metrópoles e cidades médias brasileiras, políticas públicas não costumam aparecer para soluções de determinadas mazelas sociais.

As charqueadas e suas relações sociais influenciaram e provocaram a construção da cidade. As primeiras plantas arquitetônicas da cidade, no tocante a urbanização, foram pensadas para que as ruas e edificações centrais ficassem afastadas dos locais onde existiam as charqueadas. Isto ocorreu devido a um maior relevo em comparação com os locais de produção de charque (localizados próximos aos principais arroios e canais fluviais da cidade) para que se evitassem as enchentes. Ocorreu também o afastamento da zona urbana planejada das charqueadas para se evitar o contato com odores desagradáveis oriundos da produção de charque (RIBEIRO, VIEIRA, 2014). Dentro disso, existiu a centralidade das ideias dos charqueadores em relação ao projeto de cidade, uma administração colonial influenciada por pensamentos e ideais de cidade europeus, principalmente lusitanos e franceses (RIBEIRO, VIEIRA, 2014).

Pelotas é uma cidade que constantemente sofre com enchentes, principalmente nas zonas periféricas. Terezinha, em conversa comigo, como também nos depoimentos da *fotobiografia* (especialmente na foto **TU7**), falou que sofreu com os problemas de saneamento básico na vila em que atuou como uma liderança dos projetos de base da Igreja Católica. Na “vila Farroupilha”, situada próxima à rodoviária da cidade, local que morava nesta época, e onde acabou doando uma casa para a Igreja, Terezinha presenciou e enfrentou problemas de

condições básicas urbanas (deslocamento, saneamento, iluminação, criminalidade e mazelas em relação às crianças). As quatro interlocutoras desta pesquisa moram longe do sindicato e quase sempre moraram longe de seus trabalhos como trabalhadoras domésticas. Necessitam, normalmente, de mais de um ônibus só para irem até o centro, onde está localizado o sindicato. O mesmo tem endereço numa zona central muito próxima da principal praça da cidade, do ministério do trabalho, do *calçadão* (onde ficam muitas lojas, cafés, bancos, etc). O sindicato conta com um salão de festas<sup>22</sup> e é não apenas um espaço de operações militantes e burocráticas, mas também um lugar de encontros para essas mulheres e alguns familiares e amigos, aproximando a periferia do centro. Inúmeras vezes, por exemplo, a filha de Ernestina utilizou o sindicato para estudar e passar o dia, já que fica relativamente próximo à universidade. Desta maneira, os impeditivos materiais da cidade são rompidos através das brechas encontradas por elas.

Como podemos observar, segundo Neto e Fonseca (2017), em pesquisa etnográfica realizada na ocupação/loteamento Santa Maria da zona norte da cidade:

A experiência de habitar às margens da cidade parece produzir uma dinâmica societária de intensa atenção às possibilidades de reprodução da vida material e social dos indivíduos e grupos inseridos nessa situação. As condições de instabilidade estão sempre colocadas e o trabalho de recriar vínculos possíveis de resistir a essa instabilidade é uma habilidade sempre posta à prova. (NETO; FONSECA, 2017, p. 61).

As interlocutoras e diretoras sindicais estão sempre criticando o trabalho da prefeitura, muitas vezes via FaceBook, direcionando suas indignações aos trabalhos específicos como a iluminação de suas ruas, os horários de ônibus, o saneamento, o abastecimento de água nos bairros periféricos, etc. Algumas vezes, participam de reuniões na Câmara dos Vereadores de Pelotas para reivindicarem ações para a condição da periferia que danosamente é atingida por problemas sociais e naturais. Além disso, seguindo as narrativas *fotobiográficas*, é de fácil assimilação que essas mulheres historicamente lutaram contra impeditivos materiais da cidade. Como o cotidiano se dá de uma forma inventiva e não padronizado somente pelas forças externas da sociedade, como diz De Certeau (1998), outros caminhos possíveis são percorridos. Isto ocorre também no trabalho interno do sindicato, como mais adiante será discutido, onde práticas significativas para a manutenção do sindicato não são impedidas por materialidades precárias ou pela falta de aparelhagem que faça avançar com mais rapidez a burocracia.

---

<sup>22</sup> No capítulo três apresentarei mais detalhadamente o sindicato, bem como as interações existentes no salão de festas aparecerão com mais ênfase.

Habitantes da periferia contornam precariedades e dos ambientes precários surgem ideias e redes de sociabilidade que não seguem necessariamente as significações impostas pelo Estado e por outras partes da população. Sendo assim, como conclui Neto (2017) em artigo referente a um trabalho etnográfico sobre os modos de habitar e os territórios na periferia de Pelotas:

Para reconhecer e potencializar essa cidade complexa, que é feita em movimento, é fundamental a observação detida de sua realidade em constante transformação. O jogo de posições dos atores, as novas formas de agência política, a criatividade nos processos de territorialização que constituem a cidade, precisam de uma perspectiva situacional da realidade, capaz de captar a “dinâmica dos ritmos” que a compõem. Neste caso, produzir etnografias sobre a cidade é buscar trazer a agência dos múltiplos atores que a produzem e são produzidos por ela, respeitando sua complexidade e incluindo no rol dos protagonistas muitos dos atores considerados de segunda ordem ou mesmo “invisíveis” na composição do mundo expressado como realidade urbana (NETO, 2017, p. 113).

No caso das trabalhadoras domésticas militantes, o protagonismo também vem das peculiaridades do trabalho velado feito na casa de outrem. Numa perspectiva diferente, faço referência a uma outra abordagem sobre a escravidão em Pelotas que aproxima esta discussão com serviço doméstico pelotense.

Bonow (2015), em sua dissertação de mestrado intitulada “*A vida é um jogo para quem tem ancas*”: uma arqueologia documental sobre mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX, procurou saber como se dava a atuação das cativas na sociedade pelotense no século XIX, principalmente nos anos próximos ao de 1888, quando ocorreu a abolição da escravatura. Através de uma pesquisa arqueológica documental, esta pesquisadora se debruçou sobre anúncios de jornais antigos, documentos e arquivos sobre compra e venda de escravos (as), fotografias, etc.

Esta arqueóloga, portanto, procura atentar para a não essencialização dos dados documentais, sempre dando ênfase ao contexto de produção e diferenças de gênero. Neste estudo, então, evidencia-se como se dava a comercialização de escravas enquanto trabalhadoras domésticas, especialmente em relação às amas de leite. A pesquisa centrou-se em um estudo que privilegiou as relações entre senhores escravocratas, escravas e comerciantes, com especial atenção para o trabalho doméstico no ambiente urbano e nas charqueadas da cidade. Seguindo o trabalho de Bonow, fica claro que existiu uma rigidez no universo charqueador e na escravidão sul-rio-grandense como um todo, pois ainda é comum aparecerem discursos sobre possíveis relações brandas ocorridas no sistema escravocrata gaúcho.

Esta pesquisa traz diversos anúncios que revelam como se davam alguns intermédios para compra e venda de escravas:

**Precisa-se** alugar uma **negrinha** para o serviço de uma casa de família. Para tratar na livraria Americana. (*Jornal do Commercio*, n. 148, quarta-feira, 05 de julho de 1876. p. 3). (BONOW, 2015, p. 99).

Ainda:

**Ama de leite** - a **libertada** Senhorinha, para poder corresponder ao dever que *contrahiu*, precisa contratar-se como ama ou qualquer outro serviço. Para tratar com a mesma em casa do Sr. Estevam Barbosa de Pinho Louzada. (*Jornal do Commercio*, n. 277, domingo, 05 de dezembro de 1880. p. 3). (BONOW, 2015, p. 101).

Alguns destes anúncios foram mostrados às trabalhadoras do sindicato de Pelotas, em eventos realizados pelo Museu de Arqueologia e Antropologia da UFPEL (MUARAN) e pelo GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos/UFPEL). A apresentação desses anúncios às trabalhadoras domésticas se mostrou muito revelador a partir de uma troca de experiências entre pesquisadora e mulheres do serviço doméstico atual. Segundo a arqueóloga, esta dinâmica e trocas revelaram que determinadas condições e relações do serviço doméstico se mantêm semelhantes desde o século XIX. Foram confeccionados, ainda, banners para apresentações de alguns trabalhos de alunos da arqueologia e da antropologia da UFPEL que atualmente encontram-se pendurados nas paredes da sede sindical<sup>23</sup>. Soma-se a isto as incontáveis falas das sindicalistas na “minha” etnografia realizada em conjunto com elas, a saber: “Tem gente que quer escrava ainda”. “Os patrões são ainda os senhores, muitas vezes”. “Querem uma máquina que só trabalhe até morrer”, dentre outras que salientam a recorrência de anúncios nos jornais ou na internet que exigem imagens e comportamentos como se trabalhadoras domésticas fossem objetos. Como Ernestina uma vez proferiu: “negrinhas quietas”. Bonow (2015), neste sentido, traz uma importante conclusão proveniente de sua pesquisa e das interações que ocorreram nas oficinas realizadas com o sindicato de Pelotas:

Quando perguntamos a respeito dos espaços, as narrativas das trabalhadoras apontam para divisões nítidas dentro da casa da família. Essas questões da divisão dos espaços englobam os cômodos da casa e os materiais de uso pessoal, numa tentativa de “evitar” a contaminação. Muitas empregadas nos contaram que fazem suas refeições separadamente dos “patrões” e usam pratos, talheres, copos, canecas também separadas das de uso da família; outras, ainda, precisam levar sua própria refeição e em alguns casos, seu próprio papel higiênico e seu sabonete. Isso nos remete, mais uma vez, a pensarmos na dualidade intimidade/hierarquia, pois, temos trabalhadoras em uma mesma casa durante anos, cuidando da família, das crianças, e que não podem ao menos fazer uma refeição no mesmo espaço dos “patrões”. (BONOW, 2015, p. 170).

---

<sup>23</sup> Esses banners, assim como uma foto que fiz delas na Romaria da Terra (ver página 45), fazem parte da estética do sindicato. Demonstam as relações existentes entre sindicalistas e pesquisadores (as), além de servirem como aparatos para tornar mais próximo do público os trabalhos originários do grupo.

As questões trazidas na citação acima, nas falas cotidianas das interlocutoras da presente pesquisa e conforme outros (as) autores (as) são recorrentes. Um dos exemplos é a tese de doutoramento de Brites (2000), onde situações cotidianas nas casas das patroas envolvem estratégias e afetividades entre trabalhadoras domésticas e seus (as) empregadores (as), muitas vezes reveladoras de certas condutas preconceituosas com o corpo da trabalhadora remunerada. Como quando patrões ou moradores da casa procuravam não usar o mesmo vaso sanitário da trabalhadora doméstica.

As quatro interlocutoras desta dissertação demonstram em suas práticas cotidianas o corriqueiro uso de inventividades e imaginação. Este fato, a meu ver, provém dos ambientes privados que ficam longe dos olhos do Estado e de outrem. Transportam, assim, para a militância um comportamento criativo estratégico para as diversas organizações cotidianas que carecem de aparatos materiais que facilitem determinadas ações. O caso da falta de um computador ou de internet no sindicato é um fator que atrapalha em certa medida a divulgação de eventos, a comunicação e os atendimentos. Como corrobora Brites<sup>24</sup>:

Estas mulheres que em geral pertencem aos extratos menos abastados e privilegiados da sociedade brasileira conseguem construir caminhos, alternativas onde parecem não haver caminhos possíveis. Inspirada em E.P. Thompson procuro mostrar que estas trabalhadoras domésticas conseguem tirar proveito de um campo altamente desfavorável e destituído de ilusões. Considero que num momento crítico de desmonte da democracia brasileira, onde a maioria das pessoas de perspectiva política progressistas não enxerga qualquer saída, reconhecer as formas de luta que estas mulheres levam a cabo por mais de um século, podem servir como inspiração para nos guiar em tempos sombrios, quando a maioria de nós não vê muito além das brumas. (Trecho de diário de campo de Jurema Brites)

Mesmo em meio a dificuldades, as sindicalistas conseguem organizar muitos eventos internos<sup>25</sup> e participam de encontros nacionais. Ernestina é uma das que viaja várias vezes durante o ano pelo Brasil, indo a congressos da FENATRAD, outros encontros sindicais, manifestações, reuniões com políticos, dentre outras coisas. Este movimento sindical é constituído por uma minoria de trabalhadoras, chegando a contemplar 10% das aproximadamente seis milhões de mulheres que são trabalhadoras domésticas remuneradas (Brites, Montecelli, Oliveira, 2012). Aliás, os encontros e congressos da categoria são um dos vetores que propulsionam conquistas, como foi o caso da PEC das domésticas, possível devido às articulações feitas em conjunto com políticos (as), ONGs e lideranças sindicais do serviço

---

<sup>24</sup> Esta citação faz parte de um diário de campo de Jurema G. Brites e compôs um *paper* apresentado pela antropóloga no LASA (Latin American Studies Association). A publicação está no prelo.

<sup>25</sup> No capítulo III as organizações autônomas e internas do sindicato de Pelotas serão contextualizadas e problematizadas conforme a proposta da presente dissertação.

doméstico. Foi, assim, uma conquista autônoma, contando obviamente com parcerias, sobretudo de ONGs feministas, característica da contemporaneidade no que condiz às redes que compreendem as práticas de resistência das trabalhadoras domésticas.

Antes, as trabalhadoras domésticas sempre tiveram o propósito de reconhecimento frente à classe trabalhadora, enquanto profissionais. Com a criação da CUT a categoria visou participar deste tipo de agregação política de classe (BERNARDINO-COSTA, 2007).

O movimento feminista, neste contexto, consolidou-se como parceiro de luta das trabalhadoras domésticas, rompendo um pouco com as suspeitas dos primeiros anos. Durante a constituinte as ONGs feministas contribuíram com o movimento e, com isso, se estabeleceram como parceiras definitivas para as trabalhadoras domésticas militantes. Foi no 5º congresso da categoria, ocorrido em Recife em 1985 que a ONG SOS Corpo, da mesma cidade, começou a prestar assessoria para os congressos acontecerem. Entre 1985 e a constituição de 1988 muitas visitas de militantes foram feitas à Brasília, para pressionarem os constituintes. Assim, a partir de 1988, com parte das propostas abarcadas pelo Estado, o direito à sindicalização foi alcançado. As associações passaram a se transformar em sindicatos (BERNARDINO-COSTA, 2007). Foi neste mesmo período que o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas-RS<sup>26</sup> foi criado. Desde 1984 existia a associação, com Iolanda Prestes da Rosa enquanto liderança, e dentro das mudanças constitucionais ela e outras trabalhadoras fundaram o sindicato em 17 de junho de 1989<sup>27</sup>. Dona Iolanda, como me disse Terezinha, também vinha de uma “escola” da Igreja Católica, como muitas lideranças operárias e negras do país.

Mais uma vez, Bernardino-Costa nos esclarece questões históricas:

O que se observa das décadas de 1960 até meados de 1980 é o predomínio da interpretação classista da condição da trabalhadora doméstica. Não se trata de dizer que as interpretações racializadas e de gênero não estavam presentes, mas de perceber que a articulação política se dava em torno das demandas de serem reconhecidas como pertencentes à classe trabalhadora e, conseqüentemente, equiparadas em termos de direitos aos demais trabalhadores. Esta era uma consequência natural decorrente do fato de as trabalhadoras domésticas somente terem sido reconhecidas pela legislação trabalhista em 1972, ainda de maneira extremamente restritiva, conquistando, na ocasião, o direito elementar à carteira de trabalho, o direito a férias e à Previdência Social. Neste sentido, a luta incidia sobre a efetivação destes poucos direitos e sobre a conquista de outros já compartilhados por outras categorias profissionais. (BERNARDINO-COSTA, 2015, p. 156).

---

<sup>26</sup> Nome oficial do sindicato, porém como colocado na Introdução utilizo outras denominações condizentes com o universo êmico da pesquisa.

<sup>27</sup> O sindicato é filiado à CUT, à CONTRACS e à FENATRAD.

Brites, Monticelli e Oliveira (2012) também descortinam questões que historicamente mudaram e ainda mudam no sindicalismo das trabalhadoras domésticas brasileiras. Segundo estas autoras, nas últimas três décadas ocorreram mudanças no tocante às agências formadoras de lideranças e parcerias. Como mencionado anteriormente, as interações da Igreja Católica e do Movimento Negro foram muito fortes. Mas, atualmente, as políticas para minorias, principalmente as de gênero e as étnicas estão protagonizando essas ações de formação de lideranças, financiamentos, etc. Para estas autoras as mudanças de parceria implicaram também em alterações das formas de luta da militância. Nas décadas de apoio dado pela Igreja Católica o foco do movimento era a construção de uma base para categoria. A Igreja apoiava a realização de espaços de “empoderamento” da categoria através de encontros, sendo eles lúdicos (chás, almoços e festas de confraternização) ou religiosos (missas e romarias). Todas estas místicas colaboravam para a construção de um sentimento de coletividade e luta. Quando as feministas se juntaram a esta categoria o investimento se destinou mais ao “empoderamento” de determinadas figuras dentro do movimento, com mais talento para vocalizações sobre a luta e que pudessem fazer um trabalho de corpo a corpo no congresso nacional no sentido de pressionar as autoridades para mudanças legislativas. Todas estas ações foram importantes para as conquistas, mas também criaram algumas cisões no movimento. Mesmo com alguns conflitos em determinados encontros, foram estas ações de apoio das Feministas, para que as lideranças principais viajassem e participassem de seminários e cursos de formação no âmbito nacional e internacional, que levaram às conquistas da mudança da Constituição. Este apoio fez o Brasil hoje se tornar uma reconhecida influência internacional para o aprimoramento legislativo do reconhecimento do trabalho doméstico<sup>28</sup>.

A história dos sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil revela a complexidade de algumas realidades da sociedade brasileira. Não se trata de uma categoria restrita, pois são muitos fatores que sustentam e emergem na vida de milhões de mulheres que vivem ainda hoje na invisibilidade. No entanto, a conquista da PEC das domésticas é “um suspiro” em meio aos retrocessos e situações desagradáveis para as trabalhadoras desde a escravidão, como colocou Ernestina no chá de aniversário do sindicato de Pelotas, em maio de 2017.

Esta conquista está diretamente ligada aos sindicatos do país e às suas conseqüentes redes. A aprovação da Convenção 189 e da Recomendação 201 sobre Trabalho Decente para os Trabalhadores e as Trabalhadoras Domésticas, em conferência realizada em 2011 na

---

<sup>28</sup> Esta citação, como também mencionado na nota de rodapé 22, faz parte de diário de campo de Jurema G. Brites, bem como do *paper* apresentado pela antropóloga Jurema G. Brites em congresso do LASA (Latin American Studies Association). A publicação está no prelo.

Conferência Internacional do Trabalho da OIT (Organização Internacional do Trabalho) salienta uma rede transnacional de trabalhadoras domésticas, como podemos ver também na *fotobiografia* de Ernestina na foto (EP6). Na conferência da OIT participaram cinco lideranças das trabalhadoras domésticas do Brasil, bem como a Deputada Benedita da Silva, um dos pilares para a consolidação da proposta da PEC (BERNARDINO-COSTA, 2015; GOLDSMITH, 2013, DANTAS, 2016). Goldsmith (2013), em trabalho etnográfico sobre a crucial conferência na OIT, declara que as militantes que participaram quebraram protocolos e com muito barulho colocaram suas ideias em jogo.

Após isto, com a aprovação da PEC ocorrendo em 2012, sob esforços da Deputada Benedita da Silva no Congresso Nacional e também com a aprovação da Emenda Constitucional 72/2013, desenrolou-se a Lei Complementar, sancionada pela Presidenta da República Dilma Rousseff em abril de 2016 (DANTAS, 2016). Estas mudanças legais demonstram a força dos sindicatos e das redes de articulação, que desde as influências da JOC, emergiram em uma categoria laboral sempre vista à margem no concernente aos direitos trabalhistas. A PEC, em suma, igualou os direitos das trabalhadoras domésticas aos demais trabalhadores, mudando assim o Artigo 7º da Constituição. A Jornada de trabalho de 44 horas semanais, o pagamento de horas extras, o adicional noturno, dentre outras coisas passaram a contar para as trabalhadoras domésticas. Além disso, um cadastro único foi criado, o *Simples doméstico*, destinado a facilitar e unificar o contrato e o cumprimento dos encargos a serem pagos (DANTAS, 2016). O site [www.esocial.gov.br](http://www.esocial.gov.br) serve para que ocorram os contratos.

A etnografia aqui apresentada diz respeito às práticas de resistência que, como o capítulo III mostrará, se desenvolvem sob uma ainda incipiente mudança constitucional. Como será ressaltado, muitas circunstâncias ainda necessitam de vigilância por parte dos sindicatos e do aparato jurídico. Como Brites (2013) e Dantas (2016) exprimem em seus trabalhos, as mudanças da PEC não alcançaram todos os anseios da categoria. Ao mesmo tempo em que cresce o número de diaristas, a mudança de lei acabou não abarcando-as, por exemplo. O labor das diaristas gera ambiguidades no debate sobre a legalização e maior visualização de contratos e condutas dos patrões. A contratação de diaristas se dá, em diversas ocasiões, sob as vontades patronais de não gerarem compromissos contratuais trabalhistas fixados em leis (BRITES, MONTECELLI, OLIVEIRA, 2012). É um tipo de trabalho que cresce, pois pode ser mais lucrativo para a trabalhadora, porém mantém-se na informalidade enquanto as mudanças provindas da PEC recentemente estão transcorrendo.

Além disso, para Bernardino-Costa:

O que se observa ao longo destes quase 80 anos de história de organização do movimento das trabalhadoras domésticas no Brasil é a constituição de um movimento feminista negro que, apropriando-se criticamente das noções de classe, raça e gênero, interpreta as relações sociais brasileiras, fazendo as articulações intelectuais e políticas necessárias em seus pleitos reivindicatórios, projetos decoloniais de resistência e reexistência. (BERNARDINO-COSTA, 2015, p. 159).

Em relação às redes historicamente edificadas em torno da militância das trabalhadoras domésticas, muitas coisas mudaram durante os últimos anos. Na etnografia que realizada juntamente com as interlocutoras, a presença de um discurso classista no cotidiano do sindicato é constante. Em meio aos atendimentos, nos exercícios *fotobiográficos*, no grupo do Whatsapp, nas confraternizações, e em outras interações que tive com elas a classe trabalhadora tem potência discursiva enorme. Por exemplo, nunca ouvi a palavra feminismo sendo proferida por elas, o que não quer dizer, obviamente, que elas não sejam feministas ou que não apoiem o movimento. Falam muito em “mulheres livres”, “mulher negra” e “mulher trabalhadora”. São peculiaridades construídas por histórias de vida e pelo contexto histórico do sindicalismo das trabalhadoras domésticas. Mesmo as ONGs feministas se apresentando atualmente como os órgãos que financiam viagens e outras atividades, no que concerne a sede de Pelotas, no discurso político outras instituições aparecem primeiro. Por outro lado, muitos problemas de regulamentação existem frente à CUT e à CONTRACS, mas no discurso sempre estão presentes, seguindo a esteira do Partido dos Trabalhadores (PT). Aliás, Ernestina é filiada a ele e já concorreu a Deputada Estadual e a Vereadora pelo partido, como as fotos (**EP6** e **EP9**) nos mostram na *fotobiografia*.

As práticas cotidianas demonstram, como veremos também no capítulo III, fortes e emblemáticas atuações que ressaltam a autonomia da mulher, sem que haja uma recorrência discursiva a determinado grupo como ocorre nas relações com a CUT, CONTRACS e FENATRAD.

Ademais, a foto de Ernestina com Ângela Davis é um marco simbólico para este trabalho de antropologia compartilhada e para a sequência de fotos e depoimentos de Ernestina. Assim sendo, seguindo Davis (2017) no tocante ao século XIX nos EUA pós- abolição, o serviço doméstico além de sido visto como um trabalho menos digno por outras mulheres era o mais difícil para a organização sindical. Segundo esta reconhecida ativista por direitos civis dos negros (as) nos EUA, o trabalho doméstico na lógica reprodutiva de não geração de lucro acabou por ser delegado às mulheres negras, pois as mulheres brancas, como no caso das imigrantes europeias no Brasil não se submetiam a um trabalho definido e percebido como

inferior. A esfera da produção capitalista fomenta esta relação e mantém, assim, o primitivismo do serviço doméstico (DAVIS, 2017).

Interpreto, aqui, que a autora não enxerga este trabalho como não digno, mas que a própria realidade capitalista de produção e lucro rebaixou de tal forma este tipo de trabalho que a população negra, especialmente as mulheres, por serem segregadas e desvalorizadas como um todo pelo sistema de produção, foram empurradas para o trabalho servil. Obviamente, existem estratégias para que ocorram mudanças, e o sindicalismo e o movimento das trabalhadoras domésticas, não só no Brasil, demonstram a força da resistência ao sistema de poder colonial, à *coloneidade do poder*, às heranças da escravidão. Em suma, a *interseccionalidade emancipadora* postula-se como esqueleto de um movimento que consegue atingir objetivos enraizados em um sistema jurídico e moral ainda com traços coloniais. Nesta interpretação, são as condições desfavoráveis de vida transformadas em práticas de resistência que mudam o jogo.

Sendo assim, depois de termos visto aspectos estruturais da luta das trabalhadoras domésticas, como também as histórias de vida evocadas pela produçãoêmica e compartilhada das *fotobiografias*, ressalto a importância das redes de modo conjunto e indissociável, como já foi dito. Mesmo que as redes e os apoiadores mudem no condizente ao protagonismo de determinado momento, nenhum deles, em toda a história do movimento, foi deixada de lado. Igreja, movimento negro, partidos políticos e movimento feminista, não só simbolicamente, edificaram e continuam fortalecendo as atuações reivindicatórias e revolucionárias das trabalhadoras domésticas no Brasil.

Por fim, é dentro desta dinâmica, indo das *fotobiografias*, com a força das histórias de vida, aos processos históricos e políticos do sindicalismo brasileiro, que procuro elucidar uma parte do desenvolvimento das práticas de resistência no cotidiano de trabalhadoras domésticas sindicalistas em Pelotas.

Agora, as linhas subsequentes darão ênfase ao universo da vida ordinária do sindicato. Este próximo capítulo, referente às práticas cotidianas do sindicato de Pelotas (atendimentos, confraternizações e reuniões internas) mostrará que trabalho de cuidado, sociabilidade, burocracias e lazer, também de uma forma indissociável no campo das práticas, dinamizam o universo dessas mulheres e de outras que procuram atendimentos e apresentam-se como formas de resistência.

### **3 ATENDIMENTOS, APRENDIZAGEM E SOCIABILIDADE- A DINÂMICA INTERNA DO SINDICATO**

Neste capítulo apresento descrições e imagens que exploram o ambiente interno do sindicato das trabalhadoras domésticas de Pelotas-RS. Principalmente, reflito sobre práticas ligadas ao dia a dia dos atendimentos e das reuniões das sindicalistas. A partir de uma descrição etnográfica, os atendimentos e as burocracias que preenchem o cotidiano da sede sindical são evidenciados em conformidade com uma bibliografia sobre o *care*. O capítulo traz, ainda, os materiais gráficos produzidos e divulgados pelo grupo, salientando-os enquanto forma de aprendizagem e compartilhamento de ideias. Além disso, no correspondente às interações entre as militantes, resalto o papel da família e as relações de sociabilidade na dinâmica organizacional do sindicato.

#### **3.1 O SINDICATO E OS ASPECTOS GERAIS DOS ATENDIMENTOS**

Ao longo da pesquisa etnográfica, acompanhei 32 expedientes completos do sindicato. Presenciei a variedade e a recorrência dos atendimentos e o esmero das diretoras que proporcionam a significativa existência de um lugar voltado para uma coletividade ainda marcada pela invisibilidade. A observação participante no sindicato se deu no universo composto por atendimentos, confraternizações e eventos que reuniam as interlocutoras, seus familiares e amigos.

O sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas situa-se na zona central da cidade e existe desde 1989, quando foi fundado pela já falecida trabalhadora Iolanda Prestes da Rosa. Faz parte de uma edificação chamada de “casa do trabalhador”, onde se encontram, além deste sindicato, outros três, todos ligados à CUT. São eles o sindicato dos trabalhadores de postos de combustíveis, dos metalúrgicos e dos relacionados ao labor com petróleo e gás. A “Casa do Trabalhador” possui uma área consideravelmente grande, dividida em quatro salas (três destinadas aos escritórios sindicais e outra que serve como depósito). Além disso, conta com um grande salão para eventos anexado ao lado do local dos escritórios.

A menor sala da edificação é a das trabalhadoras domésticas. É a mais rústica e com aspectos de precariedade física mais salientes. Porém, ao mesmo tempo, é a sala que contém mais cartazes, banners, panfletos e materialidades ligadas a luta política sindical. Esta manifestação visual e material não é por acaso, pois reflete uma atuação (na sede) muito maior do que os outros sindicatos. Recebe mais trabalhadoras e apoiadores (as) nos espaços destinados

às conversas informais ou aos procedimentos burocráticos do sindicato. Os atendimentos feitos no sindicato, que abre segundas, quartas e sextas-feiras, das 14:00 às 17:30, e sempre recebem um considerável número de pessoas que, segundo as sindicalistas, gira em torno de 10 a 15 mulheres por dia. Neste espaço físico e simbólico, as principais atuações, para além da organização política interna, são direcionadas às rescisões de contrato e aos diálogos concernentes com diversos tipos de dúvidas das trabalhadoras e aos esclarecimentos sobre o atual cenário do serviço do Brasil. A maioria das mulheres que buscam a ajuda do sindicato não são associadas e fazem parte de um trabalho mensalista, onde normalmente são empregadas por somente um empregador (a).

Desde o meu primeiro dia neste ambiente, percebi a intensa movimentação dos atendimentos. As mudanças legais oriundas da PEC das domésticas dimensionam boa parte das comunicações entre as sindicalistas e usufruidoras das atribuições do sindicato e mesclam-se aos variados assuntos relacionados às relações entre empregador (a) e trabalhadora. Além disso, nas tardes de segunda-feira, um advogado se encarrega de questões trabalhistas que saem do alcance das diretoras sindicais. Rescisões sempre são marcadas com antecedência, sendo realizadas por telefone ou presencialmente e podem ocorrer eventualmente em outros turnos ou dias, dependendo da disponibilidade das atendentes.





Ernestina, devido ao seu histórico sindical e a sua destreza com burocracias, se encarrega dos assuntos mais complexos, como as rescisões, por exemplo. Leda, que

normalmente acompanha Ernestina no cotidiano do sindicato, direciona sua atenção para esclarecer dúvidas, marcar horários, indicar lugares e atestar no livro de presença os nomes e registros oficiais dos documentos das mulheres atendidas. Ernestina está aposentada, podendo assim ter tempo para dedicação quase que exclusiva ao sindicato. Leda, mesmo não estando aposentada, trabalha eventualmente como diarista, o que a deixa disponível para o ofício como diretora. As outras duas mulheres que compõem a diretoria do sindicato não estão disponíveis para o expediente inteiro, porém se encarregam de responsabilidades quase toda a semana. Terezinha vai ao sindicato praticamente todos os dias depois das 15:30, ajuda muito nas informações e na organização e divulgação de eventos. Devido a relações familiares, ela não pode estar presente nos horários iniciais de expediente. Cláudia, a mais nova das quatro, por trabalhar como mensalista diariamente não pode estar junto, exceto às quartas-feiras no final do expediente. Mesmo assim, é peça imprescindível, principalmente nas reuniões organizacionais.

Dentro deste contexto, as principais informações buscadas correspondem com aos direitos da trabalhadora doméstica, a saber: número máximo de horas de trabalho aceitas na lei, acréscimos salariais do adicional noturno, férias, documentações para comprovações de atestados de saúde, faltas no trabalho, licença maternidade, décimo terceiro salário, repouso semanais, e questões relacionadas a assédio e não cumprimento de exigências legais por parte dos (as) patrões (oas). É necessário dizer que a lei complementar 150, oriunda da PEC das domésticas, impulsionou a busca por adequações legais via ações do sindicato por parte principalmente das trabalhadoras mensalistas. Uma das mudanças mais importantes e que gerou adequações mais rápidas foi a necessidade do cadastro feito via plataforma *eSocial-Simples doméstico*, que assegura os registros das trabalhadoras, bem como os deveres legais dos contratantes (as). Esta ferramenta funciona *on line* e gera um boleto onde é facilitado o pagamento de tributos e do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) dos (as) patrões (oas), agindo como cadastro único para essa categoria laboral mensalista (DANTAS, 2016).

A PEC das domésticas assegurou a constituição de uma jornada de trabalho para a categoria de 44h semanais a até 08 diárias. Também o pagamento das horas extras no valor de, pelo menos, 50% a mais que o valor/hora normal e o valor da hora do trabalho noturno superior a hora do trabalho diurno, sugerindo o livro ponto, assinado pelas trabalhadoras como controle de ambas as partes envolvidas. Houve a proibição do trabalho noturno perigoso ou insalubre para menores de 18 anos; proibição do trabalho para menores de 16 anos e aprendizes a partir de 14 anos. (DANTAS, 2016, p. 103).

A Lei complementar, emergida após intensa luta das militantes brasileiras, equiparou os direitos trabalhistas das trabalhadoras domésticas com outros campos laborais. A lei é

obviamente uma conquista significativa e necessária, porém ainda com lacunas. Por exemplo, as diaristas não foram contempladas com esta lei, mesmo estando crescendo este tipo de trabalho doméstico (BRITES, 2013). No sindicato de Pelotas a grande maioria das associadas são mensalistas. Até dezembro de 2017 havia um número de aproximadamente 2.500 mulheres e uma minoria pagava mensalmente uma contribuição (sem um valor estipulado). Além disso, no período em que fiz a observação participante não presenciei nenhuma diarista procurando auxílio, mas observei um grande número de mensalistas não associadas. Percebi também uma forte presença de cuidadoras de idosos em busca de informações e rescisões<sup>29</sup>. Dentro dos 32 expedientes que observei, contendo 96 atendimentos, presenciei cerca de 15 mulheres ligadas a este tipo de trabalho<sup>30</sup>.

O sindicato, notadamente através destes atendimentos, onde as atividades de Leda e Ernestina se destacam por estarem em quase todos os dias garantindo o funcionamento da entidade, serve como recanto para conhecimento de direitos, busca de esclarecimentos e acolhimento, os quais apontam outros caminhos para as trabalhadoras domésticas de Pelotas e região. Apesar das rescisões, processo que somente Ernestina realiza, e dos atendimentos pontuais do advogado, quando os casos configuram-se insolúveis pela via de negociação entre as partes, muitas mulheres comparecem, em geral vindas de lugares afastados, como cidades vizinhas, para buscarem informações gerais. Aqui as conversações são o ponto central, servem como acompanhamento formal, mas também afetivo. Neste ponto, o atendimento frequentemente excede a barreira da formalidade e as mulheres são amparadas em outras tantas necessidades que vem junto com o respeito profissional. As diretoras escutam e abrem um espaço para que as mulheres expressem tantas situações de não reconhecimento, dificuldade, tristeza e medo. As diretoras aconselham ao mesmo tempo em que chamam a atenção para as necessárias vigilâncias que a mulher do serviço doméstico deve ter em sua vida, não só ao que diz respeito ao cotidiano laboral. Corriqueiramente, as comunicações destinadas às informações, mesmo sendo muito importantes e delicadas, constroem uma atmosfera dialógica branda, onde piadas tomam o lugar de termos formalizados.

Ao longo da pesquisa presenciei diferentes tipos de atendimentos e que me fizeram perceber os vários aspectos que os envolvem. Um deles ocorreu no começo de maio de 2017.

---

<sup>29</sup> Para além de mensalistas e diaristas, existem denominações específicas no terreno do serviço doméstico, a saber: babás, lavadeiras, jardineiros (as), cuidadores (as), etc. (DANTAS, 2016). Assim, atesto que os atendimentos em que estive presente não abarcaram especificidades deste tipo, todos sendo direcionados para o que está na Constituição, onde a categoria mensalista rege os direitos e atribuições do empregador e da trabalhadora.

<sup>30</sup> Em quatro meses, fui em 32 expedientes e 96 mulheres foram até o sindicato para serem atendidas. Analisando o livro ponto da sede, pude perceber que os números variam muito. Algumas semanas dão conta de menos de dez atendimentos, enquanto outras abarcam mais de vinte.

Uma senhora negra de aparentes sessenta e poucos anos, chamada Nora<sup>31</sup>, moradora da zona rural da cidade, visitou o sindicato pela primeira vez. Havia tomado noção da existência de um local específico para a trabalhadora doméstica através de uma vizinha que tinha ouvido de outra vizinha, etc. Esta mulher, então, chegou pontualmente às duas da tarde e no local estavam Ernestina e Leda nas mesas de recepção e eu no sofá reservado para o público de fora. A minha presença, desde o primeiro dia neste ambiente, fazia parte do cenário, apesar geralmente o único homem. Ernestina sempre me apresentava como um “estagiário”, como um componente do grupo do sindicato.

Na ocasião, Nora esperou uns quinze minutos até ser atendida e quando chegou sua vez, depois de já ter conversado comigo e com outras mulheres da fila sobre a cidade e outros assuntos, sentou-se em frente à Leda e começou a explicar sua situação. Ela queria contabilizar seus anos de labor doméstico junto a uma família que a contratara desde a adolescência. Desde então morava com eles e recebia salário não somente em dinheiro, fato comum para as mensalistas que moram na casa onde trabalham. Entretanto, no meio do diálogo, já um pouco descontraído, Leda entregou um pequeno papel que continha os direitos previstos em lei para aposentadoria, férias, adicional noturno e o salário regional. Sendo assim, Nora acabou dizendo, ao olhar o papel, que ganhava 700 reais por mês, trezentos a menos do que o previsto. Neste momento, Ernestina levantou o tom de voz e começou a falar, aparentemente enfurecida, para ela voltar para casa e trazer em outro dia documentos que comprovassem seu tempo de trabalho na referida família. Nora, já meio emocionada pela conversa, com lágrimas em seu rosto, disse que não tinha como comprovar através de documentos ou assinaturas o seu tempo de serviço, muito pelo fato de seu patrão (o único vivo da família que era composta por sua esposa já falecida e por um filho que morava longe) estar muito velho e necessitando de cuidados.

Depois deste caso voltei para casa triste e com muitas dúvidas também. Nora não ganhava o previsto em lei, não ficou claro se sabia o valor exato, mas gostava de receber os auxílios (constituídos não somente por dinheiro) de seu patrão. Ernestina, ao mesmo tempo em que ficou incomodada com a situação, tentou indicar os passos futuros da trabalhadora doméstica utilizando-se de piadas e sugerindo que ela pedisse algo escrito sobre seu trabalho ao seu patrão. “*Quem não dança, segura a criança*”, dizia Ernestina ao final do expediente, tentando diluir a tensão do ambiente e de Nora, que, aparentemente, voltou para casa não mais chorando e com a esperança de conseguir um atestado com seu patrão.

---

<sup>31</sup> Nome fictício. Neste trabalho somente as mulheres do sindicato têm seus nomes reais, devido a acordos éticos feitos em campo. No caso das fotografias, somente aparecerá as faces das pessoas que me autorizaram no processo de pesquisa.

No tocante a mim, voltei com elementos que me fizeram perceber as burocracias não desligadas das relações emocionais e afetivas dentro do sindicato. Diferentemente do que se costuma observar em outros em outros ofícios burocráticos, onde os cadastros são frios e os diálogos extremamente formais.



### 3.2 AS RESCISÕES DE CONTRATO E O TRABALHO DE CUIDADO

Um dos atendimentos principais do sindicato diz respeito às rescisões de contrato entre trabalhadoras e empregadores (as). Uma rescisão refere-se ao processo destinado ao rompimento de deliberações juridicamente acertadas entre partes que conferem contratos de trabalho, de alugueis, dentre outras coisas. No contexto das trabalhadoras domésticas de Pelotas, as rescisões atrelam-se às tentativas de contabilização de horas, salários, férias, descansos, etc. Ernestina, no caso, operacionaliza esta contagem sem precisar de um contador ou de um advogado<sup>32</sup>, desvelando e traduzindo os termos jurídicos e os números para as mulheres que procuram rescindir contratos, sejam por vontade própria ou dos (as) patrões (oas).

Há, neste contexto, uma considerável atribuição às práticas técnicas procedimentais realizadas por Ernestina. Como já dimensionado no capítulo anterior, que abarca o universo das

<sup>32</sup> Como já indicado, sindicato possui um advogado, que comparece uma vez por semana, quando há algum atendimento marcado. Normalmente, as questões são solucionadas pelas sindicalistas, mas existem casos onde os processos são delegados ao advogado ou ao Ministério do Trabalho.

histórias de vida das militantes pelotenses, esta mulher atravessou e atravessa diariamente barreiras provenientes das relações segregacionistas interseccionais. Em sua trajetória individual, nas redes de militância e de sociabilidade, percebe-se que ela transita entre as classes populares e as elites políticas, por exemplo (BRITES, 2003). Sua aprendizagem, construída desde os anos 1980 por ações da Igreja Católica, fez com que ela compreendesse a linguagem jurídica ao mesmo tempo em que transmite de uma maneira informal para as outras trabalhadoras. Ela não reproduz, assim, o discurso técnico e restrito do direito. Tanto nos atendimentos quanto nas reuniões internas, ela dialoga de uma maneira compreensível. Isto se tornou ainda mais claro quando me vi incluído no público que necessita de uma comunicação facilitadora para o entendimento formal jurídico.

Nas rescisões, sempre marcadas antecipadamente, em que a trabalhadora comparece com os documentos adequados, os impasses são raros, porém existem recorrentemente discrepâncias localizadas entre o que se diz e o que está documentado. É neste ponto que ocorre a maioria das relações conflituosas e angustiantes nos atendimentos, com a sindicalista expondo os erros contidos entre discurso e prova documental para mulheres que pouco sabem sobre seus direitos ou que não estão adequando-se moderadamente às exigências da nova lei. Obviamente, devido à invisibilidade historicamente construída em torno do serviço doméstico, ainda aparecem no sindicato pessoas que não possuem contrato legalmente registrado. Muitas vezes, a comprovação de horas de serviço, por exemplo, ocorre através de escritos informais vindos da classe patronal, como veremos a seguir no caso da cuidadora Fabiana.

O trabalho etnográfico de Silva (2017), no tocante aos processos de rescisões no mesmo sindicato, apresenta convergências com meus dados etnográficos. Esta pesquisadora, seguindo uma vertente investigativa no campo da antropologia jurídica, descreveu, a partir de uma experiência com observação participante, rescisões que vão ao encontro do que estou pontuando aqui, a saber: relações onde o diálogo mostra-se conflituoso, falhas documentais levadas pelas trabalhadoras e o papel da liderança Ernestina.

Segundo a referida etnografia, muitos conflitos emergiram nos diálogos estabelecidos no momento rescisório, não sendo somente entre as vozes sindicalistas e patronais, mas entre a própria classe das trabalhadoras domésticas (SILVA, 2017). Buscando traçar comparações entre as pesquisas e entre os dados etnográficos, pontuo a descrição da autora do momento da dinâmica rescisória:

Quando cheguei, Ernestina já havia me avisado sobre o clima tenso do dia, pois já havia começado com conflitos. Entrei na sala e me posicionei atrás das mesas. Ernestina questiona a patroa pelo fato dela não ter trazido todos os documentos que

estavam faltando. A patroa diz que está tudo certo e então o tom de voz das duas vai aumentando progressivamente. (SILVA, 2017, p. 34)

É facilmente percebida a desinformação por parte de quem procura o sindicato. Atrelado ao comportamento comum de quem busca ajuda sindical está a escassez de tempo livre e a impaciência para que as burocracias ocorram rapidamente. Nestes casos, a voz do patrão (ao subjaz o diálogo, mesmo sem ele estar presente, pois muitas vezes o que a trabalhadora leva para o atendimento é uma documentação incompleta e diversas dúvidas sobre o que o empregador disse a respeito das burocracias. A maioria dos atendimentos é complicado e muitas vezes, não devido a quem está atendendo, os cálculos de recebimento de salários ou férias, por exemplo, frustram as trabalhadoras domésticas recebidas na sede.





### 3.2.1 Desinformação e a suposta supremacia da voz do patrão (ao)- o caso de Maria

Em uma das visitas ao sindicato, em uma segunda-feira de janeiro de 2018, com um grande número de atendimentos, uma situação específica me chamou a atenção. As rescisões quase nunca fluem rapidamente, como já foi dito, porém algumas se destacam devido a um grau menor de informação das trabalhadoras.

Por volta das três horas da tarde, depois de aproximadamente vinte minutos de espera, Maria, uma jovem negra de 32 anos, começou a expor seu caso para Ernestina. Ela estava em processo de rescisão de contrato a pedido de seu patrão, tinha trabalhado três anos como mensalista e estava com dificuldades na contabilidade de seus direitos salariais e rescisórios. Fato que a levou ao sindicato pela primeira vez. Assim, um problema comum mais uma vez emergiu na rescisão: os documentos provenientes do contrato patronal não correspondiam ao discurso da trabalhadora doméstica. Maria, visivelmente muito cansada, afirmou constantemente que o seu empregador, ancorado em documentações, estava contando seu tempo de serviço a partir de quando foi assinada a carteira de trabalho. A jovem trabalhadora ficou empregada três anos, mas somente um ano e meio com carteira de trabalho assinada. Era mais uma vez a voz, fixada em documentos, da classe patronal em detrimento da classe das trabalhadoras domésticas mensalistas.

Ernestina perguntou se Maria havia como comprovar os três anos de trabalho (poderiam ser fotos, documentos ou testemunhas), mas não obteve resposta positiva. Foi nesse momento do diálogo que a diretora disse: *“ué, que desanimo é esse?”*. Maria estava quase dormindo na cadeira ao mesmo tempo em que tentava refletir sobre sua situação trabalhista. A jovem contou estar com anemia e completou: *“é que eu sou burra sabe, não sei muito das coisas, daí fui levando, não sei muitos das coisas sabe?”*. Assim, Leda e Ernestina começaram a falar com a moça, a fim de fazê-la sorrir. Falaram que o Brasil teve o melhor presidente da história, sendo que ele considerado “burro” e enfatizaram a importância de não se viver na insegurança, seja pessoal ou profissional. Além disso, no mesmo atendimento, as diretoras ligaram para a secretaria de saúde de Pelotas e informaram Maria sobre as possibilidades de consultas para anemia. Como me disse Ernestina depois, a ligação serviu para gerar alguma mudança na condição complicada que acabara de presenciar. Fazer as mulheres conhecerem os direitos, não só no âmbito do serviço doméstico, mas sobretudo na saúde feminina, é uma pauta que preenche a dinâmica militante do sindicato e é comunicação recorrente nos expedientes.

A partir desses eventos etnográficos, direcionei parte importante do meu olhar antropológico para outras práticas internas dos atendimentos. A partir de observações como esta que comecei a pensar o momento dos atendimentos no Sindicato das Trabalhadoras de Pelotas como um espaço de cuidado e a observar que todo um trabalho emocional ali é realizado e despendido, ultrapassando em muito a tarefa burocrática de zelar juridicamente pelo cumprimento da Lei nos contratos de trabalho entre trabalhadoras e seus empregadores.

### **3.2.2 Achando caminhos entre espinhos: quem cuida da cuidadora Fabiana?**

Lembro-me de uma parte da pesquisa onde surgiu uma situação parecida com a supracitada descrição de Silva (2017). Os serviços do sindicato corriam bem, com rápidos casos solucionados, todos com documentação necessária e dados claros para carimbo final das diretoras Leda e Ernestina. Foi então que, em um momento onde estávamos conversando sobre um livro recebido pelo sindicato através da CUT, adentrou Fabiana, uma cuidadora de idosos, branca, de 54 anos de idade. Ela começou a contar sua situação para todos que estavam no local, demonstrando-se bem apreensiva. Esta mulher trabalhava doze horas por dia cuidando de uma mulher idosa de 92 anos, no período noturno (das 20:00 às 08:00). Ela queria contabilizar junto ao sindicato o tempo de trabalho sob o vigente “contrato”, mecanismo que facilmente poderia ser feito se os documentos correspondem corretamente dentro da burocracia fixada. Foi então

que Ernestina, em sua habitual destreza e rapidez nas técnicas burocráticas e de contabilidade, pediu a carteira de trabalho de Fabiana. Esta última, com intenso lamento, colocou a mão sobre a cabeça e, já com lágrimas nos olhos, disse que a carteira estava em Minas Gerais, seu estado de origem. Todos no local ficaram tristemente surpresos e Ernestina afirmou que sem o documento específico ficaria muito difícil uma conta que pudesse convergir exatamente com o tempo de trabalho realizado ao longo de mais trinta anos. Fabiana começou a chorar muito. Esta trabalhadora, separada do marido, morava com a filha, mas estava vivendo um período sozinha devido aos estudos desta última. Além disso, disse que não tirava férias havia três anos e que sofria com depressão. Emotivamente o ambiente mudou, fiquei sem saber o que dizer frente à situação, já que ela conversava comigo também. Ernestina, neste momento, começou a fazer piadas sobre Minas Gerais e o característico sotaque de Belo Horizonte, cidade onde Fabiana trabalhou em uma fábrica durante a adolescência. *“Uai, como que tu vens sem carteira de trabalho mulher?”*, dentre outras falas seguidas de risadas.

A atmosfera melhorou e a partir disso uma saída foi sugerida para a situação. Ernestina, investigando a situação de trabalho de Fabiana, sugeriu que ele pedisse para o patrão pelo menos os números recentes de seu tempo de trabalho, algo que negativamente foi respondido pela cuidadora, que não tinha uma liberdade comunicativa adequada com seu empregador (filho da idosa). Passaram-se alguns segundos de silêncio e Ernestina manifestou-se sorrindo: *“Então tu pega o caderninho. Tu consegue pegar, Fabiana? Ali, com isso, a gente consegue contar alguma coisa. Tem a letra do patrão?”*. As respostas foram positivas e depois de uma conversa final com conselhos sendo dados por Leda e por mim, basicamente para acalmar a situação, Fabiana retirou-se e caminhou confiante até a saída do sindicato.

Neste caso em específico e em outras várias conversas, Ernestina e Leda tentaram abrandar situações emocionalmente complicadas. As piadas se fizeram presentes constantemente em diálogos onde a trabalhadora doméstica atendida encontrava-se nervosa ou triste. Piadas, ao mesmo tempo em que enfatizavam pontos importantes da burocracia, propiciavam um ambiente favorável para interações que pareciam não caminhar para fins adequados no condizente às articulações emocionais e burocráticas. Neste ponto, lembro de Cláudia Fonseca (2000), quando nos diz que o humor deve ser situado num contexto de práticas e valores. O humor pode gerar mudanças, revelar algo. Pode fazer transparecer lógicas de criatividade cotidianas das classes populares, segunda a antropóloga. O humor, nos atendimentos do Sindicato de Pelotas revela a experiência de Ernestina e Leda, tanto de uma forma de realizar o trabalho sindical, quanto de anos de prática laboral dentro dos lares empregadores. É notável o esmero constante para fornecer esclarecimentos e ensinamentos

muito didáticos de como proceder, como obter provas de contratações mal documentadas e como se proteger no ambiente de trabalho. Assim, as situações complexas de ajustes burocráticos, balizadas por um trabalho de cuidado, são abordadas corriqueiramente por falas jocosas e didáticas. Como afirma Brites sobre as relações de uma trabalhadora doméstica frente ao contexto hierárquico familiar e laboral:

Apesar de não ser nada explícito, é impossível deixar de reconhecer algumas táticas também acionadas na casa da patroa. A “força do fraco” – que combina astúcia, humor e real prestação de serviços – é um talento cultivado pela mulher tanto na sua rede familiar quanto na sua relação com os patrões. E quando funciona, como no caso de Edilene, restitui um certo poder de barganha a quem, de outra forma, pareceria o mais desprovido da hierarquia (BRITES, 2000, p.174)

O humor em contextos desfavoráveis e hierárquicos pode ser uma saída para se chegar a uma situação mais favorável. Partir de um lugar privilegiado e reinventar na prática, como nos diz De Certeau (1998). Segundo este autor, em sua perspectiva sobre o cotidiano, existem categorias diferentes que ajudam na compreensão da composição cultural da vida ordinária. Primeiramente, atentando para o invisível da análise social, o autor francês se esforça para construir um pensamento que enaltece as práticas e as ações em detrimento do indivíduo operante. Dá atenção para as operações e combinatórias de operações que se dinamizam em oposição às produções tecnocráticas e sócio- culturais dos produtores. Denomina, dentro disso, consumidores (dominados) de usuários e distingue duas categorias, a saber: *estratégias* e *táticas*. A primeira diz respeito aos detentores de algum tipo de poder que se isolam, sem visualizarem um ambiente, a fim de relacionarem-se a partir de um ambiente “próprio”. Já o modelo de ação *tático* diz respeito às operações onde o “próprio não existe”, onde o tempo é mais importante. Ações de tipo *tático* dizem respeito às astúcias dos fracos e às resistências e reinvenções dos usuários (consumidores) frente aos fortes, que podem ser os poderosos, as doenças e a violência (DE CERTEAU, 1998). Práticas cotidianas, na concepção certeuniana, do tipo *tático* (ler, escrever, circular, fazer compras, dentre outras) demonstram operações (cálculos) que não capitalizam, como no caso *estratégico*. Sendo assim, segundo De Certeau (1998):

Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição. (DE CERTEAU, 1998, p. 47).

Nos atendimentos, o humor e as piadas surgem pontualmente na prática, mas não como uma expressão ligeira. São potenciais vetores de mudança no rumo emotivo e, conseqüentemente, burocrático. Ernestina sabe usar na hora certa as suas piadas e metáforas humorísticas. Como *tática*, dita o ritmo do atendimento não somente com falas sérias e taxativas. Como nos mostra o fragmento supracitado de Brites (2000), tanto as relações com patrões quanto as relações familiares são permeadas por *táticas* criativas onde a parte aparentemente mais desprovida de uma hierarquia cria novas formas de relacionamento, onde o humor se encontra. Desta forma, percebo que nos atendimentos do sindicato, *táticas* são operacionalizadas como no trabalho na casa de outrem. O sindicato é sustentado dia a dia por trabalhadoras domésticas que nele trabalham, que a ele recorrem e por suas práticas; carrega, neste caso, forte influência dos comportamentos provenientes do cotidiano de trabalho existente nas casas dos (as) patrões (oas).



### 3.3 COLOCAÇÕES ACERCA DO CUIDADO

As funções laborais realizadas no lar, sejam remuneradas ou não, se conectam consideravelmente com o conceito de *cuidado* (*care*), com as noções existentes sob a ótica dos

afazeres e incumbências do *trabalho reprodutivo* e com as categorias oriundas do *trabalho emocional*. Para a presente reflexão antropológica, inspiro-me também em uma vida íntima, no entanto não aquela do trabalho doméstico nos lares. Saliento que existe uma vida íntima do sindicato das trabalhadoras domésticas de Pelotas, que embora sendo uma instituição, carrega com suas trabalhadoras práticas ainda desconhecidas e que não se sustentam, somente, sob perspectivas jurídicas, formais e burocráticas.

O conceito de *cuidado* é de difícil definição e tem caráter polissêmico, mas ele é tomado aqui enquanto atividade que condiz com afetos, trabalho que vai ao encontro de outrem e que carrega uma carga (TRONTO, 1997). Segundo esta autora, refletindo a definição de *cuidado*:

Como o cuidar varia com a quantidade de tempo e o tipo de esforço que um indivíduo que está cuidando pode despender e com as necessidades daqueles que precisam de cuidados, é difícil imaginar que seria possível especificar regras nos permitindo afirmar que estamos aplicando princípios morais universais. (TRONTO, 1997, p. 196).

A autora destaca a questão das particularidades do *cuidado* e chama a atenção para uma definição que corresponda às dimensões morais do mesmo na sociedade, bem como às dimensões sociais e políticas que o envolvem nas suas implicações no trabalho feminino. Desta maneira, a presente subseção não pretende fechar conceitualmente o *care*, mas sim fazer um exercício de diálogo entre algumas autoras que pensam o cuidado e as configurações laborais. Entendo e procuro ressaltar o trabalho do sindicato como dimensão laboral, não dimensionando sua configuração política em primeiro plano. As mulheres não são remuneradas, entretanto não estão subordinadas somente às ações políticas públicas. Existem discursos ocultos e realizações particulares que não se submetem aos olhos do Estado ou do público em geral (SCOTT, 1997).

Cuidado, sob o presente prisma, não se afasta das noções de trabalho reprodutivo e de trabalho doméstico, essas três dimensões da agência humana não se dão em uma postagem hierárquica. Para meu objeto, o cuidado é visto enquanto prática. Mol (2010), pensando o cuidado em relação às escolhas e moralidades existentes nas relações entre pacientes diabéticos e os cuidadores, evidencia que as lógicas desvelam-se e se dão nas práticas, além de que as ações em si são moralidades. Desse modo, se entrelaçam valores e fatos (MOL, 2010).

A divisão sexual do trabalho também configura as lógicas do cuidado, onde notabilizam-se definições que estruturam o entendimento a respeito do trabalho reprodutivo, direcionadas para valorizações não apenas balizadas pela produção e o capital (HIRATA; KERGOAT, 2007). É de suma importância salientar que tanto o serviço doméstico quanto o trabalho doméstico (não necessariamente remunerado) se enquadram na acepção *trabalho reprodutivo*,

que corresponde às tarefas de âmbito doméstico que não geram a produção dentro da lógica capitalista. São tarefas feitas, sobretudo, por mulheres em suas casas ou fora (ofício remunerado) e equivalem às tarefas de cuidado, sejam elas desferidas aos humanos ou não humano.

Historicamente, trabalhos reconhecidos como bons foram delegados aos homens e os ruins, invisíveis e com pouca remuneração, às mulheres (HIRATA; KERGOAT, 2007). No tocante a dinâmica interna do sindicato, sobretudo nos atendimentos, é considerável, dentro das práticas existentes, a atenção dada pelas sindicalistas ao bem-estar da trabalhadora doméstica. Isso se configura também no intenso aconselhamento voltado para os direitos e benefícios da política de saúde local. Um dos exemplos é o caso da trabalhadora doméstica Judite, uma mulher de trinta e poucos anos que foi ao sindicato exigir remuneração adequada às suas faltas, que ocorreram justificadamente devido a sua gravidez. Ela estava grávida, tinha uma filha de quatro anos que a acompanhava no atendimento e, além disso, seu marido estava hospitalizado devido a um acidente de moto. A conversa com Ernestina foi tensa, tendo em vista a impaciência de Judite que não aguentava mais esperar tudo ser resolvido, como ela mesma disse gritando. Este caso expressa a informalidade mesmo após as conquistas da PEC, pois assim como observado na situação da cuidadora Fabiana, a carteira de trabalho, as assinaturas contratuais, o boleto do *eSocial* ou as demais documentações exigidas pela burocracia não são levadas em conta tanto pelos dos patrões (oas) quanto por parte de diversas mulheres trabalhadoras.

Não cabem nesta pesquisa julgamentos sobre as escolhas individuais como, por exemplo, a não aproximação aos ajustes trabalhistas e jurídicos, mas Ernestina e as demais sindicalistas enfaticamente reclamam da desinformação. As diretoras sempre dizem em casos como este, onde Judite acabou quase passando mal na sala do atendimento, que o pior é buscarem ajuda só quando “*a coisa aperta*”, pois querem que tudo se resolva rápido e com as contas certíssimas, mesmo sem os documentos necessários. Este é mais um caso que mostra a desinformação e a informalidade, a despeito das recentes conquistas. Ademais, eles mostram que o labor no sindicato é marcado pelo excesso de trabalho, mesclando-se burocracias com atenções emocionais e de *cuidado*, que são inevitáveis, como refletiu Leda neste dia. Sendo assim, Judite foi inicialmente direcionada a um médico indicado por Ernestina, para que depois ela buscasse o atendimento do advogado que comparece no sindicato às segundas-feiras. Desta maneira, o *cuidado* configurou-se na interação do diálogo, bem como no acompanhamento e nas indicações de Ernestina e Leda.

A discussão marxista, que olha para os oprimidos da história, durante muitos anos não reconheceu a dimensão reprodutiva enquanto contribuição para sustentáculos do sistema capitalista. Marx, assim, eliminou as atividades reprodutivas e acabou por restringir o significado de produção (NICHOLSON, 1987). A atenção na análise marxista se dá nas trocas, nos valores provenientes do trabalho que resulta numa mercadoria (objeto material), portanto, não apontando para as atividades do cuidado de filhos, idosos e doentes, nem ao trabalho realizado na alimentação. Marx escreveu sobre sua época, preocupou-se com as questões da mudança histórica que estavam diretamente ligadas às regras do mercado e da luta de classes e não do parentesco ou da família (onde o trabalho reprodutivo operacionaliza-se). Intelectuais feministas, como a supracitada autora, apontam falhas na teoria marxista em relação ao gênero. O trabalho reprodutivo é feito quase exclusivamente, na sociedade ocidental capitalista, por mulheres, fato que impede a universalização das relações de produção (NICHOLSON, 1987). Nesta mesma concepção, o parentesco é chamado pra se integrar à análise marxista, visto que é ele que organiza, em várias sociedades, o trabalho reprodutivo (feito em casa, na vida íntima).

A dinâmica laboral do sindicato pelotense é alicerçada pela família das mulheres militantes, com ligações extremamente úteis para determinadas atividades. Desde a organização dos chás, bingos, almoços, jantares e viagens, como veremos na próxima seção, até às imprescindíveis ajudas referentes às situações de divulgação, acompanhamento de atendimentos, etc. Wine, filha de Ernestina e Miriam, afilhada da mesma que é recém diplomada em medicina, contribuem com frequência em aproximações com outras instâncias da política e da burocracia da cidade. Wine, formada recentemente em Ciência da Computação, sempre organizou convites, acompanhou os pedidos para as gráficas, tentou consertar computadores e celulares pessoais, dentre outras atividades que se tornaram basilares para o trabalho do sindicato e as relações de sociabilidade do grupo.

As relações e práticas observadas possibilitam uma discussão que articula os temas do cuidado, do trabalho reprodutivo e do trabalho doméstico em torno de acepções coincidentes. Em vista disso, conseqüentemente, se faz necessário um esforço para reforçar o entendimento do espaço constituído por relações de cuidado. Para Arlie Russell Hochschild (2003), trabalhos clássicos da sociologia não se importaram com sentimentos, muito em função do racionalismo científico que empurrava essas questões para um lugar do indivíduo e da psicologia. Em sua obra *La Mercantilización de La Vida Íntima* (2003) a intelectual feminista enfatiza a existência de um vazio em torno do cuidado, pois não concilia ideologia e prática. Neste livro, muitos problemas são abordados, principalmente os referentes às mulheres migrantes e às relações de

parentesco envolvidas, bem como às situações de afeto nas práticas do cuidado de babás em relação às crianças. A autora usa modelos baseados nos clássicos (Weber, Durkheim e Marx) para fazer uma leitura da vida íntima e uma das melhores contribuições, principalmente pra se pensar um objeto que leva em consideração cotidiano e relações laborais, é a parte intitulada *Amor y Oro*, onde o pensamento marxista demarca as reflexões.

Hocchschild (2003) diz existir na vida íntima das babás que se relacionam com amor perante as crianças de seus patrões (as) um fetichismo que acaba por tornar essa relação exclusiva, privada, sem contextualização, assim como ocorre com as mercadorias, com o fetiche se dando quando percebemos os objetos independentemente de seu contexto e de sua história. Assim sendo, é possível transportar esse “fetichismo da vida íntima” ou “fetichismo das relações de cuidado” para a presente etnografia. Assim como Hocchschild usa o modelo marxista para pensar esse fetichismo e as opressões e coerções dos países do “primeiro mundo” para com os do “terceiro mundo”, posso pensar meu campo em torno de um discernimento que procurou esclarecer as situações de trabalho, as negociações e as emoções das trabalhadoras domésticas sindicalistas de Pelotas frente a outras mulheres.

É possível pensarmos as relações de trabalho que são em última instância os fios condutores para a busca de apoio sindical, veladas pelo cotidiano da vida íntima, como fetiche e como reflexo de interações realizadas por quem detém o capital (patrão) e quem vende sua força de trabalho (trabalhadora doméstica). Evidentemente isso não pretende demonizar essas relações, mas sim aumentar o campo de visão que aponta para as emoções imbricadas no dia a dia do sindicato. É de suma importância buscar um entendimento que saliente as motivações cotidianas em relações com patrões (oas), para além de contratos ou preocupações salariais. O trabalho sendo realizado em um lar desconhecido pode fazer com que o contexto onde se produzem os afetos e as emoções não seja levado em conta e assim como a mercadoria, o trabalho doméstico (trabalho de cuidado) pode adquirir uma forma estranha e fantasmagórica que se dilui nas trocas que dão sentido valorativo econômico (HOCCHSCHILD, 2003). Este fetichismo causa desinformação, pois como a etnografia aponta, a maioria dos casos tensionados por falta de documentos ou por incertezas em relação às condições de contrato não levam consigo a voz do patrão para esclarecer o lado da trabalhadora. Em geral, a voz patronal segue lado a lado com a desinformação da trabalhadora doméstica e a atuação das militantes tenta reverter este quadro e produzindo transformações. Como disse Ernestina em um caso de atendimento complicado:

Existe sempre a culpa do patrão ou patroa nesses casos. Da doméstica também, mas por que não acompanha a situação, como alguns fazem? A doméstica não aparece

pra contribuir na luta nunca, não contribui, só vem quando aperta. Olha, tu viu aquele dia, tinha quase ninguém de trabalhadora no chá que o sindicato promoveu (Trecho de diário de campo).

O cuidado está se reestruturando em muitos sentidos e por motivos diversos, em espaços diferentes, a saber: família, mercado, Estado e o setor da economia social (SOLÍS, 2009). A identidade feminina está intrinsecamente ligada aos ofícios do cuidado, porém a mulher também cuida de si, sem que a proteção legal esteja próxima (SOLÍS, 2009).

Os atendimentos, como se vê nas descrições, se configuram como principal atividade do sindicato. Eles acontecem em relação ao público da região, porém também nos mostram a força da relação existente entre diretoras e seus familiares que tornam possível o próprio funcionamento e o que denominei labor da vida íntima do sindicato.

### 3.4 A ESFERA ÍNTIMA DO SINDICATO

A dinâmica interna do sindicato, para além dos atendimentos, é impregnada por interações que visam a organização física e burocrática por parte das componentes do grupo. A principal atividade se dá em torno das mulheres que buscam auxílio burocrático e jurídico (e a dimensão do cuidado). Além disso, estas mulheres comunicam-se diariamente, seja nos dias de trabalho do sindicato ou via o aplicativo de mensagens para celular Whatsapp, com intenções mais restritas apontadas para construções de eventos, de cunho político ou de lazer, que contornam os principais propósitos do grupo de trabalho. Por conseguinte, compreendo duas esferas que fazem parte das interações: uma diz respeito àquelas estabelecidas nos atendimentos e outra relacionada a um grupo composto pelas interlocutoras da pesquisa. As linhas subsequentes salientam esta segunda esfera, onde as práticas cotidianas desabrocham no ambiente íntimo do sindicato. Ambiente que organiza e sustenta a autonomia do grupo.

#### 3.4.1 Diálogos, materiais gráficos e aprendizagem

Existem diferenças e semelhanças, como vimos no capítulo II, entre as histórias de vida das quatro mulheres sindicalistas. São indivíduos que demonstram bagagens distintas nos comportamentos expressados em práticas cotidianas de trabalho no sindicato. A diferença mais clara que foi observada é entre a trajetória de Ernestina em comparação com a de Leda, Cláudia e Terezinha. Esta primeira desenvolveu uma enorme capacidade de articulação política e instrumental para agir tanto nas manifestações discursivas quanto no aparato mais técnico do sindicato. Um exemplo disso é a realização das rescisões que ficam sob a responsabilidade de

Ernestina. É neste ponto que faço uma reflexão, partindo da interação entre ela e as demais diretoras, onde a partir das práticas é possível a visualização dos dados materiais e imateriais produzidos por elas. Ainda, torna-se interessante perceber como se dá a aprendizagem neste contexto. Enfatizo os panfletos, cartilhas e demais materiais gráficos impressos e seus efeitos ocultos, aqueles que não estão direcionados diretamente aos atos políticos de disseminação e comunicação já conhecidos, como propagandas políticas em manifestações de rua. Os materiais gráficos impressos apresentam-se como via para o esclarecimento e aprendizagem das diretoras e das trabalhadoras domésticas não ligadas aos círculos militantes. Mostram-se como facilitadores e tradutores de assuntos mais amplos e complexos do campo das leis trabalhistas e da condição da trabalhadora doméstica no Brasil.

Em todos os expedientes as quatro militantes conversam entre si, antes, durante e depois dos atendimentos. Em muitos casos, as conversas surgem desde Ernestina. Com seu histórico de lutas e com seu conhecimento vasto sobre ação sindical e sobre os direitos e condições do trabalho doméstico, ela constantemente esforça-se para ajudar e facilitar interpretações das demais trabalhadoras. Isto não quer dizer as outras mulheres não tenham capacidade interpretativa adequada. O fato é que esta liderança, sabendo do importante papel e da capacidade das diretoras na atuação do grupo perante a categoria que necessita de auxílio sindical, mostra-se sempre disposta a ensinar e comunicar as sinuosidades contidas nas mudanças de lei e nas inconstâncias políticas da atual conjuntura brasileira. Desta maneira, os diálogos se entrecruzam com a comunicação via panfletos, cartilhas e outros impressos que contém informações relevantes para a construção da luta das trabalhadoras domésticas e da classe trabalhadora como um todo.

Leda, Terezinha e Cláudia, devido às histórias de vida diferentes, não tem a mesma destreza de Ernestina, algo absolutamente normal, já que esta última se mantém há anos como liderança e militante com um alto grau de conhecimento político, destoando assim de vários indivíduos, inclusive de movimentos sociais. É por isso que ela se sente encorajada e compromissada a, como disse várias vezes ao longo da pesquisa, “encher o saco”, “cutucar” e “puxar a orelha” das outras mulheres. Ela tem consciência de sua formação diferente e faz disso um canal para ensinar as outras. Utiliza-se de mecanismos que a ajudaram a ter consciência de classe e raça, bem como de artefatos que fazem fluir, na prática, uma mais acessível interpretação de códigos que são restritos, por exemplo, aos assuntos jurídicos e políticos. Sendo assim, a aprendizagem destas mulheres, incluindo Ernestina, se dá na prática. Em muitos momentos é no ato mesmo dos atendimentos que os diálogos para entender leis ou direitos

salariais se dão. Diálogos que geralmente são acompanhados pelos materiais gráficos que o sindicato produz ou recebe.

O elemento mais utilizado nestas interações é um pequeno panfleto, produzido pelo próprio sindicato, oriundo das mudanças da PEC e referente às adequações regionais dos direitos trabalhistas das trabalhadoras domésticas<sup>33</sup>. A imagem a seguir mostra a simplicidade do pequeno material impresso que é guia e importante suporte para dúvidas que frequentemente emergem nos atendimentos e reuniões.

Figura 1- Folheto confeccionado pelo sindicato.

Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas-RS	
Tabela para Domésticos - RS 2017	
Salário Regional	R\$ 1.175,07
8% INSS	R\$ 94,01
6% Vales Transporte	R\$ 70,50
Total de Descontos 14%	R\$ 164,51
8% INSS parte do patrão	R\$ 94,01
8% FGTS	R\$ 94,01
Líquido Mensal	R\$ 1.010,56
Valor do Dia	R\$ 39,17
Valor da Hora Comum	R\$ 5,34
Valor da Hora Extra c/ 50%	R\$ 8,01
Valor da Hora Extra 100%	R\$ 10,68
Valor da Hora + adicional Noturno	R\$ 6,41
Valor da Hora Comum em Viagens	R\$ 6,68
Abono família (salário até R\$ 806,80 )	R\$ 41,37
Abono família (salário de R\$ 806,80 até R\$ 1.212,64 )	R\$ 29,16

O salário regional é para uma jornada máxima de 44 horas semanais.  
O abono família é pago por cada filho menores de 14 anos, ou inválidos de qualquer idade.

Fonte: Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas.

Muitas ideias foram proliferadas pela panfletagem em diferentes países e os panfletos tiveram intensa influência na política ao longo da história, especialmente no acidente. Esta forma de comunicação tornou-se comum em contextos burgueses, religiosos e proletários. Sobretudo em embates e atos políticos, como também em ações sindicais. Nações como França e Holanda, no século XVI, utilizaram panfletagem em guerras religiosas e em outros conflitos.

<sup>33</sup> Neste caso, foram impressas inúmeras unidades em uma gráfica de Pelotas- RS. O sindicato possui impressora, mas somente para efetuar xerox.

Assim, o poder político foi disputado através da comunicação oral, escrita e por imagens (LAIGNIER; FORTES, 2009). Em períodos distintos da história, com mudanças comunicacionais significativas provenientes da imprensa, por exemplo, panfletos, cartazes, formulários e jornais tiveram substancial função de propaganda e de transmissão de ideais políticos. No período da reforma protestante, primeiramente na Alemanha, ataques à Igreja Católica eram feitos através de panfletos. Também, disputas políticas entre monarquistas e parlamentaristas britânicos tiveram grande difusão de panfletos para exporem seus pontos de vista dissimilares na metade do século XVII (BRIGGS; BURKE, 2006).

O movimento sindical e a esquerda brasileira utilizaram-se e ainda utilizam-se desse tipo de prática. A CUT quase que mensalmente envia pelos correios cartilhas, livros e panfletos para o sindicato de Pelotas e a diretoria usam este material para distribuição na sede e em manifestações públicas. O sindicato, dentre suas várias atuações e articulações, notabiliza-se tanto pelas atividades externas quanto internas. Neste ponto, as impressões gráficas despontam, dentro da compreensão das práticas cotidianas de resistência que a presente pesquisa expõe, como principal fonte de propagação de ideais políticos e como agenciador essencial para a aprendizagem das diretoras sindicais e de mulheres que colhem frutos dos atendimentos. Panfletos, cartilhas e pequenos livros, oriundos de articulações sindicais e de redes de sociabilidade e militância, constroem potenciais narrativas acerca da configuração política atual e da história do movimento das trabalhadoras domésticas.

O aparato gráfico impresso conduz a interação entre as diretoras, assim como entre as mulheres atendidas e o pesquisador. O discurso da FENATRAD, da CUT, de grupos do PT, de pares políticos, como também de redes de apoio feministas, conduzem as narrativas dos panfletos, cartilhas e livros que as diretoras sindicais usam cotidianamente, não apenas nas divulgações públicas. Com demasiada atuação nos diálogos, os materiais gráficos buscam ensinar, sejam eles compostos por conteúdos que abarcam um cenário extensivo da atual conjuntura política, ou por perspectivas atreladas às especificidades do trabalho feminino e do serviço doméstico.

Aqui, reporto-me a Ingold (2010) para elucidar a questão da aprendizagem, as experiências de transmissão e os modos de conhecer. Para o antropólogo escocês, no íntimo de uma crítica aos pensadores das ciências cognitivas e biológicas que ancoram-se na concepção dicotômica existente entre capacidades inatas e competências adquiridas, existe uma relação prática no âmbito dos iniciantes e do ambiente. Este autor estava interessado em como as gerações contribuíam para a próxima, não concordando, assim, com a concepção de acúmulo de representações. Não se prende a ideia de um plano pré-determinado a ser preenchido pelo

praticante. Por outro lado, dá ênfase a não separação entre mente e corpo, ao conhecimento no campo da prática, onde a consciência do ser- no- mundo desabrocha (INGOLD, 2010).

Deste modo, focando na relação empírica evocada pelas mulheres sindicalistas e os materiais gráficos, principalmente entre Ernestina e as demais diretoras, esta liderança e o pesquisador e entre ela e as mulheres recebidas no sindicato, reflito acerca do que nos diz Ingold para pensar sobre a prática e o ensinamento percebido em campo. Para ele, o iniciante no ato de copiar algo de alguém que possui destreza nos atos, não reproduz, mas sim segue outras ações. Segundo o autor:

O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de mostrar. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo. Aqui, o papel do tutor é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma ‘educação da atenção’. (INGOLD, 2010, p. 21)

Ernestina, em praticamente todas as situações, mostra os papéis, panfletos e cartilhas. Aponta constantemente eles como mantenedores de alguma forma de conhecer melhor os direitos ou a história do movimento. No tocante às minhas interações no sindicato, quando perguntava sobre a história do mesmo, diversas vezes me explicaram mostrando cartilhas da FENATRAD. Na relação entre as diretoras nos atendimentos, o material impresso onde consta o salário regional constantemente é acionado, tanto entre as sindicalistas quanto entre diretoria e trabalhadoras não militantes. Seja sobre o assunto da militância ou trabalho burocrático e jurídico o ato de mostrar e entregar os materiais gráficos propicia o compartilhamento de conhecimento.

A cognição, nestes moldes, e seguindo Ingold (2010), se dá em tempo real e as ações não dizem respeito a representações fixadas anteriormente. Resolver problemas, neste contexto, se dá sem o afastamento das ações reais corporificadas. Nesta perspectiva teórica, é importante pontuar como a antropologia de Ingold é influenciada por acepções e percepções singulares. O antropólogo nos apresenta um pensamento não sustentado nas construções dicotômicas existentes entre corpo e mente e entre natureza e cultura. Expressa o acoplamento da carne e do espírito para construir aquilo que concebe como antropologia; uma ciência dos fluxos vitais, onde a agência não é percebida através de fertilização somente do pensamento (INGOLD, 2015). A “fenomenologia da percepção” de Merleau-Ponty (1996) foi uma das vertentes filosóficas que influenciaram e enriqueceram o pensamento de Ingold. Segundo o filósofo francês o mundo já está posto antes da reflexão e a ciência seria condizente com uma

experiência de segundo plano, uma explicação do vivido. O que a fenomenologia propõe, neste quadro, é uma quebra do pensamento cartesiano que faz ser necessário o desligamento do pensamento em relação ao mundo.

Para estes autores a certeza não provém do pensamento e o que define a existência de um sujeito não é a dimensão reflexiva da consciência. Sendo assim, um método de redução fenomenológico, onde se tem a pretensão de descrição direta da experiência, é apropriado para dar conta da experiência desprendida de gêneses psicológicas ou causais (MERLEAU-PONTY, 1996).

### **3.4.2 Narrativas das impressões gráficas**

Os materiais gráficos a serem mostrados, aqui, pretendem erigir uma narrativa que estimula a polifonia do texto etnográfico. Nos diversos atendimentos, nas reuniões e confraternizações que participei, dúvidas minhas e de todos os presentes passaram pelo modo de compartilhamento, esclarecimento e divulgação dos panfletos, cartilhas, folhetos, etc. Por isso, acredito que uma disposição de visualidades que fazem parte de fluxos de aprendizagens, neste momento, aprimora a análise antropológica, fazendo com que a história do sindicato e os anseios do grupo de mulheres militantes sejam contados adequadamente enquanto práticas cotidianas de resistência. Os materiais serão colocados entre o texto escrito com o propósito de serem interpretados pelo leitor. Dizem respeito aos diálogos que presenciei e exprimem realidades e aspectos imaginativos das diretoras.

As primeiras cinco figuras que apresento a seguir dizem respeito aos eventos de cunho militante que Ernestina e as demais sindicalistas, normalmente, participam em Pelotas e em outras cidades. Como pode-se ver, são panfletos que divulgam ações políticas da CUT, central sindical que o sindicato faz parte, bem como ressaltam discursos comuns aos diversos impulsos de oposição ao governo de Michel Temer, notadamente criticado pela classe trabalhadora. A reforma trabalhista e a reforma da previdência, projetados pela conjuntura do governo Temer, são recorrentemente pautas de discussões políticas dentro do sindicato.

Em diálogos onde apareceram assuntos sobre a questão do trabalho no Brasil esses materiais gráficos conduziram o fluxo de aprendizagem, como discutido anteriormente. Ernestina sempre se colocou como fonte catalisadora dos esclarecimentos provenientes de dúvidas emergidas nas conversações entre todos os presentes no sindicato. Dúvidas estas, que surgiram nos atendimentos, pois as diretoras, sobretudo a liderança, tentam esclarecer e estimular as trabalhadoras domésticas visitantes para que militem em prol dos direitos

trabalhistas, não só no campo do serviço doméstico. Ainda, panfletos desse tipo, sempre foram dados para mim, através das mãos das sindicalistas, para que eu estivesse a par dos movimentos políticos que elas participam. Também, sempre foram os materiais gráficos que conduziram respostas dadas por elas em relação às minhas perguntas informais sobre a relação do sindicato com a dinâmica atual centrada nos atos em oposição ao vigente governo federal.

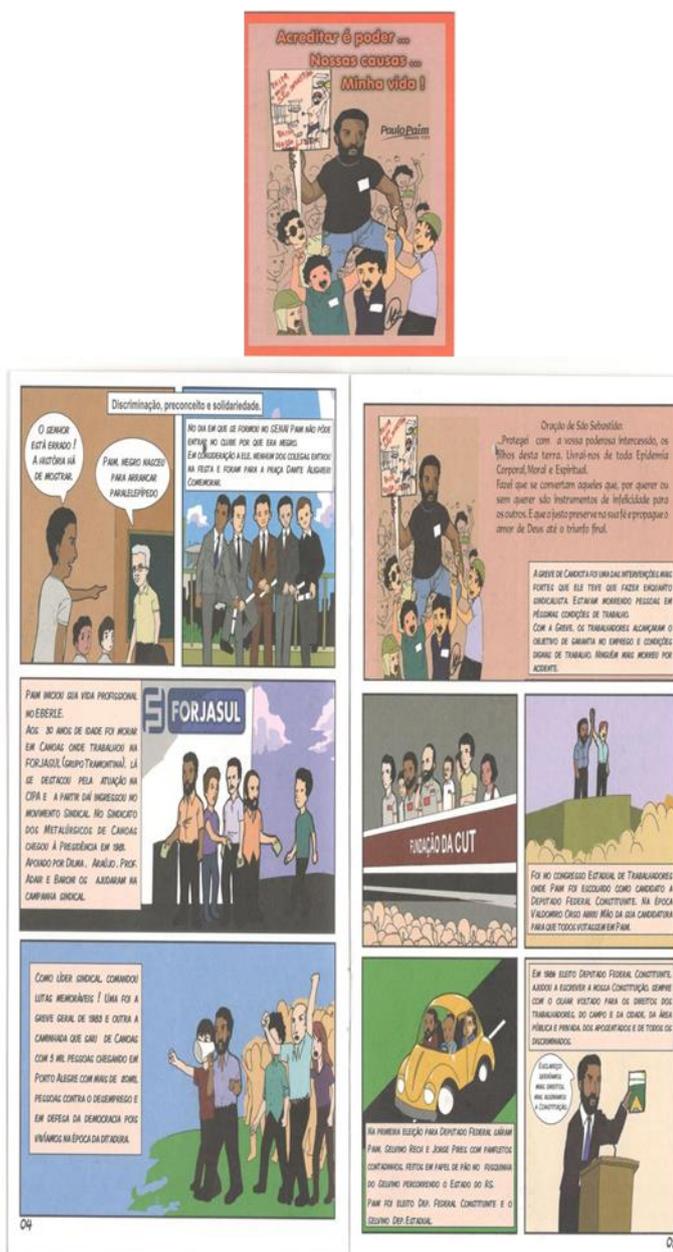
Deste modo, estes primeiros cinco impressos respondem aos questionamentos do pesquisador, das domésticas sindicalistas e das não militantes sobre inquietações sobre a conjuntura política atual. Narram, assim, as atuais circunstâncias na qual estão inseridas no debate político sobre trabalho e direitos da classe trabalhadora. Este é o discurso mais geral onde se desenvolvem as falas que são expressas nos panfletos e cartilhas. Nos atendimentos ou reuniões entre as militantes, esclarecem as dúvidas ao mesmo tempo em que propulsionam o embate político que, segundo elas, é essencial para se atingir a consciência de mulher periférica e trabalhadora. Tais panfletos e cartilhas também tem papel de divulgação, principalmente em protestos e atos urbanos na rua, mas aqui serão ordenados conforme a dinâmica interna do sindicato, apresentando-se como vozes das militantes.

Figura 2 - Cartilha da CUT.



Fonte: Fonte: Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas.

Figura 3- Livreto do Senador Paulo Paim.



Fonte: Sindicato da Trabalhadoras Domésticas de Pelotas.

O Senador petista Paulo Paim é um dos políticos mais mencionados e que, como diz Ernestina, está do lado das trabalhadoras domésticas. Aqui, uma parte de um pequeno livreto contando a história de vida do parlamentar gaúcho, salienta também o discurso progressista das militantes de Pelotas. As vozes das diretoras sindicais ancoram-se, dentre outras coisas, nas atuações de políticos como Lula e Paim. Em alguns atendimentos, pude presenciar a recorrente

atenção dada por Ernestina para que as trabalhadoras atendidas conhecessem atividades da CUT e de determinados políticos como Paim.

As imagens e os textos subsequentes, enquadrados nas configurações específicas de cada tipo de material gráfico, condizem com singularidades do serviço doméstico e da luta sindical desta categoria. São panfletos e outros materiais que sempre são repassados às mulheres atendidas, pois ressaltam o papel dos sindicatos nas conquistas recentes e apresentam as atribuições do trabalho sindical para a categoria laboral. Foram transmitidos em situações diversas de atendimento, sempre buscando a divulgação da FENATRAD, das parcerias políticas e respondendo perguntas sobre questões mais específicas, a saber: questionamentos referentes aos direitos provindos da PEC das domésticas, como salário, descansos, férias, etc.

Os impressos colocados na sequência provêm da FENATRAD, de parcerias com ONGs, e com a CUT. Além disso, outros são diretamente construídos pelo sindicato pelotense. A voz da militante, neste ponto, preocupa-se com a desinformação de quem busca o atendimento. Panfletos e cartilhas como essas canalizaram quase todas as interações entre diretoras e demais trabalhadoras nas ações dos atendimentos, pois didaticamente contam a história do movimento e ressaltam os direitos que todas as trabalhadoras domésticas brasileiras têm perante a lei. Recorrentemente recebi esses materiais quando perguntei sobre as mudanças recentes, sobre as reuniões e conversas com outros sindicatos, sobre determinado congresso ou seminário que participaram, etc.

Essas imagens e textos em conjunto servem como condutores didáticos que ensinam na prática a história do movimento, da federação nacional, da CUT e de políticos e ONGs que são parcerias. Possibilitam a simplificação das interpretações necessárias para se entender as responsabilidades do sindicato, bem como as prerrogativas que dizem respeito às relações laborais da trabalhadora doméstica. São esforços didáticos do fluxo de aprendizagem das interações do ambiente interno da sede de Pelotas e que reverberam enquanto iniciativas êmicas da resistência política e laboral cotidiana.

Figura 4 - Redes de apoio.



### Alertas

- Não trabalhe sem registro em carteira;
- Exija do empregador, um comprovante de salário, cópias do recibo.
- Quando faltar para ir ao médico, peça um atestado;
- O salário que você recebe deve constar na carteira de trabalho. No recolhimento do INSS, você contribui com 8% e o empregador com 12%.
- Peça sempre para ver se o recolhimento está sendo feito;
- O carnê quitado deve ficar com você. Este será exigido pelo INSS para o requerimento de benefício (auxílio-doença, licença-gestante, aposentadoria...).
- Em caso de demissão, o empregador, ou o trabalhador, deve ser avisado com 30 dias de antecedência, mais 3 dias por ano, se o trabalhador estiver há mais de 2 anos no emprego, não ultrapassando 90 dias.
- Você tem direito a folga, ou receber em dobro, em todos os feriados civis e religiosos.
- Licença maternidade de 120 dias, e estabilidade a gestante.
- Você tem direito a 3 dias de folga por casamento e 2 dias por falecimento de parentes de primeiro grau.
- Nunca assine recibo, nem folhas sem nada escrito.
- Você tem direito a todos os vales transportes que você necessitar para o deslocamento trabalho-casa, casa-trabalho.
- O empregador pode descontar um dia por ano para a contribuição sindical.
- Não aceite desconto por acidentes no trabalho (quebrar objetos...).
- Previna-se, exija materiais de proteção quando necessários, luvas, botas e máscaras.
- É obrigatória a assinatura da carteira de trabalho, o descumprimento acarretará multa ao empregador, segundo a lei 12.964/2014.

### Nossa luta deve ser ampliada para ratificação da Convenção 189 e a Recomendação 101 da OIT !!!

A Conferência Internacional do Trabalho da OIT (Organização Internacional do Trabalho) adotou em 16 de junho de 2011, a Convenção nº 189 e a Recomendação nº 201 sobre as trabalhadoras domésticas, que estabelecem direitos e princípios básicos para a categoria, e exigem que os Estados tomem uma série de medidas com a finalidade tornar o trabalho decente uma realidade para as trabalhadoras e trabalhadores domésticos. Quando um país ratifica uma Convenção, seu governo assume um compromisso formal de implementar todas as obrigações nela estabelecidas. Para que uma Convenção seja ratificada, é necessário que o Executivo envie ao Parlamento um Projeto de Lei. Uma vez que o Senado e a Câmara de Deputados o tenham aprovado, a convenção é ratificada e o país tem obrigação de implementá-la.

### Atividades do Sindicato

Realizamos várias atividades: cursos de formação sindical, mobilizações nacionais, estaduais e municipais, rearticulação do sindicato, ato do dia dos trabalhadores junto com outros sindicatos e centrais sindicais e diversos movimentos sociais, confraternizações pelo dia das trabalhadoras domésticas, congressos, seminários nas diversas esferas, tanto no município, estado, nacional e regional.

### Histórico da Luta

A luta pelos direitos trabalhistas e reconhecimento dos trabalhadores domésticos no Brasil iniciou na década de 1930. Em 1936, Laudelina de Campos Mello, trabalhadora doméstica, começa sua jornada árdua frente a luta, com a fundação da primeira associação das trabalhadoras domésticas do país. A categoria passou a crescer e ganhar força com o apoio da Igreja Católica em 1960, quando começou a criar novas associações e grupos de apoio a classe.

Em 1972, as trabalhadoras domésticas conquistaram a primeira lei que garantiu o direito de terem carteira assinada, 20 dias de férias e contribuição à previdência social. Mais tarde, em 1988, a Constituição Federal garantiu mais direitos a categoria doméstica, como 13º salário, folgas aos domingos. Só em 2008, a categoria conquista o decreto que proíbe o trabalho para menores de 18 anos.

No primeiro semestre de 2013, com a aprovação da Emenda Constitucional 72/2013, a categoria conquistou o direito de serem reconhecidas como tantas outras classes trabalhistas que já tem seus direitos garantidos por lei. Isso só foi possível porque mulheres como Laudelina e tantas outras mulheres não silenciaram, mas foram vozes ativas e enfrentaram o preconceito, discriminação e o racismo, na luta a favor de milhares de mulheres e homens trabalhadores domésticos de todo Brasil.

Figura 5 - Datas e ícones importantes.



Fundado em 17 de Junho de 1989

*25 anos de  
Luta e resistência*

Filiado a





Atendimento a Categoria  
Segundas, Quartas e Sextas, das 14h as 17h  
Rua Santa Cruz, nº 2454ª - Centro - Pelotas-RS  
Telefone: (53) 30252690  
E-mail: sindomesticars@gmail.com

Defensoria Pública	(53) 3279-4999
Delegacia da Mulher	(53) 3225-6888
Conselho Tutelar	(53) 3227-5613
Assistência Social CREAS	(53) 3279-4713
Assistência Social CRAS	(53) 3228-9115
Conselho da Mulher	(53) 3227-5613
Conselho da Criança e do Adolescente	(53) 3227-2390
Foro Trabalhista	(53) 3310-8200
Ministério Público	(53) 32793555- 6079
Câmara de Vereadores de Pelotas	(53) 3026-1001
OAB - Pelotas	(53) 3222-3218
INSS	135
Justiça Federal	(53) 3284-6901
Ministério Público do Trabalho	(53) 3260-2950
Conselho Municipal de Saúde	(53)3227-6555

*Jolanda Prestes da Rosa*

Foi fundadora e presidenta da Associação Pelotense das Empregadas Domésticas(1978) e do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas-RS(1989).



Obrigado pela sua luta!

Apoio




## Aniversário

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOMÉSTICOS DE PELOTAS - RS



# 28 ANOS DE RESISTÊNCIA



17/06/2017

Fonte: Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas.



anseios de comunicação e de formação das militantes perante as interações com as (os) outros (os). A partir das dinâmicas de atendimentos e reuniões do sindicato percebi a importância da utilização dos materiais gráficos que, por sua vez, são dotados de ludicidade para a aprendizagem interna e para as tentativas de formação política com as mulheres não militantes. Como veremos na próxima subseção, outros espaços da vida dessas mulheres ligam-se ao lúdico.

### 3.5 CONFRATERNIZAÇÕES DO SINDICATO- ARRANJOS DESDE A SOCIABILIDADE E A FAMÍLIA

Esta seção orienta-se para a compreensão das práticas de composição de eventos organizados pelo sindicato e para a dinâmica dos mesmos. Busca-se evidenciar como se dão os arranjos criativos, oriundos da militância e da sociabilidade, que estão presentes nas confraternizações e outros acontecimentos. Sendo assim, as próximas linhas ressaltarão, por meio de descrições e algumas imagens, encontros com propósitos lúdicos e militantes que mostram uma parte ensombrada das práticas cotidianas de resistência dessas mulheres.

A organização de todos os eventos passou por reuniões internas realizadas por Ernestina, Leda, Terezinha e Cláudia. Muitas vezes, Wine (filha de Ernestina) e Miriam (amiga de todas as mulheres e afilhada de Ernestina) também estavam presentes. As interações feitas via Whatsapp sempre serviram para a construção de confraternizações e outras atividades. No grupo chamado *RÁDIO DOMÉSTICAS* participam nove membros: as seis mulheres supracitadas, duas associadas ao sindicato e eu. Estas duas últimas, pelo menos desde que entrei no grupo, nunca se manifestaram e somente uma compareceu a um jantar no começo de 2017. Fui adicionado ao grupo por Ernestina aproximadamente um mês depois da minha primeira interação com o sindicato. Acontecimento este que me ajudou muito no conhecimento, mesmo quando estava em Santa Maria, de algumas notícias do sindicato e das interlocutoras. O grupo de interação virtual é muito importante e restringe-se aos informes básicos do sindicato, como, por exemplo, informações sobre quem estará presente na sede ou em determinado evento, ou viajará para uma determinada localidade para participar de reuniões, congressos, etc. O grupo do Whatsapp, também, se mostrou como via substancial para organização de eventos e assuntos pessoais não são permitidos. Vídeos com teor humorístico ou religioso não são bem vistos por

alguns membros, como ouvi em uma conversa no sindicato<sup>34</sup>. Em síntese, o grupo *RÁDIO DOMÉSTICAS* serve para notícias internas e para agendamentos e organizações das diretoras e das outras duas familiares. As organizações de eventos ocorrem através reuniões, principalmente às quartas-feiras quando Cláudia está presente, e pelo grupo do Whatsapp.

Eu compareci a cinco eventos organizados e com participação central das interlocutoras, a saber: almoço de final de ano/natal no final de 2016<sup>35</sup>, confraternização do aniversário de 27 anos do sindicato, chá de comemoração pelo dia da trabalhadora doméstica no Brasil, o aniversário de Ernestina e a formatura da sua filha Wine.

Os três primeiros acontecimentos elencados acima foram interpretados por mim como muito similares serão concomitantemente descritos. As essas três dinâmicas de encontros festivos, mesmo referentes a datas específicas, procuraram reunir pessoas próximas ao sindicato. Foram convidadas mulheres associadas ao sindicato, mulheres atendidas não sindicalistas, homens e mulheres de movimentos sociais da cidade, pesquisadores conhecidos do grupo e familiares.

Na data de 17/06/2017, no período da noite, ocorreu a festa de aniversário do sindicato. Ela aconteceu no salão do trabalhador, espaço destinado a diversas festividades e solenidades ligadas aos sindicatos que ocupam o mesmo prédio no centro de Pelotas (a “Casa do Trabalhador”). A organização foi feita meses antes, com confecções de muitos convites e divulgação intensa nos expedientes de trabalho na sede. Ernestina, Leda, Terezinha e Cláudia contaram com a ajuda de Wine e Miriam, sempre presentes em ações militantes ou de lazer do grupo. A festa contou com um jantar preparado por trabalhadoras domésticas associadas e propiciou pequena arrecadação através da venda dos convites a dez reais e da venda de bebidas. Além disso, o jantar dançante foi embalado por uma banda de samba liderada pelo irmão mais velho de Ernestina. Vinte e poucas pessoas se fizeram presentes no jantar. As trabalhadoras e seus familiares compartilharam o espaço comigo, com mais uma pesquisadora da UFPEL e com um casal de amigos desta última.

---

<sup>34</sup> Como me disse Ernestina, o Facebook é o melhor local para questões e imagens pessoais. Porém, no caso específico da referida interlocutora, é muito difícil visualizar diferenças entre questões pessoais e familiares de assuntos formais ou políticos. Ernestina faz um uso intenso do Facebook para a militância.

<sup>35</sup> Como já aludido no capítulo I, este evento se deu antes de minha viagem à Pelotas em 2017. Assim sendo, o menciono rapidamente, pois aproxima-se muito dos outros episódios ocorridos no ano de 2017, quando já havia começado a observação participante na sede sindical.



Na entrada do salão, Leda recebeu os convidados em uma mesa repleta de panfletos. Estava ali para arrecadar o dinheiro da entrada, para vender as fichas das bebidas e para informar sobre um abaixo assinado referente aos trabalhadores do Porto de Rio Grande que estavam com problemas trabalhistas. Tanto no almoço de 2016 como neste dia, o lazer foi permeado por práticas políticas militantes. Em 2016 um documentário da ONG feminista Themis foi transmitido logo após o almoço, sendo seguido por uma roda de conversa. No aniversário, além da panfletagem, comunicação habitual, como já foi exposto acima, Ernestina fez um discurso de agradecimento aos convidados e enfatizou o fato de mais uma vez poucas mulheres trabalhadoras domésticas terem comparecido. De fato, sem contar os familiares, os amigos (quatro estudantes contando comigo) e os membros da banda, menos de dez trabalhadoras domésticas compareceram. Segundo a presidenta, como reforçou em várias situações, a pouca participação sucede-se tanto no labor burocrático como nas confraternizações. O evento lúdico, segundo ela, poderia impulsionar interações entre as trabalhadoras que não conhecem o sindicato e suas possibilidades de auxílio e parceria militante por consolidação de direitos.

No almoço de 2016, neste jantar dançante, bem como nas outras ocasiões da observação participante, a família alicerçou a dinâmica dos encontros. A banda do irmão de Ernestina embalou a noite. O namorado de sua filha organizou a entrega de bebidas. Wine e Miriam, anteriormente, confeccionaram os convites do jantar dançante e contribuíram no dia com a organização geral. Neste contexto, Nelson é, também, figura importante. Ele é companheiro de Terezinha e há muitos anos participa e ajuda na organização de eventos do sindicato.



No aniversário de Ernestina, que foi comemorado na cozinha da sede sindical, a presença familiar mais uma vez centralizou-se no grupo. Neste evento, além das quatro militantes, compareceram Wine, Miriam, o irmão mais novo da liderança sindical e eu. Foi um encontro bem simples, comemos e bebemos refrigerante na cozinha, conversamos sobre variados assuntos, sempre com o discurso afiado politicamente e bem humorado de Ernestina. Dentro destas interações, o irmão de Ernestina, que trabalha em um posto de combustíveis, acabou agendando um serviço para ser prestado ao sindicato. Mais uma vez um familiar somando-se aos movimentos do grupo. Uma semana depois, este homem arrumou o teto do sindicato que já estava há muitos anos com buracos e problemas de infiltração.

Depreende-se, dentro do âmbito das confraternizações, que a sociabilidade e as relações familiares das diretoras manifestam-se como sustentáculos nas constituições organizativas do sindicato. Sociabilidade, família e afeto, no contexto de práticas de resistências, reveladas no trabalho dos atendimentos e nas outras práticas militantes externas, formam a tríade inventiva do cotidiano das mulheres sindicalistas. O esmero burocrático dos atendimentos também é permeado pela ajuda familiar e por afetos, porém tornaram-se mais evidentes nas confraternizações, onde sociabilidade e militância não se distinguem no campo da prática.

Sob o ângulo conceitual de Simmel (1983), sociabilidade, a partir de sua sociologia formal, enquadra-se como força imprescindível para o socialmente construído:

Aqui, “sociedade” propriamente dita é estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses matérias ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL, 1983, p. 168).

Para o autor, sociabilidade é uma forma lúdica de *sociação*, onde podemos visualizar uma vida simbólica abundante. Neste quadro teórico, sociabilidade gera unicidade, pois *sociação* diz respeito, considerando-se interesses individuais, aos modos de interação social que erigem a sociedade. Modos que podem ser conflitivos e subalternos, não sendo atrelados somente aos interesses de reciprocidade (SIMMEL, 1983).

No grupo que gira em torno do sindicato as relações de sociabilidade se configuram, entendendo-as como dinâmica lúdica, principalmente nas confraternizações e nas reuniões onde diálogos são permeados por conversações formais e informais. Nos atendimentos e reuniões ocorridas na sede sindical, como já mencionado, formalidades e situações emocionalmente preocupantes são acompanhadas por falas lúdicas, com forte influência jocosa. Nas

confraternizações, feitas com fins agregativos e aparentemente desprendidas de condutas formalizadas das relações deliberativas do grupo, as práticas de sociabilidade também contam com interações mais regradas e mais “sérias”. Sociabilidade e práticas militantes não se distanciam mesmo em eventos como uma formatura ou um aniversário. As interações das trabalhadoras domésticas pelotenses se dão por práticas de sociabilidade deste tipo e, nas confraternizações, eclodem conforme as especificidades dos ajustes interacionais. Como escreveu José Alcântara Junior, em artigo sobre sociabilidade em Simmel:

Qualquer que seja o motivo acionado pela interação, ela desencadeia redes de reciprocidade, expressas nas formas sociais, delas derivando ou criando, vamos dizer assim, as associações, que se projetariam sobre o solo social. Portanto, os modos de vida são os veículos diretivos das interações sociais. A sociabilidade é resultante das condições inerentes e gestadas pelas múltiplas combinações interacionais acionadas a partir dos indivíduos, por grupos e por classes sociais, sintetizadas e cristalizadas na própria sociedade. (ALCÂNTARA JUNIOR, 2005, p. 33).

Além disso, como já colocado acima, o humor é fundamental, podendo ser observado na criatividade das sindicalistas para determinadas práticas nos atendimentos. Existe no sindicato uma atmosfera lúdica que preenche tanto a parte dos atendimentos quanto as reuniões internas e o recurso humorístico desenvolve-se como facilitador e tradutor em algumas situações. Alguns materiais gráficos, como estes da última sequência (principalmente os da cartilha da FENATRAD) mostram uma narrativa desprendida de formalidades. Contam com jogos que visam demarcar ou esclarecer uma posição jurídica cara para a autonomia da categoria laboral das trabalhadoras domésticas no Brasil.

As práticas de resistência desenvolvem-se conforme os arranjos familiares, a sociabilidade e a militância. Congruentemente constroem o cotidiano dessas mulheres. Nos atendimentos e nas burocracias internas a família também está presente, assim como as interações onde a comunicação didática e lúdica aparece. No campo da prática, os aspectos burocráticos, de cuidado, as reuniões íntimas do sindicato, bem como as confraternizações aglutinam-se não sendo possível visualizar uma desagregação entre as partes. Percebe-se que política não anda afastada de relações jocosas, bem como não se manifesta somente em ambientes extraordinários, como em congressos ou reuniões formalizadas. Na aprendizagem entre as diretoras, como entre as mulheres atendidas, nas relações familiares e nas festas, o ambiente lúdico se apresenta como fio condutor para uma troca de ideias sobre as condições econômicas, trabalhistas e políticas das trabalhadoras domésticas. Os jogos vistos na cartilha da FENATRAD são um exemplo da importância dos recursos lúdicos, neste caso, para o ensinamento e divulgação da parte interna da dinâmica sindical das mulheres de Pelotas- RS.

São, em grande medida, os aspectos não “sérios” que formam ambiente que abarca luta política e burocracias necessárias para um setor laboral ainda muito invisível.

O jogo e o lúdico não são, obviamente, práticas novas. Acompanham a humanidade como condição primária e originária, como nos diz Huizinga (2012). Em *Homo Ludens- O jogo como elemento da cultura*, este pensador nos diz que a civilização necessita do jogo. O jogo e o “brincar” (elementos lúdicos) estimulam a imaginação. Sendo assim, trago as categorias *lúdico* e *jogo* para compreender o papel que eles ocupam nas práticas das sindicalistas. O jogo é constante em publicações em cartilhas, como a da FENATRAD, mas também em bingos organizados por elas. Não só divertem, como aprendem e transmitem conhecimentos através de jogos.

O jogo, segundo este autor, pode ser compreendido não só por aspectos lúdicos. Pode existir um jogo político ou em outras esferas que não a do esporte, por exemplo. O lúdico tem o elemento prazer arraigado, o jogo não necessariamente, porém o riso e o gracejo se aproximam muito do elemento jogo (ALBORNOZ, 2009). O presente trabalho não pretende dar conta destas acepções por completo, mas é necessário a identificação de que a criatividade está dentro dos aspectos lúdicos que fazem parte do das mulheres sindicalistas, nos atendimentos e nos diálogos internos, nas elucidações jurídicas, nas confraternizações e na militância.

Outro evento relevante para esta reflexão foi da festa formatura da Wine, filha de Ernestina. A festa aconteceu no salão do sindicato e expressou uma dinâmica peculiar no concernente ao tipo de festividade. Wine se formou em Ciência da Computação, inclusive tendo recebido do reitor da UFPEL um certificado atestando a excelência de sua trajetória na graduação. Wine é uma jovem negra, da periferia e filha de uma trabalhadora doméstica militante. Ela desde criança acompanhou a mãe em espaços de luta política e de atendimentos e, assim, se manteve muito próxima ao sindicato. Várias vezes utilizou o espaço da sede sindical para estudar, pois ele localiza-se no centro e bem mais perto da universidade do que o bairro onde mora com Ernestina.

Esta festa de formatura, para mim, foi diferente. E esta percepção se deu devido ao fato de eu conhecer um determinado estilo de formaturas, principalmente da cidade de Santa Maria, as quais marcadas pela atuação de grandes empresas destinadas às organizações de solenidades de colação de grau e de festas privadas. No contexto santa-mariense, as festas são, em geral, feitas em torno da família e de amigos/colegas para celebrarem a conquista do diploma. Percebo a existência de um alto grau de individualismo em volta da festa e da referida conquista. É neste ponto que a formatura de Wine se mostrou diferente, sob minha ótica e de outras pessoas

presentes. Foi uma festa organizada no salão da “Casa do Trabalhador”, com a presença de indivíduos ligados ao sindicato e aos movimentos sociais próximos às trabalhadoras domésticas militantes. No salão, com aproximadamente cinquenta pessoas, além dos familiares e amigos/colegas de Wine, estavam presentes membros dos sindicatos vizinhos, trabalhadoras sindicalistas, o advogado do sindicato, amigos de Ernestina de longa data e eu. A confraternização teve uma discotecagem *black music*, propiciada por um amigo do irmão mais velho de Ernestina, que é sambista. Ainda, a equipe de garçons e organizadores do jantar foi formada basicamente por jovens negros do bairro Fragata. Uma equipe, capitaneada por uma amiga de Ernestina, destinada ao trabalho em formaturas, casamentos, aniversários e demais festividades.

Este evento familiar e privado reflete, dentre outras coisas, a singularidade do grupo das interlocutoras. Reflete as redes de luta do movimento das trabalhadoras domésticas no Brasil, como a história de vida das sindicalistas demonstra também. Por exemplo, lá estava presente um parapsicólogo e antigo Frei capuchinho chamado Antoninho, que trabalhou com Ernestina nos anos noventa. Um homem que, como ele mesmo disse, aproximou, em Pelotas, a Igreja Católica das religiões de matriz africana.

Neste ambiente festivo, Wine fez um discurso em prol das mulheres negras, enfatizando a força de sua mãe para que ela estudasse. Criticou a meritocracia e enalteceu o papel das políticas de ações afirmativas para a educação brasileira. Ernestina e o irmão de Wine também discursaram e enfatizaram as dificuldades da população negra e periférica em um país marcado pela desigualdade racial e de classe.

Para mim, além de ter sido um evento muito divertido e emocionante, fez-me refletir a respeito, como já colocado nas linhas anteriores, da agregação existente entre sociabilidade, militância e família. Práticas de resistência, como os discursos na formatura, representam a indissociável ligação entre esferas aparentemente distintas. Sociabilidade e militância, no cotidiano destas mulheres, edificam um corpo só e a família e as relações de afeto formam o principal ponto de sustentação de uma rede que conta com envolvimento primordiais para o movimento das trabalhadoras domésticas brasileiras, como a Igreja Católica, os movimentos sociais, os representantes políticos, os (as) pesquisadores (as) e as ONGs.



Família é uma categoria de suma importância para as ciências sociais. E, no caso da antropologia, os estudos sobre parentesco formam, juntamente com outras esferas de análise, os textos clássicos da disciplina. Malinowski, Radcliffe- Brown, Evans- Pritchard e Lévi- Strauss, dentre outros antropólogos, deram forte atenção a este tipo de estudo. Estabeleceram discussões a respeito do conceito de família entendida como uma instituição e o de parentesco, que pode ser pensado como uma categoria de análise científica. Existem muitas diferenciações no que se refere ao que é ser parente em culturas diferentes. O parentesco é uma relação social, nunca algo completamente biológico (AUGÉ, 1965). Enquanto uma relação social, diz respeito à existência de alianças, como filiações-matrimoniais ou outras relações de filiação. Como nos mostra Radcliffe-Brown, o parentesco pode ser por brincadeira. Segundo o antropólogo britânico:

Assim, a teoria aqui exposta é que tanto o parentesco por brincadeira, que constituiu uma aliança entre clãs ou tribos, como a que se estabelece pelo casamento, são modalidades de organizar um sistema definido e estável de conduta social onde os componentes de conjunção e de disjunção, tais como definimos, são mantidos e combinados (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 89).

O parentesco por brincadeira se constitui por interações onde a jocosidade e o ato de zombar se fazem presentes entre parentes, antes ou depois de laços matrimônios que mudam a estrutura. É necessário atestar aqui que a ótica do estrutural- funcionalismo deste autor não corresponde com os anseios das presentes linhas, porém enquanto um clássico ajuda- nos a pensar sobre a importância das ligações (relações sociais) que constroem o social. Desta forma, parentesco, assim como outras categorias, deve ser compreendido em relação aos aspectos culturais específicos.

David M. Schneider, antropólogo norte-americano expoente nos estudos sobre parentesco, tenta afastar-se em seus estudos etnográficos dos pressupostos funcionalistas. Aproxima-se da teoria de Geertz, dentre outros, e constrói um estudo antropológico do “parentesco americano” carregado por um viés crítico apontado para terminologias e categorias de análise dos estudos sobre parentesco. Família é por onde o parentesco se guia, ou seja, são coisas diferentes (SCHNEIDER, 2016). Este autor analisou os estudos de parentesco clássicos, ancorando-se em críticas frente às concepções que acabavam por priorizar as significações “reais” e físicas em detrimento das relações específicas de determinada cultura. Assim, segundo Machado (2013):

A resposta a por que o parentesco foi sempre definido em termo das relações que derivam do processo da reprodução humana é arrasadora: muito do que se passa como ciência nas ciências sociais, incluindo a antropologia, deriva diretamente das noções do senso comum, das premissas cotidianas da cultura na qual o cientista vive. Esses postulados da cultura americana e europeia são simplesmente assumidos e colocados na forma de um discurso científico racional. (MACHADO, p. 64).

Schneider critica a noção etnoepistemológica europeia que colocou o parentesco em uma posição privilegiada como centro da vida social (MACHADO, 2013). O parentesco, nestes moldes, precisa abandonar os preceitos biologizantes e tornar possível a comparação entre sociedades. O que o pensador americano contundentemente manifesta em sua trajetória no âmbito dos estudos sobre parentesco é que o parentesco precisa de um predomínio das compreensões do simbólico em detrimento das concepções arraigadas à reprodução. Sugere que deve ocorrer uma mudança de posição onde as relações descritas pelos “nativos” sejam priorizadas. A vertente europeia seria, assim, uma ilusão não genericamente aplicável (MACHADO, 2013).

No clássico trabalho de Cláudia Fonseca (2000), chamado Família, Fofoca e Honra, houve uma constatação de que na comunidade em que ocorreu a pesquisa de campo existia uma recorrência de instabilidades conjugais e de famílias com as mulheres como “chefes de família”. Na presente etnografia e nas pesquisas da referida antropóloga, as classes populares e suas

dimensões familiares aparecem no centro de reflexões antropológicas. Como Fonseca (2000) pontua, a família é uma barreira quando se trata de grupos populares. Há, segundo ela uma dificuldade de relativização do comportamento familiar em comparação com outras esferas da vida social. Assim, buscando um afastamento de considerações que limitam a compreensão das práticas, me aproximo de Cláudia Fonseca quando nos diz que existe um empobrecimento da análise de classes e famílias populares quando se reduz as relações às comparações com “grupos hegemônicos”. Aquela velha frase “fulano queria ser, no fundo burguês” é um exemplo. O que se sustenta aqui, então, é que é mais adequado se olhar para as relações e para os modelos alternativos que surgem nas classes populares enquanto mudanças. Novas práticas surgem das mudanças das situações de classe (FONSECA, 2000).

O que pude perceber ao longo do trabalho de campo em Pelotas é que a família organiza e está sempre presente em um contexto onde o lúdico se confunde com a prática política convencional. A vida íntima do sindicato é assim construída perante as práticas cotidianas de resistência ligadas à luta por direitos e pelas superações de opressões enraizadas na sociedade brasileira. As relações deste grupo, tendo a família como contudente alicerce, dizem respeito também às mudanças e às novas configurações de classe. É um grupo que tem a família e o sangue como aglutinadores, mas ao mesmo tempo é influenciado pelos afetos circunscritos nas solidariedades da luta política. Wine e Miriam são mulheres negras que se formaram na universidade, viveram muitos anos próximas de organizações políticas que buscam autonomias legais e políticas e participaram de uma mudança referente às relações de classe social e raça no Brasil.

O que se pretendeu, aqui, foi apontar que as configurações familiares devem ser compreendidas como componentes das complexas relações que apresentam-se como redes de apoio aos círculos sindicais das trabalhadoras domésticas militantes de Pelotas. Afeto, militância, sociabilidade, ludicidade e os atendimentos burocráticos constroem o universo em questão e certamente se está longe da apresentação de certezas ou conclusões para essa discussão. Entretanto, as questões inerentes às relações familiares dizem respeito à diversidade do grupo e ao seu histórico de luta e de classe. Fazem desenvolver práticas de resistência significativas frente aos problemas sociais incrustados nas realidades das trabalhadoras domésticas e das mulheres negras e periféricas de Pelotas e do Brasil.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos pensamentos afloraram nas partes conclusivas desta dissertação. Alguns angustiantes, devido ao fim de um ciclo de pesquisa, mas outros revigorantes, pois vislumbram processos criativos a serem refletidos a partir daqui. A etnografia apresentada aqui gerou mais surpresas do que certezas e foi um processo e uma experiência não lineares. A etnografia foi se construindo cambaleante e com mudanças não esperadas no começo do mestrado. Definitivamente, é o trabalho de campo que direciona um trabalho antropológico. É a prática que faz emergir os dados e as tensões geradas pela experiência. Sendo assim, falarei brevemente do que ocorreu nos três capítulos que exprimem a principal parte de todo o processo de pesquisa e que balizam em palavras o caminho percorrido para a realização desta dissertação.

Tentando responder a pergunta norteadora desta pesquisa antropológica (De que modo práticas de resistência se desenvolvem no cotidiano de trabalhadoras domésticas ligadas ao sindicato da categoria na cidade de Pelotas-RS, contemporaneamente?) as linhas anteriores buscaram compreender o desenvolvimento cotidiano das práticas de resistência de mulheres trabalhadoras domésticas sindicalizadas de uma forma que salientasse o processo etnográfico de pesquisa. Para esta compreensão, lancei mão de uma tentativa de antropologia compartilhada com a produção das *fotobiografias* e do convívio prolongado com observação participante no sindicato e em alguns eventos relacionados a ele. Assim, se construiu a etnografia da presente dissertação. Uma etnografia *multisituada* com propósitos de se desvelarem questões obscurecidas pela vida cotidiana. Neste caso, o cotidiano do sindicato de Pelotas, sustentado por práticas de resistências não facilmente percebidas em discursos públicos.

No capítulo I, intitulado *Recortes teórico- metodológicos: O percurso da pesquisa Etnográfica*, mostrei como cheguei, dentro da minha trajetória acadêmica, aos estudos sobre trabalhadoras domésticas e cotidiano. Além disso, refleti acerca da teoria antropológica que me inspirou para a edificação desta pesquisa, evidenciando a etnografia *multisituada*, que foi realizada em consonância com a antropologia compartilhada e com a antropologia visual. Por fim, com uma primeira descrição etnográfica, colocada em palavras e imagens, busquei refletir sobre minha inserção em campo na viagem que fiz com o grupo de mulheres até a Romaria da Terra. Ainda, neste mesmo propósito, apresentei o universo de pesquisa e as interlocutoras ao mesmo tempo em que coloquei em evidência a minha ida a Pelotas e o percurso da pesquisa etnográfica.

Já no capítulo II, chamado *Fotobiografia- Histórias de vida, Serviço Doméstico brasileiro e suas Mobilizações*, a *fotobiografia*, enquanto construção compartilhada com autoria fluida entre pesquisador e interlocutoras, as histórias de vida são colocadas em primeiro plano. Com as imagens escolhidas, os depoimentos e a estética da *fotobiografia* as interlocutoras narraram importantes cominhos de suas vidas que são conectados à história dos sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil. Nesta parte da pesquisa, o movimento das trabalhadoras domésticas e as *fotobiografias* nos contam que a resistência é alicerçada por parceiros de luta (Igreja Católica, Movimento Negro, Movimento Feminista, dentre outros), historicamente consolidados, ao mesmo tempo em que não se apresentam de forma separada para o desenvolvimento de práticas na vida ordinária dessas mulheres. As histórias de vida, aqui, vinculadas aos dados etnográficos do cotidiano das interlocutoras, fizeram aproximar a história do movimento, desde os anos 1930, aos percursos militantes ocorridos em Pelotas- RS.

No capítulo III, denominado *Atendimentos, Aprendizagem e Sociabilidade- A Dinâmica Interna Do Sindicato*, realizado a partir da observação participante no cotidiano do sindicato. Apresentei o ambiente interno, as dinâmicas de trabalho e as relações de sociabilidade e lazer. O universo, aqui, é composto por atendimentos diários, onde acontecem rescisões de salários, bem como diversas abordagens que ajudam muitas mulheres da região a se situarem em um local mais adequado para o alcance de direitos trabalhistas, sociais e políticos essenciais para o campo do serviço doméstico.

Neste processo o que se evidenciou, portanto, foi uma dinâmica marcada por peculiaridades que propiciam o desenvolvimento de práticas de resistência dessas mulheres. Os atendimentos mostraram que existe um trabalho de cuidado que dita o ritmo de várias ações e revela a destreza e o esmero, com o uso do humor, das diretoras sindicais. Ao mesmo, este contexto revelou que muitas mulheres que buscaram contato para algum serviço do sindicato ainda vivem na informalidade, mesmo com a preocupação sindical e com as recentes conquistas por direitos.

Também, dentro disso, apresentaram-se como centrais para a comunicação e para a aprendizagem os panfletos em seus usos cotidianos. Os panfletos dizem respeito a um canal facilitador que, ao mesmo tempo em que contém uma narrativa ampla e nacional do movimento, ensinam e deixam mais claras situações, direitos, leis, oportunidades, dentre outras coisas, que rondam a atmosfera laboral e sindical do serviço doméstico brasileiro. Não somente em protestos ou em outras ações comuns aos sindicatos, mas também nos atendimentos e nas reuniões corriqueiras, a comunicação e o aprendizado via materiais gráficos se mostraram como práticas de resistência das diretoras de Pelotas.

Por fim, ainda no capítulo III, o cotidiano do sindicato, com os atendimentos e as reuniões organizativas do grupo, apontou para um aspecto onde a família é, dentro de uma rede de sociabilidade e militância, crucial para a manutenção de diversas atividades. Eventos como almoços, bingos e jantares, formam-se somente devido ao papel da família nas relações de sociabilidade contidas na vida ordinária do sindicato. Sem a família das sindicalistas em reuniões e em outras práticas, não seria possível a organização e efetivação dos eventos do sindicato.

Foram três capítulos que visaram elucidar algumas questões ao mesmo tempo em que tentaram experimentar formas de pesquisa com este grupo, onde em diferentes partes de escrita, procurou-se não “dar voz” às trabalhadoras domésticas militantes. Voz elas têm e muito! São autônomas e fortes lutadoras por melhores condições que acabam por extrapolar o campo específico do serviço doméstico. O que busquei foi tornar mais visível as atividades ocultas do sindicalismo das trabalhadoras domésticas, ressaltando suas capacidades criativas para pensar e produzir narrativas sobre as resistências de mulheres que lutam diariamente por melhores condições.

Em suma, a presente etnografia compreendeu que as práticas de resistência se desenvolvem em uma dinâmica onde histórias de vida, história do sindicalismo das trabalhadoras domésticas, militância, sociabilidade, trabalho de cuidado, aprendizagem, lazer e família formam uma rede consistente que não pode ser facilmente restringida aos parceiros, que por mais importantes que tenham sido, dizem respeito a uma parte de um todo mais complexo.

Há, na luta sindical dessa categoria, uma robustez relacionada às operações perniciosas advindas das relações de poder governamentais e trabalhistas que são resistências ao modo colonialista que alimenta desigualdades na sociedade brasileira. As práticas de resistência do cotidiano do sindicato demonstram a necessária insistência da classe trabalhadora e das mulheres negras perante os retrocessos da atual conjuntura política do Brasil. O golpe, consolidado em 2016, por exemplo, pode ser pensado como uma reação aos acessos dos mais pobres a diversos consumos e atividades abertas pelos governos de cunho mais progressistas do PT. As interlocutoras desta pesquisa buscam protagonismo não só em conferências ou congressos nas capitais do país, cotidianamente esforçam-se para alcançarem meios, e isso se percebe através das práticas de “empoderamento” da trabalhadora doméstica. Ordinariamente, não descansam e não esperam que parceiros (como advogados e pesquisadores/as) realizem atividades por elas. Pretendem a tomada de consciência da classe das trabalhadoras domésticas em relação às condições desfavoráveis e favoráveis, em relação à dignidade de seus trabalhos.

Não refletem motivações somente direcionadas para melhorias condizentes com mudanças trabalhistas e legais, por mais importantes e essenciais que sejam.

Para “finalizar”, saliento a incompletude da presente dissertação, pois o tema é vasto e pode gerar inúmeros objetos de pesquisas. Para trabalhos futuros, algumas preocupações podem ocasionar pesquisas interessantes em diferentes áreas. As discussões de categorias como *família*, em especial, se mostram ainda muito incipientes para se pensar a luta política das trabalhadoras domésticas no âmbito da vida ordinária do sindicato. Também são possíveis análises das produções materiais e imateriais dos sindicatos, dos deslocamentos urbanos das mulheres sindicalizadas, das criatividades comunicacionais existentes entre elas e determinados grupos e das participações de mulheres militantes do serviço doméstico na política legislativa.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. G. Jogo e Trabalho: do homo ludens, de Johann Huizinga, ao ócio criativo, de Domênico de Masi. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v.12, n. 1, p. 75-92. 2009.

ALCÂNTARA J. J. O conceito de sociabilidade em georg simmel. **Ciências Humanas em Revista**. v. 3, n. 2, 2005.

BERNARDINO-COSTA, J. Colonialidade do Poder e Sulbaternidade: os sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Revista Brasileira do Caribe**. v. 7, n. 14, p. 311-345, 2007.

\_\_\_\_\_. Joaze. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Sociedade e Estado** (UnB. Impresso), v. 30, p. 147-163, 2015.

\_\_\_\_\_. Joaze. **Sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil: teorias da descolonização e saberes subalternos**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. Joaze et al., **Tensões e Experiências: um retrato das trabalhadoras domésticas de Brasília e Salvador**. Brasília: Cfemea: MDG3 Fund, 2011.

BRITES, J. G.; OLIVEIRA, E. P.; MONTICELLI, T. A. Serviço doméstico, participação política e cidadania um estudo a partir da inserção política das mulheres. In: 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2012, São Paulo. **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2012.

BRITES, J. G. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**. v. 91, n. 109, 2007.

\_\_\_\_\_. Jurema. **Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico**. 2000. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. Jurema. Serviço doméstico: elementos políticos de um campo desprovido de ilusões. **Campos: Revista de Antropologia Social**, Curitiba, n. 3, p. 65-78, 2003.

\_\_\_\_\_. Jurema. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. **Cadernos de pesquisa**. v. 43, n. 149, p. 422-451, 2013.

BRUNO, F. **Fotobiografia. Por uma antropologia da estética em Antropologia**. 2009 Tese. (Programa de Pós-Graduação em Multimeios). Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

BRUNO, F. Uma antropologia das “super-vivências”: as fotobiografias. In: SAMAIN, E. **Como pensam as imagens**. São Paulo: UNICAMP, 2012.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, p. 537-572, 2007.

BURKE, A. B. P. **Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=VSQRDQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Uma+Hist%C3%B3ria+Social+da>>

M%C3%ADdia+&ots=50xu2BupP7&sig=prC4Ytxb258XWwVUW9kgtWx5wrU#v=onepa e&q=Uma%20Hist%C3%B3ria%20Social%20da%20M%C3%ADdia&f=false.> Acesso em 15 fev. 2018.

CARDOSO DE OLIVEIRA, C. R. “A categoria de (des) ordem e a pós-modernidade da antropologia”. In: **Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

CASTRO, C. **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes. 3ª ed., 1998.

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos de Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, n. 10, p. 171-188, 2002.

CRESPO, F. N. Laudelina de Campos Mello: Histórias de Vida e Demandas do Presente no Ensino de História. **Cantareira**, v. II, p. 162-177, 2016.

DANTAS, L. M. S. **As domésticas vão acabar? Narrativas biográficas e o trabalho como duração e intersecção por meio de uma etnografia multi-situada - Belém/PA, Porto Alegre/RS e Salvador/BA**. 2015. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEVETTER, F-X. ¿Por qué externalizar las tareas domésticas? Analisis de las lógicas desigualitarias que estructuran la demanda en Francia. **Revista de Estudios Sociales**, n. 45, p. 80-95, 2013.

DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educacional**, v. 7, n. 22, p. 115-128, 2007.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer. Uma descrição de modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FELDMAN-BIANCO, B. “Introdução”. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.

FERRAZ, A. L. M. C. **Dramaturgias da Autonomia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

FONSECA, C. “**Família, fofoca e honra: a etnografia de violência e relações de gênero em grupos populares**”. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 10, p. 58-78, 1999.

FRAGA, A. B. **De empregada a diarista: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado**. 2010. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1ª ed, 1973. GEERTZ, C. O saber local. Petrópolis: Vozes. 3ª ed, 1997.

\_\_\_\_\_. Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Vozes. 3ª ed, 1997.

GODOLPHIN, N. A fotografia com recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**. v. 1, n. 2, p. 161-185, 1995.

GOLDSMITH, M. La experiencia de Conlactraho como organización internacional de trabajadores y trabajadoras domésticas. **Revista de derechos humanos**. n. 1, 2012.

GONÇALVES, M. A. Filme ritual e etnografia surrealista: Os Mestres Loucos de Jean Rouch. In: **O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

GUERRA, L. D.; MARIZ, C. L. Algumas reflexões sobre a Reação Conservadora na Igreja Católica. **Comunicações do Iser**, Rio de Janeiro, n.39, 1991.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**. v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HOCCHSCHILD, A. **La mercantilización de la vida íntima**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

INGOLD, T. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, n. 44, p. 21-36, 2015.

\_\_\_\_\_. Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

**INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA)**. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=29526](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526)> Acesso em 3 jul. 2018.

LAIGNIER, P. Primórdios: da comunicação oral ao advento da escrita. In: Pablo Laignier; Rafael Fortes. (Org.). **Introdução à História da Comunicação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=C17f6aUEKWcC&oi=fnd&pg=PA5&dq=Introdu%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Hist%C3%B3ria+da+Comunica%C3%A7%C3%A3o&ots=yoBtAM1NwY&sig=CMHkfSjaw-A1GcwP3ds>> Acesso em 5 fev. 2018.

MACHADO, I. J. **A antropologia de Schneider: pequena introdução**. São Paulo, EdUFScar, 2013).

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. Bronislaw. **Uma Teoria Científica da Cultura**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCUS, G. E. Etnografia em/del sistema mundo. El surgimento de la etnografia multilocal, **Alteridades**, v.11, n.22, p.11-127, 2001.

MELLO, S. C.; OLIVEIRA, F. V. B.; PEDRO, J. M. O feminismo marxista e o trabalho doméstico: discutindo com Heleieth Saffioti e Zuleika Alambert. *História Unisinos*, v. 4, p. 132-138, 2005.

MELO H. P.; CASTILHO M. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? **Revista de Economia Contemporânea**. Rio de Janeiro. v. 13, n. 1, p. 135-158, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2- ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999. “Prefácio”.

MOL, A. **The logic of care: Health and the problem of patient choice**. New York: Routledge. n. 45 2008.

MONTEIRO, V. G. **Uma Arqueologia das Paisagens da Escravidão na Cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (1832-1850)**. 2016. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Antropologia), Universidade Federal de Pelotas, 2016.

MONTICELLI, T. **Diaristas, Afeto e Escolhas: Ressignificações no Trabalho Doméstico Remunerado**. 2013. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, 2013.

NETO, F. L. P. S. Observar a cidade e seus habitantes: a contribuição da etnografia. **Pixo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade**, v. 1, p. 104-115, 2017.

NICHOLSON, L. **Feminismo e Marx: integrando o parentesco com o econômico**. In: CORNELL, D.; BEHABIB, S. *Feminismo como crítica da modernidade: releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, p. 23 - 37.

NOVAES. S. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**. v. 3, n. 2, p. 57-67, 2014.

OLIVEIRA, E. P. **Cursos para trabalhadoras domésticas: estratégias de modelagem**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Organização Internacional Do Trabalho (OIT) Disponível em: <<http://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang-pt/index.htm>> Acesso em 25 jul. 2018.

**Organização Internacional do Trabalho (OIT)**. Disponível em: <<http://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang-pt/index.htm>> Acesso em 25 jul. 2018

ORTNER, S. “Uma atualização da teoria da prática”. In: GROSSI, M.; ECKERT, C.; FRY, P. *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra/ABA, 2007. p. 161-185, 1995.

PASSERON, J-C. **O raciocínio Sociológico: um raciocínio de entremeio**. In: *O Raciocínio Sociológico: o espaço não- popperiano do raciocínio natural*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PIAULT, M-H. **Real e ficção: onde está o problema?** In: KOURI, Mauro G. P. *Imagem e Memória. Ensaios em Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

PINHO, R. Clifford Geertz (1926-2006). In: Everardo Rocha; Marina Frid. (Org.). **Os antropólogos: De Edward Tylor a Pierre Clastres**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vozes; PUC, Petrópolis, 2015.

PINTO, E. A. **Etnicidade, gênero e educação: a trajetória de vida de Laudelina de Campos Mello (1904-1991)**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2015.

QUIJANO, A. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina” (2000). In: Clím11aco Danilo Assis (comp.). Aníbal Quijano: Cuestiones y Horizonte. Antología 120 Esencial. **De la dependência histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

RADCLIFFE-BROWN, R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RIBEIRO, F; VIEIRA, S. O zoneamento urbano como estratégia de preservação da paisagem cultural do centro histórico de Pelotas, RS. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, v. 6, p. 283-303, 2014.

RIUTORT, P. **Compêndio de sociologia**. São Paulo: Paulus, 2008.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. **Etnografia: Saberes e Práticas**. In. Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (org). Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

BONOW, M. R. '**A vida é um jogo para quem tem ancas**': uma arqueologia documental sobre mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SALAMON, R. C. Antropología de las prácticas cotidianas: Michel de Certeau. Chungara, **Revista de Antropologia Chilena**. v. 48, n.4, p.679-690.

SAMAIN, E. “„Ver“ e „dizer“ na tradição etnográficas: B. Malinowski e a fotografia. Horizontes Antropológicos. p. 19-48. Porto Alegre, 1995.

SAMAIN, E. Descobrir Balinese Character, Um livro mítico. In: ALVES, A. **Os Argonautas do Mangue**. São Paulo: Unicamp, 2004, p.49-66.

SCHELLEKENS, T; SCHOOT, A. V. D.. **Trabajadoras del hogar em Paru: el difícil camino a la organización**. In: CHANEY, Elsa e GARCIA CASTRO, Mary (orgs) Muchacha / cachifa / criada / empleada/ empregadinha / sirvienta y... más nada: trabaja doras domésticas en América Latina y Caribe. Venezuela: EPU, 1999.

SCHNEIDER, D. M. **Parentesco americano: uma exposição cultural**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SCOTT, J. **Los dominados y el arte de la resistencia**, México: Era, 2000.

SILVA NETO, F. L. P.; FONSECA, A. Pensar a cidade no Brasil: limitações, potencialidades e perspectivas A cidade a partir das margens: modos de habitar e a constituição dos territórios periféricos de Pelotas/RS, Brasil. **Sociabilidades Urbanas**, v. 1, p. 53-64, 2017.

SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SOLIS, C. V. **Culturas del Cuidado em Transición.Espacios, sujetos e iamginarios em uma sociedade de migración**. Barcelona: Editorial UOC, 2009.

SOUZA, A. R. Igreja Católica e Mercados: a Ambivalência entre a Solidariedade e a Competição. **Religião e Sociedade**. v 27, n 1, p. 156-174.

STOCKING, Jr., GEORGE, W. "**Os pressupostos básicos da Antropologia de Boas**" In: A formação da antropologia americana, 1883- 1911: antologia Franz Boas. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ, 2004.

TARRÉS, M. L. Reseña de "Los dominados y el arte de la resistencia" de James Scott. **Estudios Sociológicos**, vol. XIX, n. 3, p. 857-860. México, 2000.

TRONTO, J. C. **Mulheres e Cuidados: O que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso?** In: BORDO, SUSAN. R., JAGGAR, ALISON. M. Gênero, Corpo, Conhecimento. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos. 1997.